



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
CAMPUS DE CAJAZEIRAS



LUCIANA DA SILVA

**LEITURA DE FÁBULAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO:
CADERNO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL (5º ANO)**

CAJAZEIRAS
2021

LUCIANA DA SILVA

**LEITURA DE FÁBULAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO:
CADERNO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL (5º ANO)**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras na área de concentração de Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof.º Dr.º Marcílio Queiroga

CAJAZEIRAS
2021

S5861 Silva, Luciana da.
Leitura de fábulas na formação do leitor literário: caderno pedagógico para os anos iniciais do Ensino Fundamental (5º ano) / Luciana da Silva. - Cajazeiras, 2021.
113f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio Queiroga.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS)
UFCG/CFP, 2021.

1. Leitura. 2. Literatura infantil. 3. Fábulas. 4. Formação de leitores. 5. Ensino fundamental. 6. Texto literário. 7. Leitura literária. I. Queiroga, Marcílio. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS CDU - 028(043.3)

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

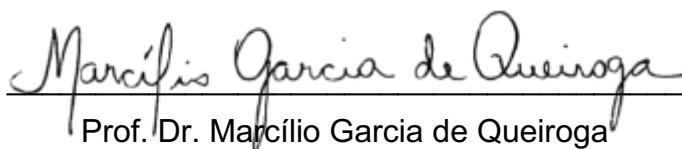
LUCIANA DA SILVA

**LEITURA DE FÁBULAS NA FORMAÇÃO DO LEITOR LITERÁRIO:
CADERNO PEDAGÓGICO PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL (5º ANO)**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Campina Grande, *Campus* de Cajazeiras, na área de concentração Linguagens e Letramentos, linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 30 de abril de 2021

Banca Examinadora


Prof. Dr. Marcílio Garcia de Queiroga

(UFCG/CFP/UAL/PROFLETRAS)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Moama Lorena de Lacerda Marques

(UFPB/DDLT/CCAIE)

PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

(UFCG/CFP/UAL/PROFLETRAS)

À Ana Maria da Silva (In memoriam)

À pessoa que muito me ensinou, através do seu exemplo, garra, disposição, força, coragem e acima de tudo com muito zelo, carinho e amor incondicional, dedico o fruto deste trabalho. Mãe, foi com você que aprendi que devemos ter coragem e não desistir nunca. Fazer da fraqueza a força para enfrentarmos nossos desafios de cabeça erguida e conseguirmos a vitória.

Mesmo não estando fisicamente presente, és meu porto seguro em todas as horas e sei que de onde você está continua a zelar por mim.

Esta etapa finalizada é dedicada com muito amor a você, que foi minha primeira professora da vida, motivo de muito orgulho e que sempre continuará em meus pensamentos.

Com amor, dedico!!

AGRADECIMENTOS

A Deus, o Senhor Supremo de nossas vidas, que nos concedeu a bênção da realização deste sonho, em meio a tantas dificuldades enfrentadas e vividas nestes tempos adversos.

A Nossa Senhora, fonte de amor e proteção nas horas difíceis.

A minha família, por tudo que representa em minha vida e principalmente pela torcida e apoio incondicional.

À Turma VI do PROFLETRAS, pela troca de conhecimentos, ajuda mútua e companheirismo que dividimos nesta jornada.

Em especial, ao meu grupo de estudo: Bárbara, Daniel, Cida, Mazé e Yeda. Pessoas que foram fundamentais quando mais precisei e com as quais aprendi muito. Amigos que guardo em meu coração.

Ao PROFLETRAS, pela qualidade e profissionalismo tão relevantes para nossa formação.

Ao Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa e à Prof^a. Moama Lorena de Lacerda Marques, pelas inúmeras sugestões apontadas na Qualificação, com vistas à melhoria deste trabalho.

Ao meu orientador Marcílio Garcia de Queiroga, por todo o tempo dispensado, valiosas contribuições, delicadeza e paciência para concretização desta etapa final.

Quem começa pela menina da capinha vermelha, pode acabar nos diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravage dos livros instrutivos e cívicos, não chegará até lá nunca. Não adquire o amor da leitura.

Monteiro Lobato

RESUMO

O texto literário configura-se como uma das mais importantes fontes de colaboração na formação de leitores, já que é portador de qualidade estética e faz uso especial da linguagem. A leitura do texto literário tem se mostrado efetiva para o desenvolvimento intelectual do ser humano, como um instrumento valioso para formação de leitores críticos e o despertar da sensibilidade e humanização dos indivíduos. Nesse sentido, é primordial reconhecer que a relevante função de formar leitores, normalmente atribuída à escola, seja empreendida por meio da leitura desses textos, carregados de saberes sobre o homem e o mundo, e que, proporcionam experiências intensas ao leitor. Esta pesquisa parte da reflexão sobre a importância da leitura literária no processo de formação de leitores, desde as séries iniciais até a consolidação de leitores autônomos, tendo em vista a formação de cidadãos independentes, ativos e com poder de discernimento perante a sociedade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza aplicada e abordagem qualitativa. Objetivamos discutir o gênero fábula como instrumento para despertar o gosto pela leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental (5º ano), a fim de contribuir com o crescimento intelectual do aluno e formarmos leitores proficientes. Buscamos discutir aspectos relacionados à literatura infantil, sua ligação com a escola e apresentar a proposta do uso de fábulas como componente para a formação de leitores desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, para isso, apresentamos como produto da pesquisa um caderno pedagógico com sequências didáticas baseadas no modelo de sequência básica de Cosson (2018), como suporte aplicável em turmas das séries iniciais do Ensino Fundamental (5º ano). A fábula é um dos mais antigos gêneros literários e, por vias da oralidade, muito antes do desenvolvimento da escrita, já circulava em praticamente todas as culturas, tendo sido usado para fins diversos. Por ser um gênero curto, que traz moralidades, foi facilmente englobado no universo da literatura infantil e usado para fins pedagógicos. Nosso aporte teórico tem como base as concepções de Dezotti (2018), Oliveira (2011), Coelho (2000), Zilberman (2004), Cosson (2018), Soares (2013), Matos e Sorsy (2009), Costa (2003), Aguiar (2013), Cardematori (1986), Bagno (2006), Alves (2007), Sole (1998), Orlandi (2012), Kleiman (1989), Frantz (2011), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura infantil. Fábulas. Formação de leitores.

RESUMEN

El texto literario se configura como una de las fuentes de colaboración más importantes para la formación de lectores, ya que tiene una calidad estética y usa el lenguaje de manera especial. La lectura del texto literario se ha mostrado eficaz para el desarrollo intelectual del ser humano, como un valioso instrumento para la formación de lectores críticos y el despertar de la sensibilidad y de la humanización de los sujetos. En este sentido, es fundamental tener en cuenta que la relevante función de formación de lectores, normalmente atribuida a la escuela, sea realizada a través de la lectura de estos textos, cargados de conocimientos sobre la humanidad y del mundo, y que favorezcan experiencias intensas al lector. Esta investigación parte de la reflexión sobre la importancia de la lectura literaria en el proceso de formación de lectores, a partir de las series iniciales hasta la consolidación de lectores autónomos, teniendo en cuenta la formación de ciudadanos independientes, activos y con capacidad de discernimiento en relación en la sociedad. Se trata de una investigación bibliográfica, de carácter aplicado y con enfoque cualitativo. Objetivamos discutir el género fábula como instrumento para estimular el gusto por la lectura literaria en el 5º año de la primaria, con el fin de colaborar con el crecimiento intelectual del alumno y formar lectores competentes. Buscamos discutir aspectos relacionados con la literatura infantil, su relación con la escuela y presentar una propuesta del uso de las fábulas como componente para la formación de lectores desde el inicio de la Educación Primaria, por lo tanto, presentamos como producto de la investigación un cuaderno pedagógico con secuencias didácticas basadas en el modelo de secuencia básica de Cosson (2018), como soporte aplicable en los grupos del 5º año de Primaria. La fábula son dos géneros literarios más antiguos y, oralmente, mucho antes del desarrollo de la escritura, prácticamente circulaba en todas las culturas, habiendo sido utilizada para diversos fines. Por ser un género corto, que presenta moralidades, se integró fácilmente en el universo de la literatura infantil y se utilizó con fines pedagógicos. Nuestro aporte teórico se basa en las concepciones de Dezotti (2018), Oliveira (2011), Coelho (2000), Zilberman (2004), Cosson (2018), Soares (2013), Matos y Sorsy (2009), Costa (2003), Aguiar (2013), Cardematori (1986), Bagno (2006), Alves (2007), Sole (1998), Orlandi (2012), Kleiman (1989), Frantz (2011), entre otros.

Palabras clave: Literatura infantil. Fábulas. Formación de lectores.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	16
2.1 O QUE É LITERATURA INFANTIL.....	19
2.2 LITERATURA INFANTIL – CONTEXTO HISTÓRICO.....	21
2.3 LITERATURA INFANTIL NO BRASIL.....	24
2.4 A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E ESCOLA.....	30
3 FÁBULAS: CONTEXTUALIZAÇÃO E MEDIAÇÃO DO GÊNERO NA FORMAÇÃO LEITORA.....	34
3.1 A HISTÓRIA E O SIGNIFICADO DAS FÁBULAS.....	34
3.2 GRANDES FABULISTAS.....	38
3.3 FÁBULAS E GÊNEROS ANÁLOGOS.....	42
3.4 A FÁBULA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR.....	43
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	50
5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	106
REFERÊNCIAS.....	108

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que a leitura é fundamental, necessária e imprescindível para o ser humano, já que além de ampliar seus conhecimentos de mundo, o capacita para as diferentes formas de interação na sociedade. Inúmeros são os conceitos de leitura delineados por estudiosos, ao longo dos tempos e, evidenciam-se os avanços acerca desta temática. A visão de leitura defendida por autores, décadas atrás, foi superada e adquire um novo conceito nos dias atuais. Por muito tempo, era considerado um bom leitor, aquele que obtivesse um bom desempenho lendo em voz alta, mas ler não é apenas identificar palavras em textos, mais do que isso, é reconhecer que essas palavras têm determinado sentido dentro do contexto em que se encontra.

Para Kleimam (1989, p.10) “a leitura é um ato social, entre dois sujeitos- leitor e autor- que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Nesta perspectiva, a leitura deve ser entendida como o um processo social e interativo, sendo o texto o fruto de um trabalho anterior do autor que desafia o leitor a construir novos sentidos, e não apenas decodificando grafemas, fonemas, símbolos.

Reforçando este pensamento, encontramos nos Parâmetros Curriculares Nacionais, no tópico Prática de leitura, a seguinte definição:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (BRASIL, 1997, p. 53).

Claramente entende-se que a leitura deve ter significado para o leitor, havendo a compreensão do que foi lido, não se tratando apenas de mera codificação de letra por letra, palavra por palavra. A decodificação é apenas um dos procedimentos utilizados pelo leitor, para posteriormente aprofundar sua leitura, analisando-a e fazendo correlação com outros textos já lidos. Adquirir esta proficiência não é fácil, mas propiciará melhores chances de ascensão social, tanto no mercado de trabalho, quanto nas relações sociais de forma geral, dado o leque de possibilidades que a leitura oportuniza ao ser humano.

Curiosamente, o instituto Pró-Livro, que tem como missão “transformar o Brasil em um país de leitores” e que, nesse sentido, realiza a pesquisa Retrato de Leitura no Brasil com o objetivo de avaliar o comportamento do leitor, mais especificamente em relação à literatura desde o ano 2000, revelou que o país apresenta queda no número de leitores. A quinta edição da pesquisa indica que a quantidade de leitores no país caiu de 56% em 2015 para 52% em 2019. Os resultados de 2019 apontam a existência de 52% de leitores e 48% não leitores entre os entrevistados. Em 2015, eram 56% leitores e 44% não leitores. Frente a esta realidade, percebemos que os esforços e políticas públicas em relação à leitura precisam crescer e muito, para que atinjam melhores resultados.

Diante desta constatação, e da inquietação de anos de prática em sala de aula do ensino fundamental, em relação a esta dificuldade de compreensão do texto que os alunos apresentam, bem como a necessidade de incentivar já nos primeiros anos de escola o gosto pela leitura literária, é que justificamos esta pesquisa. Assim, consideramos fundamental, já nas séries iniciais (5º ano), incidir sobre este processo de forma ativa e que objetive a formação de leitores que compreendam o que leem e possam interagir eficazmente utilizando a linguagem. Oportunizar a aproximação da criança ao texto é uma das tarefas mais delicadas para o professor em sala de aula.

Nessa perspectiva, centramos nosso estudo na reflexão sobre a importância da leitura literária com as crianças, tendo em vista a formação de cidadãos autônomos, ativos e com poder de discernimento e decisão perante a sociedade. Utilizamos como recurso a leitura de fábulas, por considerá-las atrativas para despertar o gosto pela leitura nesta faixa etária, dado o seu conteúdo lúdico, o encantamento, além de serem propícias para trabalharmos elementos fundamentais para uma boa formação do indivíduo, através do seu caráter moralizador e as mensagens de valores embutidas nestas através de seus personagens. A extensão das fábulas permitirá aos alunos o contato e a exploração de um número maior de textos, bem como, permitirá a possibilidade de contrastá-los com atualizações e gêneros análogos.

Compartilhamos do pensamento de Cosson (2018), que defende que a literatura deve ter espaço significativo na sala de aula, uma vez que, por meio da leitura de obras literárias, quando ensinadas adequadamente, exercem um papel fundamental a cumprir na vida do educando. Entenda-se por leituras literárias ensinadas adequadamente, aquelas que consideram o texto em sua totalidade,

fugindo da fragmentação e que muitas vezes utilizam o texto apenas como pretexto para aulas de gramática e elaboração de conceitos desvirtuando o texto literário. Nesse sentido, inserir práticas para trabalhar com a literatura infantil contribui em diversos fatores para o desenvolvimento da criança. Segundo Costa (2013, p. 27):

Ao tomar contato com a literatura infantil, a criança aprenderá não apenas a familiarizar-se com a linguagem escrita. Muito mais do que isso, a criança estará formando o modo de pensar, os valores ideológicos, os padrões de comportamento de sua sociedade e, em especial, estará alimentando seu imaginário.

Dessa forma, tornam-se relevantes, práticas de leituras literárias já nos anos iniciais, pois este hábito de leitura na infância contribui para uma formação leitora consistente, ajuda a despertar o senso crítico, além de auxiliar o aprendizado das crianças, desenvolve a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa.

O trabalho com fábulas em sala de aula pode ser uma maneira de incentivar nos estudantes das séries iniciais do ensino fundamental o gosto e o hábito da leitura. Sabemos que há uma resistência dos educandos a textos mais complexos e mais extensos. A fábula surge, então, como um modo de aproximá-los da literatura sem impor-lhes imediatamente leituras mais longas. Essa estratégia servirá para que percebam os ganhos advindos do contato com o gênero em questão, e através da leitura delas desenvolva a criticidade, o raciocínio reflexivo. De acordo com Lima e Rosa (2012, p. 160):

Uma vez, que o aluno compreende e reconhece a fábula, isso lhe possibilita uma orientação para a vida em dois aspectos; um em que concluem o entendimento de situações humanas fundamentais, e o outro em que a verdade abre seus olhos para o real, desconfortável lado da vida. Ao se trabalhar a fábula, percebe-se que ela tem nas aulas de literatura ou de português um significado especial na formação da personalidade dos alunos. Enquanto discurso, a fábula é uma fórmula específica de comunicar pensamentos críticos. Ela dirige-se à inteligência, provoca discussões, desafia a crítica e fomenta capacidade dos alunos de analisar e julgar. As fábulas fazem o aluno observar situações de conflito, que os levam a afastar-se delas sob determinadas circunstâncias e a oferecer situações estratégicas para resolvê-las; as fábulas desafiam a fazer exames críticos de comportamentos e, ao mesmo tempo, à autocrítica, ao rever os próprios modos e posturas. Essa reflexão dos próprios pensares possibilita ao aluno uma avaliação do agir, de sua própria pessoa e de seu modelo de comportamento em situações específicas, aquelas que fundamentam hipóteses para a capacidade de comunicar-se e inteirar-se socialmente. Significa a capacidade de

avaliação de conflito no dia-a-dia do aluno, pois os problemas e os conflitos da fábula apresentam soluções estratégicas análogas aos diferentes aspectos da vida.

Como podemos observar, embora as fábulas sejam textos antigos, apresentam temas atuais, pois retratam atitudes humanas tais como: a disputa entre fortes e fracos, a esperteza, a gratidão, a bondade, temas que permanecem vivos e populares mesmo depois de decorridos vários séculos.

Partimos da hipótese de que o gênero literário fábula, por ser um texto atrativo para a criança, de curta extensão, por fazer uso da imaginação e da fantasia pode ser uma porta, uma possibilidade para transformar o hábito de leitura em uma rotina saudável, prazerosa, para o aluno, como fonte de uma boa formação literária. Assim, partindo da necessidade de ampliação da leitura, julgamos relevante o desenvolvimento desta pesquisa, quem tem como objetivo geral:

- Elaborar caderno pedagógico com estratégias de leitura aplicáveis em turmas das séries iniciais do ensino fundamental (5º ano), tendo o gênero fábula como objeto principal.

Temos como objetivos específicos:

- a) Discutir o gênero fábula como instrumento para despertar o gosto pela leitura literária nos anos iniciais do ensino fundamental (5º ano), a fim de contribuir com o crescimento intelectual do aluno e formarmos leitores proficientes;
- b) Apresentar o conceito de fábula e a evolução do gênero numa abordagem sócio-histórica;
- c) Refletir sobre a importância da literatura infantil na formação leitora dos alunos.

Nesta perspectiva, traçaremos estratégias metodológicas para serem desenvolvidas em sala de aula, com foco no letramento literário, através de sequências didáticas, baseadas na sequência básica de Cosson (2018).

A presente pesquisa apresenta abordagem qualitativa, é de natureza aplicada, com enfoque na revisão bibliográfica. Utilizamos como aporte teórico as contribuições de Cosson (2018), Soares (2011), Costa (2013), Zilberman e Lajolo (1998), Aguiar (2013), Cardematori (2010), Frant (1997), Zinani e Santos (2010), Candido (2011), Dezotti (2018), Matos e Sorsy (2009), Coelho (1991), Bussato (2012) Alves (2007), Fontaine (1989), Solé, (1998) e Orlandi (2012), dentre outros.

Organizamos este estudo em cinco capítulos. O primeiro capítulo, introdutório, onde discutimos sobre o tema a ser pesquisado, mostrando a sua relevância para a

nossa prática educacional. Nessa perspectiva, apresentamos os objetivos da pesquisa e os teóricos nela utilizados, bem como o gênero que pretendemos investigar.

No segundo capítulo, discorremos sobre a importância da Literatura Infantil para a formação de leitores; conceituamos o que é Literatura Infantil; apresentamos o contexto histórico do surgimento da Literatura Infantil, além de discorrermos sobre a Literatura Infantil no Brasil e a Relação entre Literatura e Escola.

No terceiro capítulo, contextualizamos a fábula, nosso objeto de estudo. Para isso, apresentamos aspectos históricos, conceituais, contextuais e biográficos referentes aos fabulistas Esopo, Fedro, La Fontaine e Lobato. Discorremos, ainda, sobre os gêneros análogos à fábula e falamos sobre este gênero no processo de formação de leitores apresentando a sua relevância para esta formação, além de tratarmos das especificidades e aplicabilidade do gênero.

No quarto capítulo expomos os aspectos metodológicos da pesquisa e, por fim, no quinto capítulo apresentamos a proposta de intervenção pedagógica que constará na elaboração de um caderno pedagógico utilizando as fábulas como instrumento de formação de leitores.

2 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DO LEITOR.

Muito tem se discutido acerca do papel da literatura na formação do leitor literário e é incontestável seu valor para esta aquisição, bem como imprescindível para uma boa formação leitora, principalmente no que se refere ao leitor crítico, atuante, capaz de extrapolar a mera decodificação. O acesso ao ensino da língua materna não é capaz, por si só, de desenvolver as competências dos alunos adequadamente a uma leitura com sentido, porque muitos deles não foram capacitados para compreender ou interpretar o que leem. Compreender um texto não se confunde com o saber codificar. Dados que comprovam essa realidade são largamente divulgados pelo SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica) no Brasil, comprovando que, de acordo com os resultados da pesquisa realizada em 2017, 07 de cada 10 alunos do ensino médio, apresentam nível insuficiente em português. Isto demonstra a ineficácia das leituras feitas por nossos alunos, de forma superficial, sem reflexão, sem muitas vezes entender o sentido do texto.

Nessa perspectiva, é dever da instituição de ensino, juntamente com professores e equipe pedagógica propiciar aos alunos momentos que possam despertar o gosto pela leitura, à consciência da importância de adquirir e preservar o hábito de ler. O aluno, pois, deverá ser induzido a perceber que a leitura é um dos instrumentos chave que propiciarão a aquisição de competências necessárias a uma vida melhor e com mais oportunidades de êxito em uma sociedade letrada. Como afirma Cagliari (2004, p. 148),

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que saber escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para leitura. Se um aluno não se sair bem em outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor.

Evidencia-se, pois, a importância da leitura para a formação do aluno e a responsabilidade da escola frente à consolidação desta habilidade, já que um bom leitor terá formação mais consistente, despertando através da leitura o imaginário, a curiosidade e as descobertas sobre o mundo que o cerca.

Despertado este interesse pela leitura, a criança com o tempo sentirá necessidade de variar os temas de suas leituras, passando a ter um nível mais elevado de cultura. Assim, estaremos contribuindo significativamente, para que no decorrer dos anos, os alunos, na medida em que forem amadurecendo, tornem-se adultos capazes de fazer uma leitura além do que está exposto, ou seja, capazes de construir uma leitura justificável a partir de seu repertório, de seu horizonte de expectativa, de seus interesses.

Muitas vezes a escola é o único espaço em que a criança terá acesso ao texto literário, já que a desigualdade social em nosso país é marcante. Muitas crianças da escola pública são advindas de famílias muito carentes, e seus pais não têm condições financeiras de comprar livros, algumas ainda têm pais analfabetos e, portanto, sem poder ajudá-las intelectualmente. Outras, veem na escola a certeza de terem uma refeição, um lugar melhor do que o ambiente em que vivem. As condições de acesso à leitura, de um ambiente alfabetizador não é realidade em todos os lares. Dessa forma, a apresentação da literatura à criança na escola é um ponto que deve ser valorizado, incentivado, dinamizado, tornando a leitura um hábito prazeroso e adquirido dentro de um processo sistemático para que a criança dê vazão a sua imaginação, desperte a curiosidade de leitura. Ler com prazer, ler para satisfazer seus interesses, para construir sua identidade, extrapolar as entrelinhas do texto e reforçar a formação literária.

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito da leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem. (COSSON, 2018, p.30)

Essa percepção evidenciada por Cosson deixa claro que a literatura oferece à criança vasto campo de conhecimento, dando-lhe o direito de construir sua visão de mundo, com todo o leque de significações que possa dar destaque à prática da leitura literária e, assim, a partir dessa leitura redimensionar seu modo de pensar e agir.

A leitura literária exige do leitor a construção de sentidos do texto e contribui para a formação de um leitor proficiente, enquanto que em outros tipos de leitura isto não é tão evidente. De acordo com Aguiar (2003, p. 242),

Falamos especificamente em literatura e explicamos por quê. O processo de leitura que descrevemos como preenchimento de sentidos vale para todas as obras. Como produções verbais, elas compõem-se de ditos, não ditos e subentendidos. No entanto, os textos informativos, apelativos, argumentativos e tantos outros estão muito mais comprometidos com o referente externo do que o literário. Neles, os espaços em branco são mínimos, porque não pretendem sugerir e dar vazão à imaginação, mas garantir certezas, dar ordens, influenciar comportamentos.

Neste contexto dá-se a importância da literatura desde cedo na formação do leitor, já que esta proporciona às crianças diferentes experiências com a linguagem e com os sentidos, estimulando a sua capacidade de imaginação e criação, fatores essenciais para o desenvolvimento não apenas linguístico e cognitivo, como também a capacidade de interpretação e reflexão.

É por meio da literatura infantil que as crianças são incentivadas à imaginação, desenvolvem o raciocínio e têm uma melhor compreensão de mundo. Assim, este gênero proporciona, também, um ensino prazeroso e lúdico, pelo fato de as crianças gostarem de ouvir histórias, o que as conecta com o mundo ao seu redor, despertando o prazer pela leitura através de atos de identificação, muitas vezes com o seu cotidiano e vivências.

Meireles (1984, p.85) nos lembra de que “não se pode numa infância começar logo com a gramática e retórica”: narrativas orais cercam as crianças da Antiguidade, assim como as de hoje. Dessa forma, contos, fábulas, mitos, lendas, aventuras, poesias, devem ocupar lugar de destaque na infância para aguçar a imaginação das crianças, oferecendo-lhes mais subsídios para a compreensão de si e do mundo a sua volta.

Quem começa pela menina da capinha vermelha, pode acabar nos diálogos de Platão, mas quem sofre na infância a ravage dos livros instrutivos e cívicos, não chegará até lá nunca. Não adquire o amor da leitura. (LOBATO, 1964, p. 250)

Nessa linha de pensamento a literatura infantil é importante para a educação das crianças, pois ela estimula a leitura por meio do encantamento, do atrativo, do que é belo, despertando as emoções, fantasias, sentimentos e levando-as a aventurar-se em meio das palavras o que enriquecerá seu vocabulário, desenvolverá seu pensamento e as tornarão mais ativas, perspicazes e autônomas.

Assim, considerando a importância da contribuição da literatura infantil para a formação do leitor nas séries iniciais, julgamos pertinente refletir sobre o seu

contexto histórico, o conceito e a importância de utilizá-la no contexto escolar, bem como sua evolução no tempo.

2.1 O que é Literatura Infantil

Para refletirmos acerca do que vem a ser literatura infantil, iniciaremos a discussão, atendo-nos ao questionamento de Carlos Drummond, feito no texto intitulado “Literatura Infantil”,

O gênero “literatura infantil” tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado _ porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? (ANDRADE, *apud* SOARES, 2013, p. 18).

Como vemos, o conceito de literatura infantil parece nos causar estranheza, uma vez que existe uma denominação específica para indicar a literatura que se dirige às crianças, literatura infantil, mas não existe uma denominação específica para a literatura voltada para os adultos, esta mais dividida por blocos: literatura regional, literatura popular, de cordel, entre outras. Todas estas divisões dependem de questões diversas, tais como de ordem social, histórica, cultural, política, pois o campo literário é vasto, abriga uma infinidade de pressupostos e está em constante transformação. Em se tratando da literatura infantil, esse aspecto conflituoso de nomenclatura pode ser explicado quando visto dentro do contexto histórico. O gênero em questão surgiu tardiamente nas sociedades, já que antes não existia uma literatura especificamente voltada às crianças. Nesta perspectiva, Aguiar (2013, p. 243) aponta que:

Até a Idade Média, os pequenos exercitavam-se para a vida adulta participando de todas as atividades do grupo; aprendiam a viver vivendo, dentro de uma cultura predominantemente oral. Com o advento dos tempos modernos, surgiu a necessidade de investimentos na educação infantil, de modo a preparar as novas gerações para a sociedade letrada e competitiva que se instalava.

Dentre os materiais pedagógicos necessários para a empreitada estava o literário, que se converteu em livro de leitura de uso escolar.

Consoante este pensamento, Cadermatori (1986, p. 38-39) nos mostra que “a criança na época era concebida como um adulto em potencial, cujo acesso ao estágio dos mais velhos só se realizaria através de um longo processo de maturação”. Para a autora, a criança era vista como um adulto em miniatura, sem condições especiais e sem uma preocupação específica com a aprendizagem. A partir do fortalecimento da burguesia essas concepções começaram a se modificar e a criança passa, então, a ser considerada socialmente, como um ser diferente do adulto. A criança aprendia no dia a dia os costumes, linguagem, hábitos, brincadeiras, festas, as preocupações dos adultos. A luta pela sobrevivência, o imaginário, as crenças, as comemorações e perplexidades eram vivenciadas por toda a comunidade, independente da faixa etária.

Segundo Zilberman (1985, p. 13):

A concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros.

As crianças, aos sete anos, já ocupavam o papel de um pequeno adulto, inexperiente e frágil, mas importante como força na família e na sociedade. O espírito popular medieval era ligado às festas e atos públicos, marcado pelo fatalismo, pela crença no fantástico, em poderes sobre-humanos, em pactos com o diabo e em personificações de todo tipo. Assim, nesse mundo de crença em fadas, gigantes, anões, bruxas, castelos, encantamentos, crianças e adultos reuniam-se nas praças públicas, durante as festas, ou à noite, após o trabalho, para escutar os contadores de histórias.

Nesse contexto, a literatura infantil foi se desenvolvendo ao longo da história até ganhar visibilidade em sociedade. Ressaltamos que esse gênero, mesmo sendo amplamente escolarizado, assume uma importante função artística e social para o público leitor em formação. Sua dimensão é de ampla importância, não devendo, portanto, ser considerada como literatura menor. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 29) explicita:

E quanto à Literatura Infantil?

Em essência, sua natureza é a mesma que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança.

De forma geral, podemos dizer que esta literatura tem a mesma capacidade de despertar reações e emoções diversas envolvendo o belo, o fantástico, o prazeroso, o mágico através da palavra, assim como em outras literaturas. Ainda, conforme Coelho (2000, p. 27),

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...

Nesta perspectiva, entendemos que a literatura infantil tem sua linguagem própria e é fonte, base de sustentação para a formação de cidadãos leitores, voltada à estética, ao imaginário e através do seu caráter lúdico dá acesso ao mundo da leitura e a tudo que ela proporciona.

2.2 Literatura Infantil – Contexto Histórico

A literatura infantil teve sua origem na Europa, no entanto, segundo Cademartori (1986, p. 40), já existiam manuscritos destinados às crianças,

[...] sob duas formas: a de literatura pedagógica, na cultura erudita, de que são exemplos os textos dos jesuítas, e a literatura oral, de vertente popular, no vasto domínio dos contos de advertência com ditos e provérbios.

Ainda sobre o surgimento desta literatura, Zinani e Santos (2010, p. 36) nos dizem que:

Essa modalidade de literatura teve, como acervo inicial, a coleta de contos fantásticos, de fadas ou folclóricos, muitos com qualidade artística relevante e outros nem tanto. Anteriormente, essa literatura era dirigida a um público indiferenciado, circulava de forma oral e não tinha vocação pedagógica.

Como podemos observar, as histórias circulavam na oralidade, mas não eram consideradas dentro de um sistema organizado, que é a literatura. Somente a partir de Perrault podemos considerar que aqueles textos que circulavam na oralidade tomaram contornos e status de textos literários direcionados a um público específico.

Quando nos referimos aos clássicos infantis, não podemos perder de vista que os escritores do século XVII não são os verdadeiros autores dessas narrativas. Esses escritores, interessados na literatura folclórica, criada pelo povo em seus respectivos países e transmitida oralmente, reuniram essas histórias anônimas e as transcreveram. É o que revela Coelho (1991, p. 19):

[...] foi entre os séculos IX e X que, em terras europeias, começa a circular oralmente uma literatura popular que, séculos mais tarde, iria transformar-se na literatura hoje conhecida como folclórica e também como literatura infantil.

No entanto, o francês Charles Perrault é considerado o precursor da Literatura Infantil. Perrault coletou, no século XVII, narrativas populares e lendas da Idade Média e adaptou-as, atribuindo-lhes valores comportamentais da classe burguesa, constituindo os chamados contos de fadas (CADERMATORI, 1986).

Estudiosos da literatura infantil, como Coelho (2000) e Zilberman (2005), destacam que ela surgiu no século XVII, com Charles Perrault. Depois o gênero se espalhou para outros países: na Alemanha, no século XIX, com os irmãos Grimm; na Dinamarca, com Christian Andersen; na Itália, com o Collodi; na Inglaterra, com Lewis Carrol, com o americano Frank Baum e com o escocês James Barrie. Esses nomes têm grande projeção internacional e são considerados referências universais para a literatura infantil.

Não havia, portanto, até o século XVII literatura específica destinada às crianças. Elas compartilhavam, até então, da mesma literatura destinada aos adultos. Um ponto relevante para o surgimento da literatura infantil foi a ascensão da burguesia, que impulsionou o surgimento de uma nova concepção de infância. Nessa perspectiva, a literatura assume a função dentro da escola de formar o indivíduo de acordo com os interesses dessa classe emergente.

Inicialmente, Perrault faz adaptações a partir do registro de lendas e contos populares e dos contos que também chegavam à sua família “através de contadores, quando na época, integravam-se a vida doméstica dos servos.” (CADEMARTORI, 1986, p.36). Como as narrativas eram dirigidas a um público indiferenciado, Perrault editava-as retirando as passagens obscenas de conteúdo incestuoso e de canibalismo, tornando-as assim próprias para a leitura das crianças.

Nessa época em que Perrault coletou seus contos aconteceram grandes transformações sociais, tais como movimentos populares de oposição ao governo

absolutista do reinado de Luís XIV, conflitos entre Reforma e Contrarreforma, ascensão da burguesia como classe social, fato determinante para a consolidação de instituições como a família e a escola.

Em meio a esse contexto, Perrault produziu sua coletânea de narrativas populares adaptadas ao público infantil, de acordo com as exigências e gosto da classe burguesa. Assim, o escritor tornava estas narrativas viáveis para serem lidas por crianças que obviamente, para atender os anseios da classe burguesa, continham lições de valores e obediência. Essa coleta dos contos provinha de duas condições: o conto folclórico quando, na época, era destinado aos adultos e que, após a adaptação, foram direcionados ao público infantil; e ao caráter de advertência, em que os personagens que desobedecessem às regras tivessem uma punição (CADEMARTORI, 1986). A transformação da literatura popular em infantil, por Perrault, era regida por princípios normativos, com um modelo educativo que lhe foi imposto, muito normativo e austero. Suas obras também se caracterizavam por uma depreciação do popular e por uma preocupação em fazer uma arte com princípios morais.

A produção desse período, em sua maioria, tinha um cunho moralizante, originário dos interesses pedagógicos burgueses que não se relacionavam com a cultura popular e geraram esses contos. Cademartori (1987, p. 36-37) destaca os seguintes aspectos, que não poderiam derivar do povo:

[...] referências à vida na corte, como em *A bela adormecida*; à moda feminina, em *Cinderela*; ao mobiliário, em o *Barba Azul*. Ressalte-se, porém, que não há dissociação entre a literatura oral e a versão culta, os elementos coexistem, processando-se um alargamento do domínio da cultura gráfica, que passa a manter relações de integração com a popular.

Nessa perspectiva, a literatura infantil assumiu caráter pragmático, inspirando a confiança da burguesia e passou a servir como instrumento para transmitir seus valores e reproduzir comportamentos. Como a literatura infantil trabalhava em grande parte com a língua escrita, preparava a criança para o consumo das obras impressas. Essa condição se associava a outra nesse tempo, ou seja, à desvalorização da literatura infantil como manifestação cultural e, conseqüentemente, como produção estética, o que contribuiu para que essa fosse considerada dessa maneira, uma literatura menor já que muitas vezes assumia posturas meramente pedagógicas.

Segundo Coelho (1991) no princípio, o trabalho de adaptação, por Perrault, não foi pensado com intenção de criar uma literatura destinada à criança. Apenas com a publicação dos *Contos da Mamãe Gansa* (1697) é que Perrault se dedica inteiramente a uma literatura destinada à criança (COELHO, 1988). Esses contos apresentavam: “A bela adormecida”, “Cinderela”, “Chapeuzinho vermelho”, “Barba azul”, “Henrique topete”, “O gato de botas”, “As fadas”, “A gata borralheira”, “O pequeno polegar”, entre outros.

Dessa forma, é no século XIX que as instituições escolares, responsáveis pela educação da criança, se voltam para definir os tipos de livros que mais agradam aos pequenos leitores. Assim, as histórias fantásticas, os contos, as lendas, as fábulas, as aventuras que retratem o mundo infantil, passam a ter papel de destaque para definir este novo gênero literário, ganhando consistência e perfil definido.

É exatamente neste contexto, a partir do século XX, que a literatura infantil ganha destaque em solo brasileiro como veremos a seguir.

2.3 Literatura Infantil no Brasil

A literatura infantil no Brasil percorreu um longo caminho para se estabelecer, pois desde o início da colonização a literatura destinada às crianças era a europeia clássica, tradicional, trazida ou adaptada para o idioma brasileiro. Segundo Zilberman (2005), a literatura infantil surgiu em território nacional apenas no final do século XIX e começou a se consolidar através da obra e do trabalho de Lobato como autor, editor e grande divulgador do gênero, a partir da segunda década do século XX. Neste período o país passava por significativas transformações, tais como a instalação da República (1889), a imigração europeia (sobretudo de italianos), o crescimento populacional com variedades de cultura e etnias, o aceleração industrial, dentre outros. O processo de urbanização e o aceleração industrial foram essenciais para o desenvolvimento da literatura infantil no país, visto que a indústria de livros se firmou com a escola. Ressalte-se, porém, que os textos foram escritos de acordo com os modelos de produção, ou seja, os autores se limitavam a escrever textos com exigências voltados para o modelo de sociedade vigente, com a preservação da cultura e valores tradicionais desse período que prezava a família, a

escola e o Estado, tudo o que envolvia o mundo adulto e não a infância. Segundo Lajolo e Zilberman (2005, p.15),

[...] essa classe média responsabiliza-se doravante pelas mudanças ocorridas no país e em nome dela revoluções avanços e retrocessos acontecem. O aparecimento dos primeiros livros para crianças incorpora-se a esse processo, porque atende às solicitações indiretamente formuladas pelo grupo social emergente.

No Brasil, ainda não se escreviam livros para crianças. Com isso, surgiram algumas soluções para resolver essa questão. Citarei algumas apontadas por Zilberman (2005, p. 16):

Traduzir obras estrangeiras; Adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos; Reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente estudantes e habituavam-se a utilizar o livro didático; Invocar a tradição popular, confiando que as crianças gostavam de encontrar nos livros histórias parecidas àquelas que mães, amas de leite, escravas e ex-escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas.

Fica claro que, não foi fácil a inserção e o reconhecimento do devido valor da literatura infantil que passou por um longo processo até estabilizar-se e ganhar notoriedade no meio educacional, até mesmo a expressão “literatura infantil” não era consensual para referir-se a publicação destinada à leitura das crianças. Conforme Oliveira (2015), “os livros de literatura infantil recebiam outras denominações recorrentes, tais como “livros escolares”, “livros para crianças”, “leitura para crianças” e “leitura didática””.

Nesse contexto, surge a ligação entre literatura e escola, onde a literatura é a ponte que une a criança e sociedade, e de outro lado à escola, que tem como objetivo promover e estimular condições que possibilitem a circulação da literatura. Assim, houve uma sensibilização de toda a classe letrada da sociedade, para a criação de um Brasil Moderno,

A justificativa para tantos apelos nacionalistas e pedagógicos, estimulando o surgimento de livros infantis brasileiros, era o panorama fortemente marcado por obras estrangeiras. É nas duas últimas décadas do século passado que se multiplicam as traduções e adaptações de obras infantis; antes de 1880, circulavam no Brasil, aparentemente, apenas traduções do na Europa bem-sucedido em vendas Cônego (Christoph) Von Schmid: *O canário* (1856), *A cestinha de flores* (1858) e *Os Ovos de Páscoa* (1860). (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999, p. 29).

Paulatinamente, essas características acima citadas foram sendo superadas e surgindo livros voltados aos interesses das crianças, trazendo histórias e personagens que tinham a ver com a sua realidade. Muitos escritores foram responsáveis para essa mudança. Foram pioneiros nesse processo os escritores: Carl Jansen (1823 ou 1829 – 1889): nascido na Alemanha, mudou-se para o Brasil e percebeu que faltavam livros para o público infantil. Traduziu algumas obras como *Viagens de Gulliver* (1888), *D. Quixote de la mancha* (1886), *Robinson Crusóé* (1885), *As aventuras do Celeberrimo Barão de Munchhausen* (1891), dentre outros clássicos; Figueiredo Pimentel (1869 – 1914): escritor nascido no Brasil (Macaé). Publicou vários livros de grandes sucessos, um deles foi *Contos da Carochinha* (1894), nos quais se encontram as histórias de fadas europeias ao lado de narrativas com características do Brasil, contadas pelos descendentes de escravas para as crianças brasileiras; Olavo Bilac (1865 – 1918): escritor nascido no Brasil (Rio de Janeiro), escreveu diversas poesias, passadas de geração em geração. Publicou o seu livro *Poesias Infantis* em 1904, e assim criou uma legião de admiradores, a julgar pelas inúmeras reedições até os anos 1950/1960. Bilac começou a escrever a literatura destinada aos pequenos no início do século XX. O que priorizava nesta literatura era transmitir valores ufanistas. Sua função residiria no fato de ensinar ao leitor normas de conduta e comportamento, bem como a obediência, o recato e o amor à pátria.

Esses foram os primeiros escritores que contribuíram para o fortalecimento da literatura infantil no Brasil, porém, um dos escritores mais renomados e lembrados até hoje é Monteiro Lobato, que escreveu as primeiras obras destinadas ao público infantil considerando o seu tempo e espaço. Lobato percebeu a necessidade de escrever para as crianças numa linguagem que surtisse real interesse, propôs uma nova expressão literária, rompeu com qualquer padrão da literatura europeia.

O autor assumiu uma nova forma de literatura para o Brasil, utilizando assim personagens e ambientes brasileiros para suas obras. Dessa forma, Lobato trouxe o público leitor para um universo maravilhoso e fantástico, fazendo possível que eles tivessem essa oportunidade de poder utilizar a leitura com mais prazer e, em troca, adquirirem mais conhecimento e cultura. Conforme Zinani e Santos (2010, p. 37),

Subvertendo padrões consagrados da literatura infantil, Lobato criou um universo que transcende a realidade, pois, analisando criticamente o passado, pôde redimensionar o presente e projetar o

futuro. A partir da crença de que uma nação se faz com homens e livros, Lobato evidenciou a importância da literatura, como força transformadora das pessoas e da situação social, e da inteligência, com valor fundamental: por esse motivo, emprestou especial atenção ao leitor dentro de seu universo ficcional.

Sem sombra de dúvidas, não podemos negar a influência de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira. Entre seus intentos está presente em suas obras a vontade de oportunizar às crianças um conhecimento de si e do mundo. O autor dá nova roupagem à literatura infantil, abrindo assim as portas para as novas ideias e formas, procurando evidenciar a realidade brasileira.

Com a publicação de *A menina de nariz arrebitado*, em 1920, apresentada como literatura escolar, a área da literatura infantil no Brasil sofreu a transformação que estava precisando. Segundo Arroyo (1968, p. 202),

[...] Monteiro Lobato percebeu perfeitamente a dinâmica e daí ter feito concessões formais. *Narizinho Arrebitado* aparece como “segundo livro de leitura para uso das Escolas Primárias”, mas o conteúdo não é mais didático: é amplamente lúdico. Consagrado o livro, como os demais que se seguiram, destacando o nome do autor, não teve dúvidas Monteiro Lobato em rever estórias, muitas vezes para modificá-las, e dar-lhes outro destino dentro de uma independência que não precisava mais subordinar-se, formalmente, à literatura escolar.

Sendo um ardoroso nacionalista, Monteiro Lobato desenvolveu para nossas crianças aventuras com características típicas brasileiras, integrando costumes do campo e lendas do nosso folclore, notadamente evidenciadas em um dos seus maiores sucessos: *O sítio do Pica - Pau Amarelo*. A obra destaca características da vida rural e da cultura brasileira. Desde então Monteiro Lobato revoluciona os contos. Com uma linguagem própria e estilo marcante troca os castelos europeus pelos sítios, fazendas, matas e cidadezinhas em suas narrativas. Os personagens fogem do padrão e aparecem como animais, personagens folclóricos, bonecas e sabugo de milho falante; enfim muitos outros misturados com as princesas e vilões dos contos tradicionais.

Zilberman (1985, p. 48) destaca que:

O papel exercido por Monteiro Lobato no quadro da literatura infantil nacional tem sido seguidamente reiterado, e com justiça. É com este autor que se rompe (ou melhor, começa a ser rompido) o círculo da dependência aos padrões literários provindos da Europa, principalmente no que diz respeito ao aproveitamento da tradição folclórica. Valorizando a ambientação local predominante na época,

ou seja, a pequena propriedade rural, constrói Monteiro Lobato uma realidade ficcional o que ocorre pela invenção do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

É vasta a literatura destinada às crianças escrita por Lobato. Sua obra retratava também uma forte ligação com as questões sociais de sua época.

As principais obras de Monteiro Lobato são: *O sítio do Pica-Pau Amarelo*, *Reinações de Narizinho*, *Urupês*, *O Minotauro*, *Cidades Mortas*, *Negrinha*, *Ideias do Jeca Tatu*, *O Pó de Pirlimpimpim*, *Memórias de Emília*, *O Irmão de Pinóquio*, *Aventuras do Príncipe*, *O Gato Félix*, *O circo de Escavallinho*, *O Saci*, *O Marquês de Rabicó*, *Caçada de Pedrinho*, *Os Doze Trabalhos de Hércules*, *Serões de Dona Benta*. *História do Mundo para Crianças*, *História de Tia Anastácia*, *O poço de Visconde*, entre outras.

Monteiro Lobato revolucionou a literatura infantil da época, superou preconceitos históricos, ignorou o moralismo e preceito religiosos, algo que eram presentes nas obras destinadas às crianças. Conforme Cardemartori (1987, p. 51):

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através dos conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário.

Consolidada a literatura infantil por meio das ações de Lobato, o período que se seguiu foi de uma produção intensa com fabricação em série de obras que atendiam às exigências do mercado consumidor em expansão, graças à profissionalização de editoras e escritores (1940-1960).

Dessa forma, vários autores tiveram sua importância na defesa da literatura infantil, com vista a destacar o seu papel na sociedade como manifestação artística e cultural. Entre eles, podemos destacar: Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Margarida Ottoni, Bartolomeu Campos de Queirós, Elias José, Lúcia P. Sampaio Góes, Moacir C. Lopes, Vivina de Assis Viana, Rachel de Queiroz, Cecília Meireles, Ruth Rocha, Sérgio Caparelli, Ziraldo.

Nas décadas de 1960 a 1970 as instituições e programas de fomento à leitura se multiplicaram no Brasil. Assim, podemos destacar: a Fundação do Livro Escolar (FLE), de 1966, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), de 1968, o Centro de Estudos de Literatura Infantil e Juvenil (CELIJU), de 1973, e as inúmeras

Associações de Professores de Língua e Literatura, além da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, criada em 1979.

Nas últimas décadas, o Governo Federal em parceria com órgãos-não governamentais investiu significativamente em programas e projetos com o objetivo de promover e incentivar a leitura. Na década de 1970, o Governo Federal, implantou o projeto de financiamento de publicações de obras literárias, por intermédio do Instituto Nacional do Livro. De 1982 a 1985, com o apoio da Fundação Nacional do Livro Infante-Juvenil (FNJLI), foi desenvolvido o projeto “Ciranda de Livros”, responsável pela distribuição de livros em trinta mil escolas em todo o país. Logo em seguida, o MEC lança nos anos de 1987 a 1988 os projetos “Viagem da Leitura” e “Sala de Leitura”. Além disso, foram instituídos em 1992 o PROLER (Programa que incentiva a ampliação de acervos literários das bibliotecas escolares) e o PRÓ-LEITURA (Programa que objetiva contribuir com a formação continuada teórica e prática dos professores).

Em 1997, o MEC cria o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o objetivo de suprir as Escolas Públicas de Ensino Fundamental de recursos essenciais ao desenvolvimento intelectual e cultural de alunos e professores. O PNBE passou por mudanças, desde a sua implantação, para se adequar à realidade e às necessidades educacionais e criou em 2001 o projeto “Literatura em minha casa”.

Nesta perspectiva, surge um sistema editorial apoiado por entidades envolvidas com o livro e com a leitura, tendo como pano de fundo o apoio também do Estado, que muito investiu em benefício da literatura infantil, surgindo em consequência disso, novidades quanto à veiculação das obras, com vendas confiadas a revistas, podendo as obras tanto serem adquiridas em bancas como nas escolas. Houve, assim, o lançamento cada vez maior de novos títulos e, por fim, a incorporação de materiais que visavam atender o sistema escolar com instruções e sugestões didáticas, o que denota uma aproximação cada vez maior entre literatura e escola.

2.4 A relação entre literatura e escola

A respeito desta temática há inúmeras discussões entre os estudiosos e um ponto é relevante para ambos: O literário e o pedagógico estão entrelaçados na literatura infantil desde seus primórdios. Isto é fato e não há o que se contestar, dado que a escola sempre se utilizou do literário para atingir fins educacionais dentre outros.

No entanto, o que se questiona não é esta utilização do literário pela escola, mas a forma como isto é feito que muitas vezes causa lacunas insuperáveis na formação do leitor, bem como poderá causar o afastamento do mundo da leitura para alguns alunos, pois ao invés de despertar o lúdico, a imaginação, o gosto pela leitura, acaba proporcionando aversão aos textos literários quando não são bem apresentados ou são mal utilizados em sala de aula. Nessa perspectiva, Soares (2011, p. 21) enfatiza,

Não há como evitar que a literatura, qualquer literatura, não só a literatura infantil e juvenil, ao se tornar “saber escolar”, se escolarize, e não se pode atribuir, *em tese*, como dito anteriormente, conotação pejorativa a essa escolarização, inevitável e necessária, não se pode criticá-la, ou negá-la, porque isso significaria negar a própria escola.

Aqui, fica claro que é inevitável a escolarização da literatura, porém, devemos atentar para o fato de que a literatura seja bem utilizada em sala de aula, para não passarmos a fazer um uso engessado das obras. Este é o grande problema que nós educadores devemos evitar, pois o uso da literatura como pretexto para aulas de gramática, por exemplo, acaba desvirtuando o caráter criativo da literatura. É nesse sentido, que Soares (2011, p. 25) destaca:

O que se pode é distinguir entre uma escolarização adequada da literatura - aquela que conduza mais eficazmente às práticas de leitura que ocorre no contexto social e às atitudes e valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar - e uma escolarização inadequada, errônea, prejudicial da literatura - aquela que antes afasta que aproxima de práticas sociais de leitura, aquela que desenvolve resistência ou aversão à leitura.

Mas como seria essa “escolarização” tão falada no contexto escolar? Ainda com base em Soares (2011), o saber foi inadequadamente escolarizado tanto na forma quanto na função. Em relação à forma a autora destaca as seguintes inadequações: seleção repetida de autores e obras nos diversos anos escolares,

fragmentação de textos: ora só com o começo, ora só com o meio, ora só com o fim da narrativa: adaptação infantilizada da obra quando da transferência do seu suporte original para o livro didático: a alteração de gênero: de poemas para história em quadrinhos, por exemplo, alterando todas as características específicas do gênero primeiro, tais como ritmo, musicalidade, etc.

Já em relação à função a autora evidencia que a literatura infantil e juvenil exerce muitas vezes apenas a função pragmática e utilitária de ensinar conteúdos escolares. Nesta perspectiva, evidencia:

Uma análise, ainda que superficial, dos exercícios propostos para textos da literatura infantil, em livros didáticos das séries iniciais, revela que são recorrentes os seguintes tipos de exercícios: copiar o título do texto, o nome do autor, o nome do livro de onde foi retirado o texto; copiar a fala de determinado personagem do texto; escrever quem falou determinada frase; escrever o nome dos personagens; copiar as frases que estão de acordo com o texto; copiar as frases na ordem dos acontecimentos apresentados no texto; completar frases do texto. Exercícios, como se disse, de mera localização de informações no texto, adequados, por exemplo, para a leitura de verbetes de enciclopédia, ou de determinados tipos de texto informativo, não para a leitura de texto literário. (SOARES, 2011, p. 46).

Portanto, desenvolver práticas de leitura em sala de aula é um desafio para nós, professores, pois dependendo da forma como estamos fazendo poderemos colaborar positiva ou negativamente na formação desse leitor. É preciso muita atenção para não tornar inadequado o uso da literatura em sala. Não podemos nos deter exclusivamente a autores e obras, fragmentar textos, usar a literatura apenas para ensinar gramática, por exemplo, mas voltar-nos para o papel do leitor de forma geral. Assim, não é tão fácil cumprir esta missão. Procurar meios de tornar a leitura atrativa para os alunos, principalmente, para os alunos de primeira fase do ensino fundamental é essencial para sua formação leitora. Frantz (2011, p. 53-60) cita algumas características que precisam ser evitadas para que a leitura não se torne desagradável para as crianças. São elas:

- a) Didatismo e pedagogismo: a leitura tem sido utilizada apenas como fins didático-pedagógicos;
- b) Moralismo: os livros infantis estão repletos de histórias que almejam unicamente a transmissão de normas de comportamento que levem a criança a ser da maneira como os adultos desejam.
- c) Adultocentrismo e paternalismo: o mundo adulto com todos os seus preconceitos e valores sobrepõem-se aos valores do mundo infantil, sufocando-os.

d) Visão fechada de mundo: alguns autores apresentam a seus leitores infantis um mundo pronto, acabado, de valores absolutos e inquestionáveis.

e) Infantilismo: há textos que parecem se destinar a um leitor que só entende a linguagem do “inho” e da “inha”, subestimando a criança, entendendo o ser infantil, como um ser menor, inferior, ao qual se deve oferecer uma literatura igualmente inferior e de menor qualidade. (FRANTZ, 2011, p. 53-60).

Nesse sentido, de acordo com Soares (2011), fica claro que a escolarização é necessária, pois sistematiza o saber. O que devemos não cometer em nossas salas de aula é deturpação na forma como ensinar a literatura, tornando o literário algo mecânico, sem criatividade, sem reflexões, sem elo com o social. A referida autora coloca-nos o que diferencia uma escolarização adequada de uma escolarização inadequada. Vejamos:

Distinguimos entre uma escolarização adequada e uma escolarização inadequada da literatura: adequada seria aquela escolarização que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar; inadequada é aquela escolarização que deturpa, falsifica, distorce a literatura, afastando, e não aproximando, o aluno das práticas de leitura literária, desenvolvendo nele resistência ou aversão ao livro e ao ler (SOARES, 2011, p.47).

Segundo a autora, as instâncias de escolarização da literatura na escola são: três: **a biblioteca**, a autora critica a forma de organização das bibliotecas escolares, pois na maioria são apenas espaços para guardar livros, com pouco acesso dos alunos e com pouquíssimas estratégias de leitura oferecidas para atrair leitores, além de que os alunos só as frequentam para fins pré-determinados pelo professor e, além disso, são exigidos comportamentos exemplares como postura e silêncio. A segunda instância citada é **a leitura de livros**: neste ponto critica que a leitura de livros indicada pelo professor acaba tomando apenas aspecto de atividade escolar, desvirtuando o prazer da leitura por prazer, pois termina sendo cobrada de alguma forma através de seminários, de preenchimento de fichas, ou outros tipos de avaliação que tornam a leitura uma atividade a ser realizada, podendo provocar até o efeito contrário de aversão. Por fim, a terceira, considerada a mais prejudicial e também a mais frequente nas escolas é **a leitura e estudo de fragmentos de textos** da literatura infantil, isto porque ao fazer uso de recortes corremos o risco de tornar os textos pseudotextos, sem textualidade e muitas vezes sem coerência.

Dadas todas essas explicações, concordamos com Soares (2011) que o texto literário é pouco abordado em sala, daí é que interessamo-nos ainda mais em trabalhar na primeira fase o literário através do gênero fábula, com a possibilidade de maior aprofundamento da leitura do texto literário, pois temos observado que este é um dos gêneros que mais atrai as crianças nesta fase por apresentar narrativas curtas, cheias de emoções que mexem com o imaginário, não tornando assim as leituras cansativas. Além de apresentar animais (que as crianças amam) como personagens, as fábulas são excelentes tanto para trabalhar a proximidade do texto literário como trazem ensinamentos condizentes para a formação humana e servem como base para discussões e reflexões vividas em nossa sociedade. É o que mostraremos no próximo capítulo.

3. FÁBULA: CONTEXTUALIZAÇÃO E MEDIAÇÃO DO GÊNERO NA FORMAÇÃO LEITORA

3.1 A história e o significado das fábulas

Ao falar em fábulas, nossa mente logo remete à sabedoria popular e realmente este gênero está intimamente ligado às histórias populares, à oralidade e às rodas de conversas e contação de histórias desde os mais remotos tempos. Segundo Bagno (2006, p. 51-53) “é um gênero literário muito antigo que se encontra em praticamente todas as culturas humanas e em todos os períodos históricos”.

Nesse contexto, fica claro que a fábula é um gênero atemporal, que vem desde os mais remotos tempos, e que não cabe apontá-la como gênero unicamente infantil. A fábula está ligada à oralidade, é tão antiga quanto os mitos. Já a concepção de infância ou literatura infantil só veio se constituir mais tarde no século XVII, vindo a ser um dos gêneros mais utilizados na escola devido ao seu caráter didático.

Etimologicamente, fábula é um verbete advindo do latim (*fabulare*) e significa conversação, narração, relato (FERNANDES, 2008, p.06). E a fábula é isso em sua essência, a simplicidade de falar em forma de narração. Quanto à sua estrutura, a fábula é uma narrativa breve em prosa ou em verso, apresenta os elementos estruturais da narração como: personagens, narrador, tempo, espaço enredo. É usada para ilustrar um vício ou uma virtude. Estes atributos nos levam a crer que tais textos podem proporcionar leituras críticas e serem ferramentas para a formação do senso crítico e da criatividade dos alunos. Além de dirigir-se à inteligência, possibilita a observação dos fatos e acontecimentos de situações de conflitos, dando oportunidade para a reflexão e análise de situações.

As personagens das fábulas quase sempre são animais que vivem ações humanas e apresentam as virtudes e defeitos dos seres humanos. Ressaltamos, porém, que necessariamente as personagens das fábulas não são apenas animais, pois como mostra Oliveira (2011, p. 35):

O conceito de fábula que acolhemos neste livro é este que a define como *ato de fala*, conversa, narração alegórica, em prosa ou em verso, que encerra uma lição de moral, em que as personagens são seres animados ou inanimados.

Nesse sentido, encontramos em toda literatura fábulas as mais variadas trazendo personagens diferentes de animais, tais como elementos da natureza, objetos, o ser humano, figuras mitológicas, entre outras. A título de exemplificação citamos: “Hércules e Atena”, “O ser humano e o sátiro”, “Bóreas e o Sol”, “A Lâmpada” (Esopo); “O bufão e o camponês”, “As rãs e o sol” (Fedro), “A sorte e o menino”, “O oráculo e o ímpio” (La Fontaine). Podemos, então, observar que vários elementos figuram nas fábulas, porém em sua maioria as personagens são animais, pois o uso de animais evita a necessidade de ter descrições muito longas, já que há uma associação popular do animal ao que ele representa. Assim, popularmente a raposa representa esperteza, astúcia; leão-força, majestade; cobra-maldade; gato-agilidade; cão-fidelidade; tartaruga-persistência; lebre-rapidez; pomba-simplicidade; formiga-operosidade; coelho-fertilidade; lobo-maldade; formiga-operosidade, burro-estupidez, etc. Ressalte-se que nessa associação, baseada na observação, o perfil biológico do animal tem pouca importância, o que vale mais é o que está no imaginário popular, que faz uma analogia dos animais com a natureza do ser humano.

Um dos pontos altos da fábula é a moral da história que tanto pode vir explícita, quanto implicitamente. É através da moral que o fabulista trabalha o maniqueísmo das personagens, ou seja, os comportamentos corretos são premiados e os errados são dignos de reprovação.

A fábula é considerada um gênero didático, pois a partir de sua moral podemos discutir sobre conceitos éticos, morais e sociais em qualquer faixa etária, já que os assuntos abordados nos textos são vivenciados em qualquer fase da vida humana. A moralidade das fábulas não deve ser interpretada de forma fixa, imutável e sem contextualização, pois esta se concretiza de acordo com os valores e o modo de agir dos homens em cada época e reproduz de forma atualizada o que as pessoas pensam. Mas quando e onde realmente surgiu a fábula? Para responder a essas indagações recorreremos a Alves (2007, p. 25) que afirma que:

A Fábula, em si, é uma alegoria, uma prosopopéia. É um produto espontâneo da imaginação humana. A origem da fábula se perde no tempo, tornando-a difícil fixá-la. Acredita-se que a fábula tenha sido documentada desde o tempo de Buda, e consta que muitas fábulas, atribuídas a Esopo, já haviam sido divulgadas no Egito, quase 1.000 anos antes de sua época.

Portanto, precisar a origem da fábula é motivo de controvérsias, porém a maior parte dos estudiosos apontam que o berço da fábula foi a Índia, isso por conta da existência de uma obra denominada *Panchatantra*, mais antigo livro de contos do mundo. As histórias reunidas são baseadas em tradições orais tão antigas que não se sabe de que épocas elas são. Mais tarde o *Panchatantra* teve uma versão árabe chamada *Calila e Dimna*, provavelmente foi através dessa versão que a fábula chegou ao ocidente. Em terras ocidentais a fábula aportou na Grécia e teve em Esopo seu maior representante. Ainda nesse sentido, Matos e Sorsy (2009) destaca que as fábulas tiveram grande florescimento na China antiga (quintessência) nos séculos IV e II a.C ; na França – La Fontaine (Séc.XVII) – denunciou as injustiças sociais; em Roma Fedro é grande referência e no Brasil, Monteiro Lobato é o mais conhecido. (MATOS; SORSY, 2009, p.83)

Apesar de ter nascido no Oriente, a fábula foi reinventada no Ocidente pelo escravo grego Esopo, que criava histórias baseadas em animais para mostrar como agir com sabedoria. Suas fábulas, mais tarde, foram reescritas em versos, com um acentuado tom satírico, pelo escravo romano Fedro. Contudo, o grande responsável pela divulgação e reconhecimento da Fábula no Ocidente moderno foi o francês Jean de La Fontaine, um poeta que era grande conhecedor da arte e das manifestações da cultura popular. Motivado pela estrutura simbólica das fábulas, La Fontaine, criava suas histórias com um único objetivo: tornar os animais o principal agente de educação dos homens. Para isso, os animais são colocados numa situação humana exemplar, tornando-se uma espécie de símbolo. Por exemplo: a formiga representa o trabalho, o leão representa a força, a raposa a astúcia, o lobo, o poder despótico, e assim por diante [...] (MACHADO, 1994, p. 17).

Em relação às fases das fábulas podemos destacar:

- **1º período da fábula** - o das fábulas orientais, a moralidade era parte fundamental;
- **2º período da fábula** - caracteriza-se pelas inovações do fabulista latino Fedro, que fixou a forma literária do gênero, escrevendo sátiras amargas em versos;
- **3º período da fábula** - inclui todos os fabulistas modernos, destacando-se Jean de La Fontaine, poeta e fabulista francês considerado o pai da fábula moderna. Dentre as fábulas escritas e reescritas por ele estão:

“A Lebre e a Tartaruga”, “O Homem”, “O Menino e a Mula”, “O Leão e o Rato” e “O Carvalho e o Caniço”.

O gênero Fábula é o nosso objeto de estudo, pois acreditamos no seu potencial para desenvolver o gosto pela leitura através do seu valor estético, conteúdo temático (tema abordado), forma composicional (a estrutura de textos pertencentes a um gênero) e estilo (os recursos linguístico-expressivos, e as marcas enunciativas do produtor do texto) bem como os diferentes sentidos construídos nas versões que serão apresentadas para os alunos.

Visando de forma prática elencar as características das fábulas, apresentaremos a seguir um quadro destacando o conteúdo temático, a forma composicional e o estilo deste gênero:

QUADRO 1– ESTRUTURAÇÃO DA FÁBULA

CONTEÚDO TEMÁTICO	A fábula apresenta um conteúdo didático-moralista que veicula valores éticos, políticos, religiosos ou sociais. Este conteúdo pode vir organizado de modo a enfatizar o discurso moralista – mais comum nas fábulas em prosa, clássicas – ou pode assumir um valor mais estético, com uma linguagem mais metafórica e a presença de descrições mais apreciativas que investem na constituição mais poética das personagens e da ação narrativa. Neste caso, o desfecho é, em geral, surpreendente, humorístico ou impactante.
FORMA COMPOSICIONAL	Em prosa ou verso, as fábulas se organizam como uma narrativa concisa: há uma ação que se desenvolve por meio do estabelecimento de um conflito, em geral, de natureza competitiva ou exemplar. A ação da fábula, em geral, é episódica, constitui-se como um episódio do cotidiano da vida das personagens. Daí o tempo e o espaço não serem, em geral, situados, a não ser que contribuam para o desenvolvimento da ação. A moral, nas fábulas mais clássicas, entendida como a sua essência, aparece como o objetivo verdadeiro e final da fábula. Por esta razão, em geral, aparece explícita, evidente, no final do texto. Já nas fábulas em versos, houve uma transgressão deste princípio: a moral passou a constituir-se como parte do procedimento artístico na construção da fábula, podendo não aparecer explicitada, aparecer incorporada na fala das personagens ou, ainda, como introdução da narrativa.
ESTILO	A voz que fala ou canta (3ª pessoa): tanto nas versões mais clássicas das fábulas em prosa de Esopo, quanto em versões mais atuais e em versos, a voz que conta ou ‘canta’ assume, normalmente, a voz da sociedade. Daí a narração em 3ª pessoa, que distancia, impessoaliza o narrador. Nas versões mais modernas (versos de La Fontaine ou prosas mais atuais) esta voz assume um caráter mais individual e contestador de valores sociais ou comportamentos humanos: dialogam e contrapõem-se à voz autoritária e monolítica das fábulas clássicas. Ao assumir esta voz mais individual, com certa frequência, o narrador se coloca pessoalmente na fábula, fazendo o uso da 1ª pessoa: <i>que eu não estou falando senão a verdade</i> . A escolha das personagens da fábula tem relação direta com o seu potencial de colaboração para o desenvolvimento da ação narrativa. Ou seja, os animais ou outros seres são escolhidos em função de alguma característica específica (ágil, lento, ligeiro, pesado, leve, belo, feio...), de algum traço, um certo caráter da sua ação (manso, feroz, traiçoeiro, forte, frágil, desprotegido, perigoso, inofensivo...) que contribua para o estabelecimento de um conflito a partir do qual se desenvolva a história. Cabe ressaltar que a preferência pelo uso de animais e outros seres animados ou inanimados como personagens traz um colorido à narrativa porque ilustra, personifica caracteres, de modo que podem ser facilmente substituídos por seres humanos.

(ANDRADE;PINTO, 2017, pp. 15-16)

Entre os escritores que se dedicaram às fábulas, podemos destacar os três que ficaram mundialmente famosos: Esopo (século VI a. C.), Fedro (15 a.C – 50 d.

C) e Jean de La Fontaine (1621 – 1695). Veremos um pouco da história de cada um desses fabulistas.

3.2 Grandes fabulistas

ESOPO (620 a.C. – 564 a.C.)

Esopo foi um lendário fabulista do século VI a. C, personagem quase mítico que ficou conhecido na história como criador da fábula. Sua importância para o gênero foi tão grande que seu nome passou a designar o estilo “A fábula Esópica”. O estilo esópico trazia como característica a apresentação da moral no final da história. O seu trabalho de divulgação da fábula foi realizado oralmente, fator que possivelmente fez com que se perdesse muito do seu trabalho. A existência de Esopo é envolta por muitos mistérios não existindo nada de concreto e exato sobre ele. Conforme Salém (1970), seria originário da Trácia, Lídia ou Frígia, regiões da Ásia Menor, e teria vivido entre final do século VII a.C. e o princípio do século VI a.C. Viajou pelo mundo, tendo passado pelo Oriente Médio, Egito e Babilônia, o que teria enriquecido o gênero que inventou. Considerado o maior representante do gênero literário fábula, possuía o dom da palavra e a habilidade de contar histórias curtas retratando animais e a natureza e que invariavelmente terminavam com lições de moral (ROBLES, 1954). É um personagem mais lendário do que histórico, pois todos os dados que temos sobre ele são discutíveis. Consta que teria morrido em Delfos.

Há registros na história de que Esopo era do ponto de vista físico uma figura estranha, porém de uma inteligência incomum e invejável: “feio, gago, corcunda, mas engenhoso e de sutil espírito” (SALÉM, 1984, p.130). Teria sido escravo libertado pelo seu dono Xanto, que ficou encantado com as suas fábulas. Depois de livre viajou pelo mundo passando pelo Egito, a Babilônia e o Oriente. Deve-se à originalidade de Esopo a consagração da fábula como gênero específico, ganhando no meio literário notoriedade, importância e reconhecimento. Sousa (2003, p. 35) diz que:

Esopo, a princípio um simples escravo frígio, celebrizou-se, afinal, pelo seu talento em inventar variadíssimos temas fabulísticos, e também em renovar muitos outros, num notável trabalho de criação e recriação, muitas vezes com o aproveitamento de personagens

míticas, mas sempre a partir da experiência e do bom-senso populares.

O autor anteriormente citado afirma que, Esopo encontrou na fábula uma alternativa engenhosa, para que ele na condição marginalizada de escravo, pudesse analisar e criticar a sociedade de sua época. Assim, seus textos transpareciam aspectos de natureza filosófica, (o individualismo e o desejo de liberdade são evidenciados) mitológica (o uso de mitos tradicionais), psicológica (motivada pela condição submissa e humilhante vivida pelo povo, em especial pelos escravos), etiológica (os valores humanos como honestidade/desonestidade, coragem/fraqueza, verdade/falsidade) e sociológica (preocupação com a inserção do homem na comunidade social e política do seu tempo).

As obras a ele atribuídas sugerem normas de conduta exemplificadas pela participação de animais, de homens, deuses, plantas e outras coisas inanimadas. Seus escritos eram originais da cultura popular onde os animais falam, cometem erros, são sábios ou tolos, maus ou bons, como são os homens em todos os tempos. Sua meta era mostrar, com pequenas histórias, como são os seres humanos em suas atitudes tanto para o bem como para o mal. No entanto, como Esopo viveu em uma época com acesso restrito à escrita, não teria registrado suas criações. Estas eram transmitidas pela oralidade ao longo dos tempos e foram recontadas e repassadas de geração a geração até serem registradas na forma escrita.

Esopo é uma figura de relevância na literatura infanto-juvenil, em especial para o gênero Fábula, que tem no autor sua principal referência. São suas as fábulas mundialmente conhecidas: “A raposa e as uvas”, “A tartaruga e a lebre”, “O lobo e o cordeiro”, “A formiga e o escaravelho”, “O asno e a carga de sal”, “O lobo e as ovelhas”, “O cervo e o leão”, “O cão e a sombra”, “A rã e o touro”, dentre tantas outras.

Destaque-se que tanto as fábulas originais de Esopo, quanto as versões esópicas posteriores, evidenciaram umas das características mais particulares desse gênero que é, basicamente, ser um instrumento para expor princípios morais, podendo, por meio delas, apreendermos as boas práticas de convivência entre as pessoas e a valorização de sentimentos (amor à vida, moderação, gratidão, fidelidade em todas as relações interpessoais etc.), assim como as virtudes fundamentais para cada povo.

FEDRO

Posteriormente, coube a Fedro (Phaedrus ou talvez Phaeder) filho de escravos, nascido em um país de língua grega a Trácia, introduzir a fábula na literatura romana, por volta do século I d.C., a partir de transcrições de fábulas de Esopo, dando um toque mais satírico aos textos, sem perder, entretanto, a finalidade de entreter e aconselhar. Fedro foi o grande responsável por conservar o legado de Esopo, porém ao registrar as fábulas esópicas, Fedro colocou seu próprio estilo trazendo a composição latina dos romanos para as histórias. Fedro criou também suas próprias fábulas. A ele atribui-se o mérito de ter fixado a forma literária do gênero Fábula e a responsabilidade pela inversão da moral da fábula do final para o início.

Quanto à origem de Fedro, assim como Esopo, tem-se pouco conhecimento a seu respeito, sabe-se, pelo que se extrai das informações de sua obra, que ele não é latino, porém, como nos diz Marmorale (1974, p. 12), "absorveu a civilização, o espírito e a moral latinas, até o ponto de se poder considerar um dos expoentes mais típicos de algumas facetas da mentalidade romana". Assim, como dito anteriormente, Fedro (Caio Júlio Fedro) nasceu na Trácia, foi levado a Roma como escravo, pertencente ao imperador Augusto, sendo por esse depois libertado. Viveu no início do séc. I d.C, escreveu durante os reinados de Tibério e Calígula, entre os anos 14 e 41 d.C. No governo de Tibério, Fedro lançou seus dois primeiros livros de fábulas, contendo alusões políticas ao mau governo de Roma e à conduta condenável dos nobres. Escreveu ao todo 123 fábulas, compiladas em um número de cinco livros, que foram bastante difundidas e conseqüentemente serviram de inspiração para outros escritores, a exemplo de La Fontaine (francês do século XVIII), que se respaldou tanto em Esopo como em Fedro, tornando-se o único da literatura francesa a escrever fábulas que serviram de inspiração à posteridade, como veremos a seguir.

JEAN DE LA FONTAINE

Jean de La Fontaine nasceu em Château-Thierry, na região de Champagne, na França, no dia 8 de julho de 1621. Estudou Teologia no Oratório de Reims e

Direito, mas seu interesse sempre foi a literatura. Mudanças ocorreram em sua vida, e uma delas foi virar um poeta e fabulista. Resgatou as fábulas de Esopo (século VI a.C.) e de Fedro (século I d.C.). Considerado um dos mais importantes escritores da França, é conhecido por modernizar nas fábulas o frescor da poesia, imprimindo-lhes ritmo e ironia. (ROBLES, 1954). La Fontaine conserva a forma poética já utilizada por Fedro, embora a moral da fábula não fique desvinculada, mas sim, implícita no corpo da narrativa. La Fontaine considerava que a fábula tinha duas partes distintas: o corpo (parte sensível figurativa da narração) e a alma (a moralidade) que serve para revelar as verdades mais sutis da sociedade:

Somos a síntese do que há de bom e mal nas criaturas irracionais. As fábulas, portanto, são um quadro onde cada um de nós se acha descrito. O que elas nos apresentam confirma os conhecimentos hauridos em virtude da experiência pelas pessoas idosas e ensina às crianças o que convém que elas saibam. E como estas são recém chegadas neste mundo, não devemos deixá-las nessa ignorância senão durante o menor tempo possível. Elas têm que saber o que é um leão, o que é uma raposa, e assim por diante, portanto às vezes se compara o homem a um destes animais. Para isto servem as fábulas, pois é delas que provêm as primeiras noções desses fatos. (FONTAINE, 1989, p. 39)

Evidencia-se nessa passagem o uso da fábula como canal para tratar dos mais polêmicos assuntos da natureza humana, usando da figurativização da fábula ao reino animal, podendo assim pontuar críticas veladas sem comprometer o autor. Suas primeiras fábulas datam de 1668, num volume intitulado "*Fábulas Escolhidas*" uma coletânea de 124 fábulas, dividida em seis partes. La Fontaine dedicou este livro ao filho do rei Luís XIV. As fábulas apresentavam histórias de animais, contendo um fundo moral. Escritas em linguagem simples e atraente, as fábulas de La Fontaine conquistaram imediatamente seus leitores, pois o autor com tom realista denunciava através de suas fábulas que muitas vezes o mais forte e astucioso é o vencedor, e que os bons, inocentes e ingênuos são sacrificados. Assim como aborda também a vitória da humildade sobre a presunção, do bem sobre o mal.

Portanto, utilizando-se da perspicácia, ironia e metáforas La Fontaine é referência quanto ao gênero fábula, seja por atingir o público infantil e adulto, seja pelo caráter crítico que elas têm através de suas alegorias. O seu estilo conquistou e cativou as crianças do mundo inteiro, o que faz de La Fontaine um dos mais famosos da literatura mundial.

3.3 Fábulas e gêneros análogos

Discorreremos muito sobre as fábulas, porém sentimos a necessidade de apresentar aqui uma breve comparação deste gênero com outros de formas simples, a exemplo do apólogo e da parábola, que muitas vezes levam o leitor a confusão para distinguir um do outro. De acordo com Coelho (2000, p. 164) são consideradas formas simples,

[...] determinadas narrativas que, há milênios, surgiram anonimamente e passaram a circular entre os povos da Antiguidade, transformando-se com o tempo no que hoje conhecemos como tradição popular.

Nesse contexto enquadram-se dentre outros, fábulas, parábolas, apólogos, narrativas milenares que resistiram ao tempo e continuam presentes nos dias atuais entre os leitores, frutos da oralidade levada por contadores de histórias de região em região, ainda nas palavras da referida autora (ibid., p.165):

São *formas simples* porque resultaram da “criação espontânea”, não elaborada – diferentes, por exemplo, dos romances medievais ou das novelas de cavalaria, que apresentam uma forma ainda rudimentar, mas artisticamente elaborada.

Assim, veremos como disse anteriormente, de forma sucinta alguns pontos que diferenciam estas narrativas a fim de esclarecer possíveis equívocos, pois a falta de um melhor esclarecimento poderá levar o leitor a classificar como apólogo o que é uma fábula ou uma parábola e vice-versa. Esses equívocos acontecem principalmente entre fábula e apólogo. Vejamos o que os estudiosos apresentam em relação a esses gêneros.

Como já discorreremos, em capítulo anterior sobre a fábula, apresentaremos aqui algumas considerações em torno do apólogo e da parábola.

Tanto a fábula e o apólogo como a parábola, utilizam o recurso da alegoria, mas cada um deles possui suas próprias características. Vejamos o conceito de apólogo;

O *apólogo* (gr.*apo*=sobre e *logos*=discurso) é a narrativa breve de uma situação vivida por seres inanimados, ou melhor, sem vida animal ou humana (por ex., objetos ou elementos da natureza...), que ali, adquirem vida e que aludem a uma *situação exemplar* para os homens (“O Sol e o Vento”, “O Carvalho e a Cana” de La Fontaine). Normalmente, o apólogo tem como personagens seres que ali

adquirem *valor metafórico*. Isto é, não são *símbolos* como acontece com as personagens da fábulas.(COELHO, 2000, p. 168).

Observamos, a partir desta definição, que o apólogo também transmite ensinamentos com o objetivo de atingir os conceitos humanos, para modificá-los, levando a uma mudança de comportamento, de ordem moral e social.

Diferencia-se da fábula por se concentrar em situações reais; já a diferença com relação à parábola se dá porque o apólogo trata de qualquer tipo de lição de vida, e não apenas questões religiosas e lições éticas.

No que se refere à parábola, Moisés (1999, p. 385) a define como:

Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a fábula, em razão da moral, explícita ou implícita, que encerra sua estrutura diamétrica. Distingue-se das outras duas formas literárias pelo fato de ser protagonizada por seres humanos. Vizinha da alegoria a parábola, comunica uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas: uma prosa altamente metafórica e hermética veicula um saber apenas acessível aos iniciados. Com quanto se possam arrolar exemplos profanos, a parábola, assemelha exclusivo da Bíblia, onde são encontradas em abundância: O Filho Pródigo, A Ovelha Perdida, O Bom Samaritano, O Lazaro e o Rico.

Evidencia-se, pois, nas parábolas, ensinamentos pautados em aspectos que remetem ao religioso ou ao espiritual, em situações vividas sempre por seres humanos, sem, portanto, transcender os limites do real, enquanto que as fábulas, geralmente transferem para os animais ou seres inanimados as qualidades e sentimentos do homem, utilizando-se do imaginário, através da prosopopeia.

Enfim, feita esta breve explanação acerca da fábula, parábola e apólogo, passaremos no tópico seguinte, a ver como a fábula pode colaborar na formação de leitores, principalmente nas séries iniciais do ensino fundamental.

3.4 A fábula no processo de formação de leitores

Ouvir e contar histórias são atividades que atraem a atenção dos seres humanos desde a antiguidade até os dias atuais. O ser humano se debruça e se encanta com uma história bonita, que prenda a atenção e que desperte a imaginação e o prazer de ouvi-la ou lê-la. Somos dotados de virtudes e talentos, entre eles temos a capacidade de nos transportar através da imaginação, dos sonhos e desejos. Essa capacidade de aguçar a imaginação pode ser ampliada pela habilidade da leitura e, em especial, através da leitura literária, pois este tipo de

leitura proporciona efetivamente sentido ao que lemos, impetrando ao que lemos caráter particular, significados variados. Conforme Candido (2011, p. 176):

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade. E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. Ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance.

Nessa perspectiva, a literatura desponta como ferramenta indispensável para o aguçamento da imaginação humana. É através dela que despertamos o gosto pelo fantástico e maravilhoso em nossas leituras e que aprimoramos as nossas ideias, conceitos, modos de ver a vida, e pensamento crítico. É o que almejamos com a realização desta pesquisa com o gênero fábula voltada às séries iniciais.

Nem sempre encontramos nas escolas esse cuidado em lidar com a literatura, visto que muitas vezes o texto literário é tratado de forma superficial, para atingir fins meramente didáticos ou gramaticais o que acaba por tornar a leitura superficial e sem a compreensão do que foi lido, principalmente para as crianças que estão em fase de aperfeiçoamento da leitura. Há lacunas na formação do leitor realizada na escola, no que diz respeito à compreensão do texto é o que demonstram os dados das avaliações externas realizadas em nossas escolas, conforme Rojo (2009, p. 79):

Somente poucas e as mais básicas das capacidades leitoras têm sido ensinadas, avaliadas e cobradas pela escola. Todas as outras são quase ignoradas. Isso é o que mostram os resultados dos nossos alunos em diversos exames, como o ENEM, SAEB e PISA, tido como altamente insuficientes para a leitura cidadã numa sociedade urbana e globalizada, altamente letrada, como a atual.

É, portanto, extremamente preocupante esta realidade, pois atinge principalmente a capacidade dos nossos alunos de interpretação e criticidade perante as leituras realizadas. Repensar a forma como nós, professores, podemos contribuir para minimizar estas lacunas se faz urgente.

Nessa perspectiva, Solé (1998), critica a escola quando avalia que a maior parte das atividades escolares é voltada para avaliar a compreensão da leitura dos alunos e não para o ensino de estratégias que formem o leitor competente. Ou seja, mais do que avaliar a leitura, a escola precisa lançar mão em sala de aula de estratégias de leitura que fomentem a capacitação de um leitor proficiente. A autora apresenta o trabalho com a leitura em sala de aula em três etapas de atividades com o texto: o antes, o durante e o depois da leitura.

Sendo assim, cabe à escola priorizar, desde cedo, estratégias de leitura que minimizem estas dificuldades de apreensão de sentidos no texto, que despertem o gosto pela leitura e a façam de forma que surtam efeito para a formação escolar dos alunos.

Concordamos com Orlandi (2012), quando destaca que é relevante que as atividades de leitura em sala de aula estejam direcionadas por alguns fatores importantes. Segundo a autora há múltiplos e variados modos de leitura. A autora enfatiza que se faz necessário pensar a produção de leitura em todas as suas possibilidades, não como algo apenas a ser ensinado, mas algo possível de ser trabalhado. É preciso o exercício constante da leitura para que ocorra melhor aprimoramento. Além disso, destaca a referida autora que, tanto a leitura, quanto a escrita, fazem parte do processo de estruturação do sentido, e que o sujeito-leitor tem suas especificidades e sua história, que evidentemente influenciarão na compreensão do texto.

Face ao exposto, constatamos que a formação de leitores é um dos maiores desafios vividos pela escola e que, de forma geral, inquietam estudiosos em educação, professores, pais de alunos, enfim, a sociedade em geral.

Incentivar o aluno à leitura literária, aguçando seu prazer em fazê-la é talvez um dos caminhos mais eficazes para atingir o ideal de bons leitores. Esta dimensão da formação de leitores fruidores através da literatura está explícita na BNCC (Base Nacional Comum Curricular), quando coloca que:

Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2017, p. 136).

Nesta perspectiva, um trabalho literário voltado para formação de bons leitores seria aquele que explora o texto em suas especificidades, o seu contexto, as relações intertextuais que ele estabelece com outros textos e seu conteúdo, ultrapassando os aspectos estruturais e possibilitando retorno do trabalho do leitor com o texto, através das indagações, apreensão de significados nas entrelinhas, reflexões sobre os implícitos textuais e como se associam essas ações com o tema da obra. As fábulas correspondem a este trabalho de formação literária. Na BNCC, elas são citadas dentro do campo artístico-literário. Vejamos:

CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO- campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros. (BRASIL, 2017, p.98).

Assim, considerando a faixa de idade das crianças a qual esta pesquisa se destina, seus gostos e interesses, o uso de histórias de teor alegórico constitui-se em um atrativo para despertar sua atenção e alcançar os objetivos que almejamos. Sobre o uso das fábulas na escola, Costa (2013, p. 74) nos diz:

Esse é, provavelmente o mais conhecido dos textos que circula na escola. Contribuem para esse conhecimento a extensão (texto curto), os personagens (animais falantes na maioria), o tratamento dialógico (personagens dialogam ao longo do texto, permitindo pontos de vista diferentes), a moral explícita (às vezes implícitas) no início ou no final da narrativa, que evita contradições, facilita e condiciona a compreensão do que foi lido.

Vislumbramos através das fábulas, trabalhar o texto literário em sala de aula, de forma a despertar o gosto pela leitura literária, pois este gênero oferece-nos um leque de possibilidades para tornar a leitura com os pequenos com sentido. Seus temas são conhecidos por todos; além de serem textos curtos e bem humorados atraem a atenção dos alunos, despertando sua imaginação e sensibilidade.

As fábulas por ter origem na oralidade são vivas, atemporais; por isso, encontramos muitas versões de uma mesma fábula, o que nos permite várias maneiras de explorar a temática, fazer um confronto ou comparações como o autor em cada época tratava o assunto, assim explorar o potencial crítico e reflexivo do aluno, onde a leitura contribuirá para desenvolver habilidades fundamentais na formação leitora do aluno.

No entanto, o que necessariamente faz com que certo gênero que encantou os povos antigos, quando a realidade era outra, extremamente diferente da atual, continue em evidência agradando as massas populares e as crianças até os dias de hoje, como é o caso das fábulas? Como bem sabemos, a fábula atravessou gerações e gerações há milhares de anos e é indiscutivelmente um dos gêneros mais utilizados na escola e que permanece com temas atualizados à realidade atual. Isso se deve, segundo Coelho (2000, p. 450) porque,

Enfim, toda grande obra literária que venceu o tempo e continua falando ao interesse de cada nova geração, atende a outros motivos particulares que, como os que atuaram em sua origem, são decorrentes de uma verdade humana geral.

Assim são as fábulas, apesar de arcaicas carregam em sua essência temas inerentes à natureza humana (ambição, amizade, inveja, generosidade, ciúmes, ódio, etc.), ou seja, verdades gerais impetradas em todas as regiões e culturas, e que estão sempre em relevância em sociedade. Este é sem dúvidas, um dos pontos que justifica a sua aplicabilidade e que, provavelmente, proporciona ao professor, maior facilidade de trabalhar com este gênero principalmente nas séries iniciais.

A competência leitora está em constante construção, ofertar nas séries iniciais o contato com um gênero lúdico e ao mesmo tempo reflexivo, atemporal e didático, acreditamos que condicionará o aluno a uma experiência prazerosa com a leitura literária.

Outro ponto que favorece a inserção das fábulas no trabalho de compreensão de leitura com as crianças diz respeito à efabulação, ou seja, como os fatos são encadeados dentro da narrativa. Nesse sentido, Coelho (2000, p. 71) aponta-nos que, “Em se tratando de literatura infantil, a estrutura mais adequada é a *linear*, ou melhor, a que segue a sequência normal dos fatos: princípio, meio e fim.” As fábulas atende a este princípio com maestria, fator que impulsionará através da mediação do professor o prazer da criança em realizar suas leituras, apurando o gosto literário.

Além desses pontos elencados, outro elemento que não pode faltar na fábula é a moral. O fabulista La Fontaine disse que a fábula tem duas partes: o corpo (narrativa) e a alma (moral). Segundo Dezotti (2003, p. 24 *apud* OLIVEIRA, 2011, p. 44), a moral, seja ela expressa no começo (epimítio) ou no fim (promítio), ou subentendida no texto a moral sempre ensina algo a quem lê ou escuta uma fábula, e funciona como um arremate da lição expressa na narrativa.

Em sala de aula, esta estrutura composicional da fábula favorece a aproximação da criança a leitura, pois narrativa breve (corpo) e lição ou ensinamento (moral), ambas se completam e são inerentes às experiências dos povos, referenciando as discussões que poderão surgir sobre o bem o mal e tantos outros aspectos relativos à sociedade em geral.

Para o aprimoramento do leitor que está em formação, a presença da alma ou moral, torna a compreensão do texto mais fácil, contribui para o processo de compreensão do sentido do texto, permite que este aluno acostume-se a multiplicidade da linguagem desde cedo, ou seja, que perceba a ligação entre a linguagem predominantemente conotativa presente no corpo (narrativa) e a denotativa presente na alma (moral). Ao utilizar-se desta ferramenta a escola estará promovendo sem sombra de dúvidas a aquisição de uma leitura com sentidos, onde o aluno extrapola a simples decodificação de letras.

Dessa forma, com base em todos estes pontos elencados apostamos na fábula como ferramenta para despertar o gosto por leitura literária nas séries iniciais. Ao despertar na criança o prazer em ler, ela sentirá o desejo de cada vez mais descobrir novas histórias, novas personagens num encantamento que a levará a viagens fantásticas em suas leituras, tornando-a, assim, uma leitora proficiente, capaz de fazer interpretações e inferências textuais cada vez mais complexas.

A leitura por prazer pode ser construída conforme o leitor vence obstáculos, limitações e se constitui como sujeito ativo, competente, podendo estabelecer relações entre acontecimentos reais e de pensamento. A leitura de fábulas na escola quando realizada de forma adequada exerce um papel transformador nos alunos e leva-os a ter um diálogo constante com diferentes gêneros literários, contribuindo para que se posicionem reflexiva e criticamente perante a sociedade.

Nesta perspectiva, consideramos que a praticidade como a fábula aborda temas importantes, numa linguagem simples, é ideal, para trabalhar com as crianças nas séries iniciais. Nesse sentido, Bussato (2012, p. 35) aponta,

As fábulas falam à realidade externa, têm um caráter prático, dizem como poderemos melhorar as nossas atitudes cotidianas, a nossa conduta e convivência social, a partir de exemplos de outros seres, geralmente animais que agem e falam como seres humanos.

É exatamente sobre este caráter prático das fábulas que queremos explorar no sentido não meramente de trabalhar o gênero pra ensinar comportamentos, mas

acima de tudo de trabalhar a fábula como uma ferramenta que oferece oportunidade de fruição da leitura, bem como oportuniza reflexões sobre situações reais que podem ser comparadas às experiências das crianças, levando-as a refletirem sobre essas experiências, opinarem sobre determinados assuntos, despertarem para o gosto à leitura e, por consequência, aprendam a realizar leituras cada vez mais produtivas.

A leitura de fábulas pode abrir novos horizontes e conduzir os alunos ao desafio e a crítica de comportamentos, com reflexões sobre a prática, analisando as atividades propostas e discutindo sobre sua efetivação na formação leitora do aluno. Ao utilizar-se desta ferramenta a escola estará promovendo sem sombra de dúvidas a aquisição de uma leitura com sentidos, leitura esta, que proporcionará ao aluno a capacidade de atuação social ativa e despertará o interesse em ler outros gêneros literários que sem sobra de dúvidas fortalecerão sua capacidade leitora.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de natureza aplicada, já que busca subsidiar professores das séries iniciais do Ensino Fundamental (5ºano) no desenvolvimento de estratégias para despertar o gosto por leitura literária e dessa forma contribuir com a formação do leitor, através do trabalho com o gênero fábula. De acordo com Pradonov e Freitas (2013, p. 51) “a pesquisa aplicada objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática, dirigidos à resolução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”.

Para a realização desta pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, pois de acordo com Pradanov e Freitas (2013, p. 70):

A pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Esta não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. Tal pesquisa é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem.

Face ao exposto, a abordagem qualitativa foi escolhida por ser a que oferece maior possibilidade de análise e interpretação para atingir os objetivos a que esta pesquisa se destina, pois pretendemos despertar o interesse pela leitura literária através do gênero fábula, promovendo estratégias de leitura e atividades que promovam a ampliação da competência leitora do aluno, capacitando-o para leituras mais reflexivas e críticas.

A presente pesquisa também é exploratória, pois conforme Gil (1991), “pesquisas exploratórias objetivam facilitar familiaridade do pesquisador com o objeto da pesquisa, para a construção de hipóteses ou tornar a questão mais clara”. Assim, procuramos aprofundar as informações sobre o gênero literário fábulas, vislumbrando sua definição, estrutura composicional e seu delineamento, para desenvolvermos estratégias que possam favorecer o ensino de leitura com base nesse gênero, a fim de sanar dificuldades em relação à formação do leitor literário.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos trata-se de uma pesquisa bibliográfica, pois de acordo com Pradonov e Freitas (2013, p. 54) a pesquisa é bibliográfica:

Quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Em relação aos dados coletados na internet, devemos atentar à confiabilidade e fidelidade das fontes consultadas eletronicamente. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

Para consolidação desta pesquisa e a fim de alcançarmos os objetivos propostos, utilizamos conceitos e contribuições da área de ensino da literatura e teoria literária de autores como Cosson (2018), Soares (2011), Costa (2013), Zilberman e Lajolo (1998), Aguiar (2013), Cardematori (2010), Zinani e Santos (2010), Candido (2011), Dezotti (2018), Oliveira (2011), Matos e Sorsy (2009), Coelho (2000), Bussato (2012) Alves (2007), Fontaine (1989), Solé (1998) e Orlandi (2012), dentre outros estudiosos que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Nessa perspectiva, após levantamento das diversas fontes bibliográficas (livros, revistas, artigos), e realização de leituras referentes ao tema de nosso interesse, selecionamos os mais relevantes para subsidiar nossa pesquisa e apoiarmo-nos nestas discussões teóricas para elaboração de proposta didática em forma de um caderno pedagógico, com estratégias de leitura apresentando o gênero literário fábula como textos de apoio para auxiliar o trabalho do professor em sala de aula, objetivando despertar o gosto dos alunos pela leitura literária.

O caderno pedagógico consta de duas partes. Na primeira parte apresentamos ao professor orientações e informações relacionadas ao gênero em questão (fábula), tais como textos de suporte, referências para pesquisa, entre outros. Já na segunda parte, temos propriamente a aplicação das sequências didáticas, com os seus objetivos delineados, atividades pertinentes e estratégias de leitura voltadas a desenvolverem o gosto pela leitura através das fábulas em turmas do 5º ano do Ensino fundamental I.

Elaboramos três sequências didáticas com o tempo estimado de 6 h/a de 50 minutos cada uma. Para aplicação destas, utilizamos como apoio o letramento

literário de Cosson (2018). Para tanto, utilizamos a sequência básica que consta de quatro partes distintas: motivação, introdução, leitura e interpretação. Para cada uma dessas partes elaboramos propostas de atividades pertinentes tendo sempre como foco colaborar com a formação literária dos alunos de forma lúdica e prazerosa.

A primeira sequência, intitulada **Conhecendo o gênero**, objetiva apresentar como o próprio título sugere o gênero fábula, suas características, fabulistas mais conhecidos, bem como incentivar a leitura das fábulas desses autores através de atividades dinâmicas.

Na segunda sequência, intitulada **Versões de uma mesma fábula**, apresentamos a fábula “A cigarra e a formiga” nas versões de diferentes autores (Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato), para mostrar a multiplicidade das possibilidades de se contar histórias e como uma mesma história pode apresentar significados diferentes, objetivando promover um trabalho com o conhecimento de mundo envolvido na interação autor-leitor-texto.

Última sequência intitulada **Fábulas e gêneros análogos**, objetivamos ampliar o repertório de leitura e conhecimento dos alunos acerca de outros gêneros semelhantes à fábula, como o apólogo e a parábola.

Optamos por sequências por estas propiciarem situações de aprendizagens abertas e dinâmicas, abrindo espaço para a inovação, a troca de experiências e construção de conhecimentos, superando o modelo mais fixo baseado na mera transmissão de informações. O estudo de um tema realizado com sequências bem elaboradas permite a comparação entre experiências diversificadas, o que propicia uma abordagem reflexiva dos desafios enfrentados pelos docentes.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

5.1 Caderno Pedagógico: Fabuloso, um caderno para mediar a leitura de fábulas.

Capa



CADERNO PEDAGÓGICO



Fabuloso

UM CADERNO PARA MEDIAR A LEITURA DE FÁBULAS

1ª SEQUÊNCIA - PÁG. 17

2ª SEQUÊNCIA - PÁG. 33

3ª SEQUÊNCIA - PÁG. 39

APRESENTAÇÃO

CARO PROFESSOR,

A presente proposta de trabalho foi idealizada a partir da reflexão acerca da importância do letramento literário para a formação social e escolar dos alunos. Portanto, foi elaborada com o intuito principal de despertar o gosto literário nos estudantes da fase inicial do ensino fundamental através do gênero fábulas, como forma de incentivar à formação do leitor pensante, crítico e ativo em sociedade. Propomos, neste trabalho, a partir do conceito de letramento literário apresentado por Cosson (2018), sequências didáticas básicas almejando o incentivo e a promoção da leitura literária de fábulas de forma lúdica e prazerosa. O que ora apresentamos se constitui como resultado de pesquisa do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG - CAMPUS V.

A sequência básica é composta por quatro passos. O primeiro deles, a motivação que consiste em preparar o aluno para entrar no texto. Em seguida, introdução que tem como base a apresentação do autor e da obra; sua função é que o aluno receba a obra de maneira positiva, portanto, não deve ser longa. A terceira parte é a da leitura por ser uma atividade escolar, precisa de acompanhamento, pois tem uma direção e um objetivo a cumprir. Por fim, o quarto e último passo da sequência básica é a interpretação.

O autor propõe que em um cenário de letramento literário, devemos pensá-la em dois momentos: interior e exterior. O primeiro é individual, é aquele que acompanha a obra palavra por palavra, que decifra capítulo por capítulo, até chegar à apreensão global da obra, que se realiza logo após o término da leitura. O momento externo é a concretização do ato de construção de sentido em uma determinada comunidade de leitores.

Levando em conta as especificidades do gênero, neste trabalho propomos um conjunto de sequências que conta em sua composição com a leitura de fábulas, antologias de fabulistas clássicos, organização de material ilustrativo a partir dos textos apresentados, momentos de exploração da intertextualidade, além de promover discussões sobre a importância da literatura para a nossa vida.

Para a elaboração do caderno pedagógico, nos baseamos nas contribuições de Cosson (2018), Soares (2003; 2004; 2006) e Kleiman (1995), entre outros autores que desenvolveram pesquisas sobre leitura do texto literário, formação de leitores e contribuíram significativamente para os estudos nessa área.

Ao final, o que se percebe é que o letramento literário tem um papel indispensável na formação de alunos/leitores, e que nos oferece uma possibilidade de estratégia metodológica no direcionamento e fortalecimento do ensino de literatura.

Este material está organizado em duas partes. A primeira conterá orientações visando um melhor aproveitamento da leitura em sala de aula com os alunos, bem como trará informações acerca do gênero fábula, que integrará as atividades propostas para serem aplicadas em sala de aula.

Na segunda parte, apresentamos as sequências de atividades tanto orais como escritas, traçamos os objetivos de cada sequência, atividades relacionadas e estratégias de leitura com o intuito de cultivar o gosto pela leitura literária a partir das fábulas.

Vale ressaltar ainda que, para efetivação deste caderno pedagógico, a opção pelo trabalho com fábulas se deve ao fato deste gênero literário ser breve, de fácil assimilação para os leitores desta faixa etária (Ensino fundamental I - séries iniciais - 5º ano).

Ao estimular a imaginação da criança através das fábulas, conseqüentemente, a criatividade e o senso crítico também serão despertados, oferecendo, assim, oportunidades para o aluno fazer inferências, relacionar a temática às questões pessoais, políticas, sociais e culturais, além de identificar ideias nas entrelinhas, compartilhar saberes, ou seja, em outras palavras proporcionar às crianças o desenvolvimento de sua competência discursiva.

Conforme Dezzotti (2003, p.22) a fábula “mais que um gênero literário, constitui uma forma discursiva definitivamente incorporada em nossa competência de falante”. Dessa forma, procuramos contribuir para a formação de um leitor autônomo na construção do seu conhecimento, dando-lhe oportunidade para ouvir, ler, interpretar, criticar, concordar, compartilhar, censurar ideias presentes no texto, firmando uma consciência que amplie o mundo a sua volta, pois conforme Cosson (2000, p.14) a literatura tanto serve para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo.

Os estudos sobre letramentos e formação de leitores atestam que a leitura se configura como uma necessidade para o bom desempenho no processo de aprendizagem e, conseqüentemente, pode colaborar para um olhar mais humanizado das relações sociais. Diante desta realidade Solé (1998, p.32) afirma que:

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas. E ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem.

Portanto, é extremamente válido que nós, professores, nos debruçemos em torno desse assunto e que procuremos cada vez mais estratégias de leitura e ensino que venham a colaborar para despertar em nossos alunos o prazer e o encantamento pela leitura desde cedo, com vistas à consolidação de leitores cada vez mais conscientes e ativos. A esse respeito, Cosson coloca:

É fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em um leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (COSSON, 2018, p.35)

Como podemos perceber, a leitura, assim como as demais habilidades que desenvolvemos ao longo da vida é algo que precisa ser constantemente estimulada por meio de práticas educativas significativas. Conforme Solé (1988, p.65),

Aprender a ler não é muito diferente de aprender outros procedimentos ou conceitos. Exige que a criança possa dar sentido àquilo que se pede que ela faça, que disponha de instrumentos cognitivos para fazê-lo e que tenha ao seu alcance a ajuda insubstituível do seu professor, que pode transformar em um desafio apaixonante o que para muitos é um caminho duro e cheio de obstáculos.

Aqui, damos visibilidade à figura do professor, como peça fundamental neste processo de formação do leitor, pois consideramos que o despertar do interesse pela leitura está, geralmente ligado a presença de agentes de formação, mediadores que estimulam a interação leitor/texto literário. As primeiras experiências de leitura, quando respaldadas em ações positivas, são fundamentais para seduzir o leitor à prática cotidiana de leitura. Dessa forma, estaremos estimulando práticas impregnadas de pura fruição, prazer, afetividade, que contribuem para formação de um leitor em potencial.

Portanto, oferecer leitura de qualidade em sala de aula, para que o leitor sintasse motivado a realizá-las é sempre fonte de um bom trabalho escolar. Em relação à leitura de maneira geral, apresentamos baseados em SOLÉ (1998) os principais objetivos que devemos ter ao realizar leituras:

Segundo SOLÉ (1998), lemos para:

Obter uma informação precisa: com esse objetivo, a leitura é direcionada ao ponto que interessa ao leitor, havendo uma seleção tanto de informações quanto das partes do texto a serem lidos, uma vez que as informações que não interessam são desprezadas, valorizando somente as que estão de acordo com o que se pretende encontrar.

Seguir instruções: nesse caso a leitura e sua compreensão proporcionam a realização de diversas ações, uma vez que é muito comum nos guiarmos em determinadas tarefas, através de instruções.

Obter uma informação de caráter geral: a leitura, com esse objetivo, é guiada pelo interesse e desejo do leitor por determinado assunto. O leitor se detém na leitura que lhe suscita curiosidade ou que atende às suas necessidades. É também uma leitura que proporciona o desenvolvimento da criticidade do aluno, já que a faz de acordo com a sua vontade.

Aprender: nesse objetivo, a postura do leitor em relação ao texto torna-se como a de um pesquisador que busca o máximo de informações sobre determinado assunto, através da leitura. Surgem então, por parte do leitor, questionamentos sobre o que sabe e sobre o que o texto mostra; o interesse por outra leitura como forma de implementar e/ou aprofundar os conhecimentos.

Revisar um escrito próprio: como o próprio nome informa a leitura com esse objetivo serve para avaliar a escrita de textos.

Por prazer: com esse intento, a leitura volta-se para textos literários, sua escolha associa-se com a experiência leitora do sujeito, quando a escolha fica a cargo dele mesmo, de acordo com o que lhe é proposto adequadamente pelo professor, observando o nível de leitura e de compreensão do aluno.

Praticar a leitura em voz alta: essa é uma prática muito comum em sala de aula, quando se lê o texto coletivamente. Com esse objetivo observa-se a forma como o aluno, durante a leitura, faz a pronúncia, sua entonação, pontuação dentre outros aspectos.

Verificar o que se compreendeu: no âmbito escolar, esse objetivo se realiza na forma de perguntas para averiguação da compreensão do discente a respeito da leitura empreendida.

(SOLÉ, 1998, p.93-99)

Já em relação à leitura literária, apontamos baseados em COSTA (2013) que para trabalhar com a leitura literária em sala de aula, precisamos atentar para os seguintes princípios;

- Antes realizarmos trabalho com a literatura do que seu ensino. Ensinar é termo que vem contaminado por cobranças e adequações ao saber sistematizado, que a literatura rejeita.
- Para um bom trabalho de formação de leitores, objetivo da existência da literatura em sala de aula, convém multiplicar a leitura, e não as atividades.
- O escalonamento e a progressividade dos textos ajudam a pôr em contato o leitor em formação com textos complexos, mediados sempre pelo professor.
- É imprescindível que haja comportamento de leitura permanente para que o exercício do ato de ler permita ao leitor o aperfeiçoamento, a afeição aos textos e a compreensão de textos cada vez mais complexos.

(COSTA, 2013, p 87-88)

A partir das questões apontadas nesse caderno pedagógico, procuramos sugerir caminhos que busquem despertar os muitos olhares dos alunos/leitores através das fábulas. Esse gênero milenar é apresentado, aqui como um suporte para a inserção da prática de leitura que privilegie o contato, a degustação do texto literário em sala de aula, explorando as suas potencialidades na formação leitora do público-alvo desta pesquisa.

ANTES DE MAIS NADA

Conceitos importantes

CARO PROFESSOR,

achamos pertinente antes de apresentar as atividades de leitura, discorrer um pouco sobre o gênero fábula, como forma de aprofundamento apresentando suas características, bem como apresentando diferenciações entre elas e outros gêneros bem parecidos como o apólogo e a parábola.

Apresentaremos aqui uma série de conceitos de estudiosos em relação à fábula, que atestam a sua importância no contexto escolar:

Fábula (lat. Fare = falar e Gr. Phaó = dizer, contar algo) é a narrativa (de natureza simbólica) de uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. (COELHO, 2000, p.165)

A fábula é considerada um gênero universal devido à sua profunda relação com a sabedoria popular. Corresponde “a uma pequena narrativa que serve para ilustrar algum vício ou alguma virtude, e termina, invariavelmente, com uma lição de moral ”(BAGNO,2006. p.51)

“[...] é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado” (PORTELLA, 1983, p. 121).

O gênero fábula, como tantos outros gêneros narrativos, registra as experiências e o modo de vida dos povos. É por meio das histórias que ouvimos lidas ou contadas de boca em boca, que aprendemos boa parte do que precisamos saber para viver em sociedade. (FERNANDES, 2001 p. 7)

As fábulas falam à realidade externa, têm um caráter prático, dizem como podemos melhorar as nossas atitudes cotidianas, a nossa conduta e convivência social, a partir de exemplos de outros seres, geralmente animais que agem e falam como seres humanos. (BUSSATO, 2012, p.35)

As fábulas sempre atraíram a atenção das crianças, por trabalharem com o imaginário infantil, pelo uso de personagens antropomorfizados,(animais com sentimentos humanos), pela ludicidade que se pode haver em algumas fábulas, enfim, este gênero constitui uma forma, aparentemente ‘suave’ de educar as crianças. (NASCIMENTO e SCARELI, 2011, p.3)

São textos curtos que narram com precisão as ações ocorridas com as personagens, sem que isso, é claro, prejudique a história contada. O jeito de construir a textualidade própria da fábula constitui para torná-la concisa, esse recurso é valioso na produção de nossos próprios textos, pois permite aos leitores entendê-los com mais clareza. Evitam-se frases separadas por pontos, procura-se reuni-los em um único período, evita-se a repetição de palavras iguais, usando pronomes, sinônimos, recursos de pontuação e omissão de palavras. (PEREIRA, 2008, p.22)



Professor, após apresentação dos conceitos dos vários autores, apresentaremos a seguir, de forma breve, um pouco mais sobre este gênero: formas como podem ser escritas, seu surgimento, sua estrutura e as suas características.

EXEMPLOS DE FÁBULAS

Em Prosa e em Versos

A Cigarra e as Formigas Esopo

Na estação do inverno, as formigas secavam o trigo molhado. E a cigarra, esfomeada, lhes pediu comida. Mas as formigas lhes disseram: “Por que durante o verão você também não ficou juntando comida?”. E ela disse: “Não tinha tempo livre: cantava como as Musas”. E elas rindo disseram: “Ora, se na estação do verão você flauteava, na do inverno dance!”

A história mostra que em toda e qualquer atividade ninguém deve se descuidar, para não se afligir nem correr perigo.

A Formiga e a Pomba Esopo

Uma formiga sedenta desceu a uma fonte, mas foi levada pela correnteza e começou a afogar-se. Nisso uma pomba avistou a cena, arrancou de uma árvore um ramo e lançou-o na água. E a formiga, pousando nele, salvou-se. Tempos depois um caçador reuniu seus caniços com visco e saiu para apanhar a pomba. Então a formiga, ao perceber isso, deu uma mordida no pé do caçador. E ele, com a dor que sentiu, jogou os caniços, fazendo que a pomba fugisse imediatamente.

A fábula mostra que é preciso retribuir o favor aos benfeitores.

(DEZOTTI, 2018, p.53)

A Cigarra e as Formigas De Lafontaine

Tendo a cigarra em cantigas
Folgado todo verão,
Achou-se em penúria extrema
Na tormentosa estação.

Não lhe restando migalha
Que lhe trincasse a tagarela
Foi valer-se da formiga,
Que morava perto dela.

Rogou-lhe que lhe emprestasse
Pois tinha riqueza e brio
Algum grão com que manter-se
Até voltar o aceso estio.

“Amiga - diz a cigarra -
Prometo a fé d’ animal,
Pagar- vos antes de agosto
Os jurose o principal.”

A formiga nunca empresta
Nunca dá, por isso junta,
“No verão em que lidava?”
À pedinte ela pergunta.

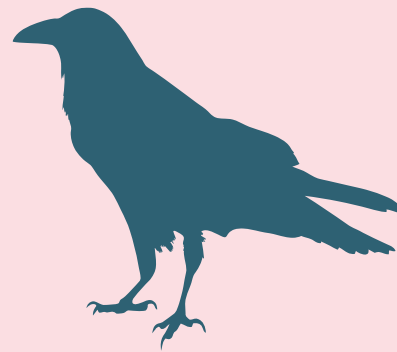
Responde a outra: “Eu cantava
Noite e dia, a toda hora”
“__ Oh! Bravo! __ torna a formiga:
Cantavas? Pois
dança agora”

Disponível em: https://www.cultura genial.com/ a_cigarra_e_a_formiga/

EXEMPLOS DE FÁBULAS

Em Prosa e em Versos

O Corvo e a Raposa De Lafontaine



O Senhor Corvo, em uma árvore empoleirado,
Segurava em seu bico um queijo
A Senhora Raposa, pelo cheiro atraída,
Falou-lhe mais ou menos desta maneira:
“Bom dia, Senhor Corvo,
Como o Senhor é bonito! Como me parece belo!
Sem mentir, se o seu canto
Assemelha-se à sua plumagem,
O Senhor é a Fênix dos habitantes desses bosques.”
A essas palavras, o Corvo não cabe em si de alegria:
E, para mostrar sua bela voz,
Abre um grande bico, deixa cair sua presa.
A Raposa apodera-se dela e diz: “Meu caro senhor,
Aprenda que todo adulator
Vive à custa daquele que o escuta.
Essa lição merece, sem dúvida , um queijo”
O Corvo, envergonhado e perplexo,
Jurou, mas um pouco tarde, que nunca mais o enganariam.

(DEZOTTI, 2018, p.167-168)



IMPORTANTE

Lembrete: Não necessariamente as personagens das fábulas serão animais exclusivamente, pois encontraremos outros tipos de personagens tais como seres humanos, objetos, plantas, etc, o que leva a confundir a fábula com outros gêneros como a parábola e o apólogo. Veremos mais à frente a diferença entre esses gêneros.

COMO SURGIRAM AS FÁBULAS

Professor,



As fábulas são tão antigas quanto a humanidade. Fazem parte da oralidade. Sabe-se que são contadas há aproximadamente 2.800 a. C, mas não há como afirmar quem foi seu criador, nem onde surgiu a fábula exatamente. As considerações a seguir estão fundamentadas em Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy, mais especificamente na obra “O ofício do Contador de Histórias”.

Em seguida, apresentamos basicamente a **estrutura da fábula**:

As fábulas podem ter surgido na Ásia Menor e de lá migrado para as ilhas gregas.

Há registros delas no antigo Egito.

Na Índia podemos encontrá-las no Panchatantra (mais antigo livro de contos do mundo).

Na Grécia, o mais famoso fabulista foi o escravo Esopo, que teria vivido entre os séculos IV e III a. C.

Na Idade Média, as fábulas foram largamente utilizadas pelos clérigos para transmitir valores morais.

Na França, encontramos no século XVII o grande fabulista La Fontaine, que testemunhou os acontecimentos de sua época, denunciou injustiças sociais através das fábulas que criou e das que recontou. Sua intenção era instruir enquanto distraía. Ele dizia; “Naquilo que escrevo, o corpo é a fábula; a alma, a moralidade”.

Em Roma, Fedro é a grande referência, mas temos Faerne, na Renascença e Leonardo da Vinci.

No Brasil, Monteiro Lobato é o mais conhecido fabulista. Todos esses autores e outros mais se inspiraram nas antigas fábulas para criar ou para recriar, em muitos casos recontaram as já existentes dando-lhes um novo matiz, sintonizando-as com o seu tempo e a sua cultura.

(MATOS, SORSY, 2009, p.183)

CARACTERÍSTICAS

01 Situação Inicial

Neste momento o narrador irá apresentar as personagens, destacando no exato momento em que ocorre os fatos.

02 Tempo e espaço

a indicação de tempo e espaço, serão estritamente o necessário para situar as personagens. Como por exemplo, a indicação de um córrego, onde o cordeiro está bebendo água (O lobo e o cordeiro): a de uma árvore, em que um corvo está empoleirado (O corvo e a raposa).

03 Ação

Uma das personagens dá início a ação. Geralmente questionando a outra; ou solicitando ajuda; fazendo uma provocação, desdenhando o oponente, entre outras possibilidades.

04 Reação

A outra personagem responde ao questionamento, concordando ou não com o que foi solicitado. Então nesse diálogo, as personagens dizem uma coisa querendo na verdade dizer outra, são astutas ou impõem o seu poder através da força ou do medo.

05 Situação Final

É a representação do resultado que gera consequências de acordo com a ação ou reação das personagens. Na verdade é o momento em que o narrador enfatiza o ensinamento, confirmando a verdade proposta pela fábula. A lição de vida que a fábula pretende transmitir.

06 Moral

Agora, de acordo com o ensinamento destacado na Fábula, a lição é finalizada por um provérbio conhecido ou não.

(MENEGASSI, Renilson José. Formação de Professores, UEM, 2005)



ESTRUTURA SINTETIZADA



Professor,

Como podemos observar, a estrutura da fábula é simples e de fácil compreensão para os leitores, pode levar ao estímulo da leitura das crianças. O quadro abaixo nos mostra de forma resumida esta estrutura:

1

SITUAÇÃO INICIAL: Apresentação inicial da história. Início.

2

CONFLITO GERADOR: Apresentação do conflito em que os personagens são envolvidos.

3

CLÍMAX: Parte emocionante da história. Momento de maior tensão dentro da história.

4

DESFECHO: Final da história.

5

MORAL: O ensinamento que a fábula nos mostra

O ROUXINOL E O FALCÃO



Professor,

Vejam os a seguir a exemplificação de cada uma dessas fases na fábula “O rouxinol e o falcão” (Esopo).

Situação Inicial

O rouxinol, pousado no alto de um carvalho, cantava como de hábito.

Conflito Gerador

O falcão, ao avistá-lo, como estava sem comida, voou até ele e o capturou.

Clímax

E o outro, estando prestes a ser liquidado, pediu que o deixasse ir, dizendo que ele mesmo não era suficiente para encher o estômago de um falcão:

Desfecho

E aquele disse em resposta: “Ora, eu mesmo seria estúpido se, largando o alimento que está pronto nas mãos, perseguisse um que ainda não apareceu.”

Moral

Assim também entre os seres humanos são irracionais aqueles que, na esperança de coisas maiores, deixam escapar as que estão nas mãos.

Fonte: elaborada pelos autores.)



Professor,

Lembrete: A fábula tem sua estrutura formada pela parte narrativa e pela interpretativa que chamamos de MORAL, que pode ou não vir evidenciada no texto. Ainda conforme Dezotti (2003) faz parte das possibilidades lúdicas do gênero deixar a narrativa sem moral, para que o leitor/ouvinte seja obrigado a desvendá-la a partir de indícios presentes no texto, o que lhe confere um caráter enigmático, cujo sentido advém da interpretação.

CARACTERÍSTICAS DA FÁBULA

CONTEÚDO TEMÁTICO

A fábula apresenta um conteúdo didático-moralista que veicula valores éticos, políticos, religiosos ou sociais. Este conteúdo pode vir organizado de modo a enfatizar o discurso moralista – mais comum nas fábulas em prosa, clássicas – ou pode assumir um valor mais estético, com uma linguagem mais metafórica e a presença de descrições mais apreciativas que investem na constituição mais poética das personagens e da ação narrativa. Neste caso, o desfecho é, em geral, surpreendente, humorístico ou impactante.

FORMA COMPOSICIONAL

Em prosa ou verso, as fábulas se organizam como uma narrativa concisa: há uma ação que se desenvolve por meio do estabelecimento de um conflito, em geral, de natureza competitiva ou exemplar.

A ação da fábula, em geral, é episódica, constitui-se como um episódio do cotidiano da vida das personagens. Daí o tempo e o espaço não serem, em geral, situados, a não ser que contribuam para o desenvolvimento da ação.

A moral, nas fábulas mais clássicas, entendida como a sua essência, aparece como o objetivo verdadeiro e final da fábula. Por esta razão, em geral, aparece explícita, evidente, no final do texto. Já nas fábulas em versos, houve uma transgressão deste princípio: a moral passou a constituir-se como parte do procedimento artístico na construção da fábula, podendo não aparecer explicitada, aparecer incorporada na fala das personagens ou, ainda, como introdução da narrativa

ESTILO

A voz que fala ou canta (3ª pessoa): tanto nas versões mais clássicas das fábulas em prosa de Esopo, quanto em versões mais atuais e em versos, a voz que conta ou 'canta' assume, normalmente, a voz da sociedade. Daí a narração em 3ª pessoa, que distancia, impessoaliza o narrador.

Nas versões mais modernas (versos de La Fontaine ou prosas mais atuais) esta voz assume um caráter mais individual e contestador de valores sociais ou comportamentos humanos: dialogam e contrapõem-se à voz autoritária e monolítica das fábulas clássicas. Ao assumir esta voz mais individual, com certa frequência se coloca pessoalmente na fábula, fazendo o uso da 1ª pessoa: ... que eu não estou falando senão a verdade.

A escolha das personagens da fábula tem relação direta com o seu potencial de colaboração para o desenvolvimento da ação narrativa. Ou seja, os animais ou outros seres são escolhidos em função de alguma característica específica (ágil, lento, ligeiro, pesado, leve, belo, feio...), de algum traço, um certo caráter da sua ação(manso, feroz, traiçoeiro, forte, frágil, desprotegido, perigoso, inofensivo...) que contribua para o estabelecimento de um conflito a partir do qual se desenvolva a história. Cabe ressaltar que a preferência pelo uso de animais e outros seres animados ou inanimados como personagens trazem um colorido à narrativa porque ilustram, personificam caracteres, de modo que podem ser facilmente substituídos por seres humanos

(ANDRADE; PINTO, 2017, p. 15 - 17)

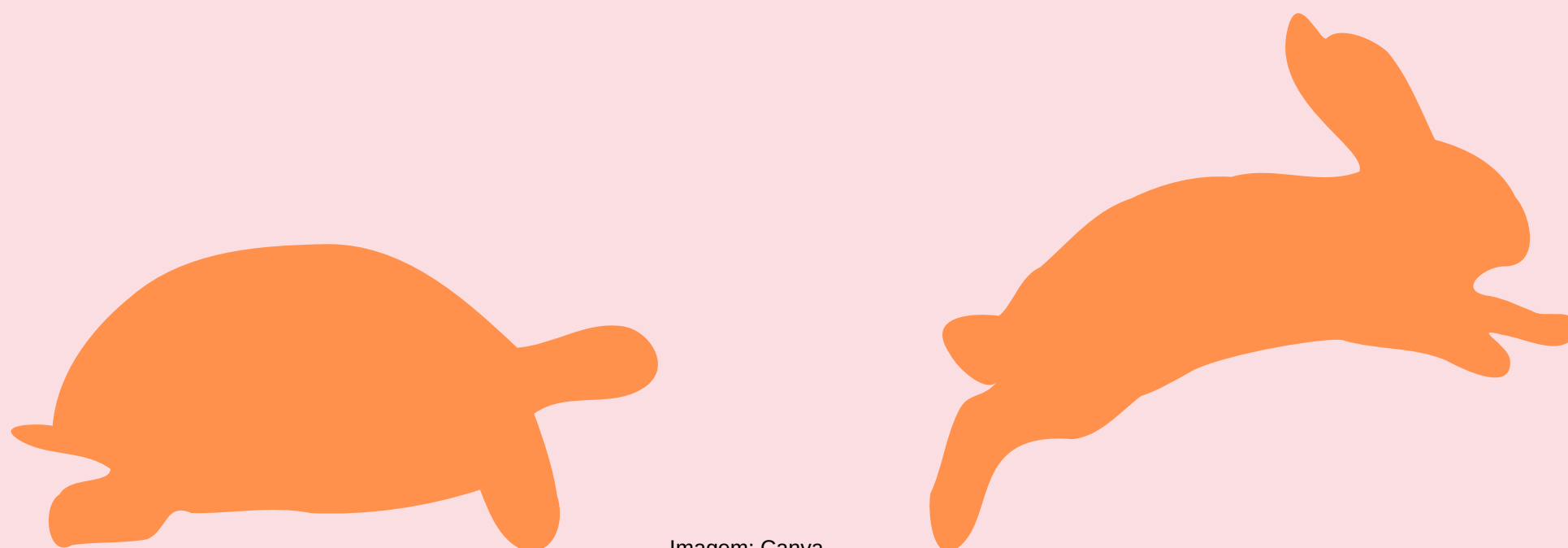


Imagem: Canva

FÁBULAS E OUTROS GÊNEROS



Professor,

Há, no vasto universo dos textos literários, alguns que apresentam elementos análogos. É o caso da fábula, do apólogo e da parábola. A seguir, procuramos fazer uma distinção entre eles.

O gênero literário fábula é em alguns casos confundido com a parábola e o apólogo. Porém, a fábula é um gênero particular, que tem intrinsecamente um ensinamento moral como objetivo. Para esclarecer mais sobre o assunto colocaremos os conceitos de alguns autores.

Em todos os gêneros discutidos, utiliza-se o recurso da alegoria, mas cada um deles possui suas próprias características.

De forma geral a fábula é um gênero literário que expressa uma lição de moral. O texto traz analogias, entre a realidade humana e a situação vivida em maior parte por animais, porém além dos animais pode apresentar outros personagens (deuses, elementos da natureza, objetos), com objetivo de ensinar algo ou alguma coisa, ou seja, sempre traz uma “moral” que poderá estar explícita ou implícita.

IMPORTANTE

Os gêneros literários Parábola e Apólogo, de certa forma remetem ao gênero fábula, no entanto, apresentam em suas estruturas sutis diferenças que ajudam a caracterizar cada um desses gêneros.

Já a parábola é uma alegoria escrita em forma de narração, em que os personagens são seres humanos. Transmite uma lição ética através de uma prosa metafórica, de uma linguagem simbólica, ilustrando verdades e sintetizando ensinamentos. É muito utilizada em textos bíblicos.

Em relação ao apólogo, também nele encontramos alegorias, só que os personagens aqui são sempre seres inanimados, objetos ou até partes do corpo humano. Também transmite ensinamentos relacionados à natureza humana, para modificá-los, levando a uma mudança de comportamento, de ordem moral e social. Diferencia-se da fábula por se concentrar em situações reais; já a diferença com relação à parábola se dá porque o apólogo trata de qualquer tipo de lição de vida, e não apenas questões religiosas e lições éticas.

Esperamos que as informações aqui apresentadas sirvam, a contento, de suporte e facilitem o trabalho com este gênero que tem fascinado gerações ao longo dos séculos. Afinal, despertar o gosto pela leitura é o maior desejo daqueles que têm o intuito de formar leitores.

Apresentamos a seguir, as sequências básicas baseadas no letramento literário de Cosson (2018).

Conhecendo o Gênero

Público-alvo: Anos iniciais do Ensino Fundamental (5º ano)

Tempo estimado: 6h/a de 50min



Objetivos



Apresentar a proposta de trabalho com o gênero Fábula;

Refletir sobre o gênero a partir do conhecimento prévio dos alunos;

Definir o sentido da palavra FÁBULA;

Conhecer a biografia dos principais fabulistas;

Compreender o contexto histórico das Fábulas, por meio de leituras e pesquisas;

Compreender a estrutura do gênero Fábula e os elementos que compõem esse gênero.

1ª PARTE MOTIVAÇÃO



MOTIVAÇÃO - BAÚ DOS SENTIMENTOS

Iniciaremos com esta motivação como forma de envolver o aluno no universo do gênero apresentado, pois segundo Cosson (2018, p.53): Crianças, adolescentes e adultos embarcam com mais entusiasmo nas propostas de motivação e, conseqüentemente, na leitura quando há uma moldura, uma situação que lhes permite interagir de modo criativo com as palavras.

Preparar a sala previamente, dispondo as carteiras em círculos para que cada aluno possa interagir com o outro frente a frente;

Levar uma caixa devidamente enfeitada. Esta caixa deverá conter palavras que representem qualidades ou sentimentos, tais como: esperteza, bondade, amor, lealdade, fraqueza, inveja, carinho, honestidade, amizade, etc. A caixa ficará em uma mesinha no centro da sala e deverá ter palavras suficientes para cada aluno da sala.

Em seguida, falar para os alunos que eles estão em uma floresta e que nesta floresta há um tesouro dentro de um baú (caixa). Instigar os alunos perguntando para eles o que eles imaginam que irão encontrar dentro da caixa. Após ouvir as respostas de cada um, convidá-los a ir até a caixa e cada um pegar o que tem dentro.

Após cada aluno ter falado sobre a palavra que pegou abrir a discussão:

O que a palavra que pegou representa para você?

Qual dessas palavras você mais gosta?

Você acha que essas palavras representam algum valor para as pessoas?

Quais dessas palavras representam sentimentos bons e quais representam sentimentos ruins?

Onde esses sentimentos são usados?

Realizada a discussão, fazer a associação da floresta com a sociedade e levar os alunos a perceberem que as palavras contidas na caixa são sentimentos inerentes aos seres humanos que vivem em sociedade.

A partir daí explicar para eles que há um gênero literário que utiliza os animais para passar ensinamentos aos seres humanos e perguntar:

Quem de vocês já ouviu falar em fábulas?

O que você sabe sobre fábulas?

Quem escreve as fábulas?

Como as fábulas são escritas?

Quem são os personagens?



Neste momento poderão ser feitas muitas perguntas para verificar o conhecimento prévio dos alunos em relação ao gênero literário fábula, deixando que os mesmos falem livremente ou até contem alguma fábula que já tenha conhecido. Explorar bem a oralidade dos alunos.

ATIVIDADE 01

Explorando os conhecimentos prévios dos alunos

01

Marque com um(X) as opções que você acha que pertencem ao gênero literário fábula:

- () Rapunzel
- () Soldadinho de Chumbo
- () A raposa e as Uvas
- () O patinho feio
- () A Cigarra e a Formiga
- () O Lobo e o cordeiro
- () Cinderela
- () Os três porquinhos
- () O Leão e o Ratinho
- () Chapeuzinho Vermelho

02

Pinte aquilo que você acha que aparece nas fábulas:

HOMENS	MAGO	PLANTAS	DETETIVES	VALORES
ANIMAIS	REIS	SERES MÁGICOS	VIRTUDES HUMANAS	PRINCESA
LICÕES	DRAGÕES	CASTELOS	BONS CONSELHOS	OBJETOS

Fonte: elaborada pelos autores.

03

Qual das alternativas abaixo tem a ver com o tema das Fábulas?

A - Contar sobre princesas presas em castelos que são salvas por príncipes.

B - Falar sobre as atitudes humanas.

C - Propor a solução de enigmas, crimes ou mistérios.

04

O que, geralmente, vem ao final das fábulas que você conhece?



Professor, esta atividade norteará o trabalho a ser desenvolvido com a turma. Ainda não é o momento de discutir o assunto. Essa é só uma primeira abordagem. Escute os comentários e deixe para aprofundar em atividades posteriores.

ATIVIDADE 02

Trabalhando com imagens de animais



Para a realização desta atividade, o professor deverá levar para a sala de aula um mural contendo gravuras de animais os mais variados desde os mais fortes até os indefesos. Se preferir poderá também expor em datashow os animais.

Figura 01
O leão



Figura 02
O lobo

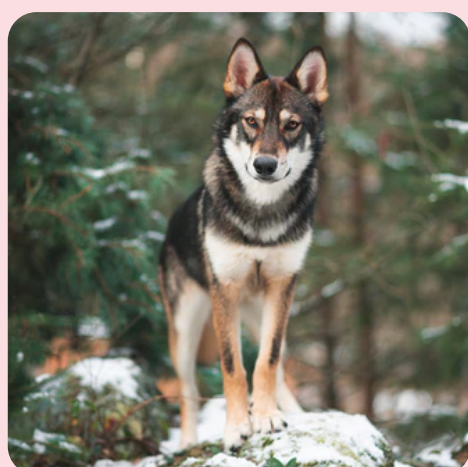
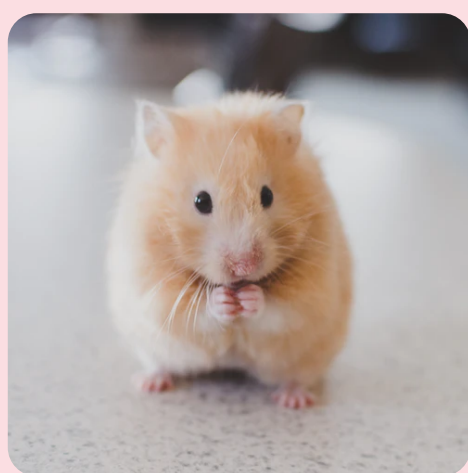


Figura 03
A coruja



Figura 04
O rato



Após exibição das imagens dos animais, propor que os alunos associem características a cada um deles.

Figura 05
A raposa

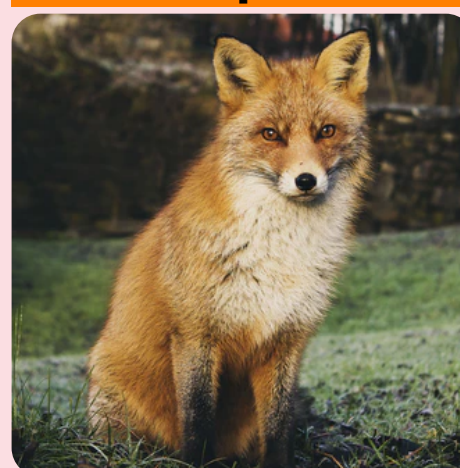


Figura 06
O cachorro

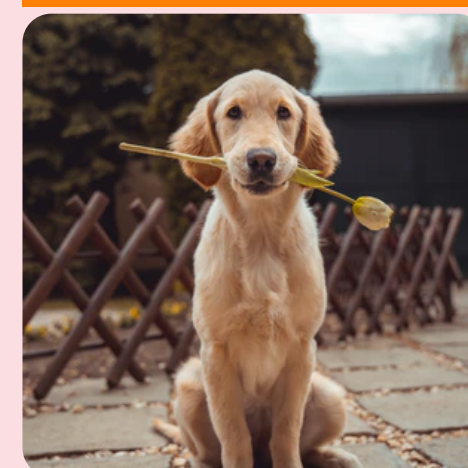
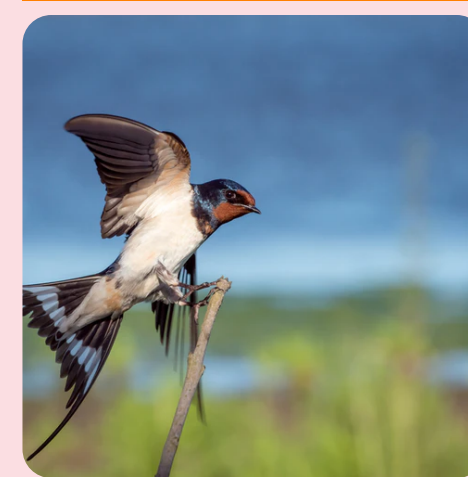


Figura 07
O coelho



Figura 08
A andorinha



Imagens disponíveis em: <https://unsplash.com/> Acesso em 29 de nov. 2020



Professor, após apresentar as gravuras aos alunos deixar que eles comentem sobre elas livremente. Em seguida, propor atividade de retomada da dinâmica aplicada na motivação, onde fizemos a analogia da floresta com a sociedade. Agora será a hora de introduzir a noção de fábulas para eles, a partir dos questionamentos a seguir.

01

Assim como vimos que a floresta no início da nossa dinâmica representava a sociedade, iremos agora discutir sobre o papel que cada um desses animais representa em algumas histórias que lemos e que provavelmente é fruto das nossas relações na sociedade.

Vamos realizar um debate sobre a relação existente entre eles e o papel que podem representar, metaforicamente, na sociedade:

Qual é o mais indefeso?

E o mais poderoso?

Faça uma relação entre esses animais. Quem é o predador de quem?

Na natureza, o mais forte devora o mais fraco. Isso também ocorre com os seres humanos? Por quê?

Veja a palavra grifada: “metaforicamente”. Que ela quer dizer?



Professor, Realizada a discussão da representação do papel metafórico que cada animal exerce em sociedade, é a hora de falar para os alunos que existe um gênero na literatura muito antigo que traz em seu enredo, exatamente animais como personagens e que traz analogias como estas que debatemos acima com o intuito de trazer ensinamentos ou lições para as pessoas. É a hora de convidá-los para conhecer mais profundamente as fábulas. É o que faremos na próxima atividade.

Querido (a) aluno (a), METÁFORA é a comparação de palavras em que um termo substitui o outro. Exemplos: “Ele é um touro”; “Os jogadores driblaram num tapete verde”. Vejamos os dois casos:

1) obviamente o sujeito não se parece com o animal, mas esta tão forte que faz lembrar os músculos de um touro;

2) o tapete verde refere-se à grama. A metáfora é sempre operada na substituição de um termo pelo outro numa base de analogia(comparação)

ATIVIDADE 03

Exercitando em sala



Professor, para realizar esta atividade, a turma poderá ser dividida em grupos para realizar a leitura de fábulas. O professor deverá distribuir nos grupos algumas fábulas selecionadas por ele para que os alunos leiam e escolham uma para apresentação na atividade posterior.

01

Após a leitura das fábulas, realizada em grupos, escolha uma delas para socialização. Sugerimos as indagações:

Quem gostaria de contar a fábula que o grupo escolheu?

Por que o grupo escolheu esta fábula?

O que mais lhe chamou atenção nela?

Que conflito se estabeleceu na história?

Você criaria outro final para esta história? Qual?

O que você entendeu da moral da história?



Professor, agora sim é o momento de se estabelecer a discussão com os alunos. Faça uma roda e converse com todos. Peça que relatem fábulas que já conhecem. É importante promover esta oportunidade de troca para elevar a motivação dos alunos e aguçar os conhecimentos prévios sobre o gênero.

Este momento de troca é muito importante entre os alunos, pois possibilitará a interação entre eles, além de despertar a curiosidade a respeito do gênero a ser trabalhado em sala servindo como uma preparação do aluno para a realização das leituras posteriores com mais interesse.



Nesse sentido, Cosson (2018, p.54) aponta que a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo. Ao denominar motivação esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

2ª PARTE INTRODUÇÃO



Professor, baseado em Cosson, (2018, p.60) a introdução é a apresentação do autor e da obra e que demanda do professor alguns cuidados. Um primeiro é que a apresentação do autor não se transforme em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler seus textos.

Professor, uma possibilidade para esta atividade é iniciar com a leitura de uma fábula para os alunos e depois fazer os questionamentos. O professor poderá instigar os alunos a falar se gostaram da história que ouviram, o que aprenderam, se já tinham ouvido histórias assim que ensinam lições, que apresentam uma moral no final.

A seguir, leia, junto com os alunos, uma fábula de Esopo. Isso servirá como base para o desenvolvimento da atividade 1.



Imagens disponíveis em: <https://unsplash.com/photos/XG8eYNYdz54>

A Pomba e a formiga

Uma Formiga foi à margem do rio para beber água e, sendo arrastada pela forte correnteza, estava prestes a se afogar. Uma Pomba que estava numa árvore sobre a água, arrancou uma folha e a deixou cair na correnteza perto dela. A Formiga subiu na folha e flutuou em segurança até a margem.

Pouco tempo depois, um caçador de pássaros veio por baixo da árvore e se preparava para colocar varas com visgo perto da Pomba que repousava nos galhos alheia ao perigo.

A Formiga, percebendo sua intenção, deu-lhe uma ferroada no pé. Ele repentinamente deixou cair sua armadilha e, isso deu chance para que a Pomba voasse para longe a salvo.

Autor: Esopo

Moral da História: Quem é grato de coração sempre encontrará oportunidades para mostrar sua gratidão.

Disponível em: <https://www.mundodasmensagens.com/mensagem/fabulas-a-formiga-e-a-pomba.htm>/Acesso em 29 de nov. 2020

Antes de apresentar a moral da história, é interessante que o professor sugira aos alunos que eles criem uma moral para a fábula lida.

ATIVIDADE 01

Conhecendo fábulas e fabulistas

01

Abra uma roda de conversa para escutar as impressões da turma em relação ao texto lido. Após ouvir todos os comentários dos alunos, é a vez de informá-los que a história que ouviram é uma fábula e que logo, eles terão contato com outras histórias assim. O professor deve também apresentar a definição do gênero em estudo.

02

Vamos ler e compreender o texto com mais algumas informações sobre as Fábulas e depois dialogar com os colegas. Veja:

As fábulas são pequenas histórias que transmitem uma lição de moral. As personagens das fábulas são geralmente animais, que representam tipos humanos, como o egoísta, o ingênuo, o espertalhão, o vaidoso, o mentiroso, etc.

A fábula é uma das mais antigas formas de narrativa. Muitos escritores dedicaram-se às fábulas, mas três ficaram mundialmente famosos: o grego Esopo (século VI a.C.), o latino Fedro (15 a.C. - 50 d.C.) e o francês Jean de La Fontaine (1621 - 1695).

No Brasil, Monteiro Lobato (século XX) foi quem as recriou. Millôr Fernandes é um escritor carioca que recriou as antigas fábulas de Esopo e LaFontaine, de forma satírica e engraçada. A fábula se divide em 2 partes: · 1ª parte - a história (o que aconteceu); · 2ª parte - a moral (o significado da história)

A origem da fábula perde-se na antiguidade mais remota. Os gregos citavam **Esopo** como fundador da fábula. Os seus textos: A Raposa e as Uvas, A Tartaruga e a Lebre, O Vento Norte e o Sol, O Menino que criava Lobo, O Lobo e o Cordeiro são bem conhecidas pelo mundo afora.

Podem-se citar algumas fábulas imortalizadas por **La Fontaine**: "O lobo e o cordeiro", "A raposa e o esquilo", "Animais enfermos da peste", "A corte do leão", "O leão e o rato", "O pastor e o rei", "O leão, o lobo e a raposa", "A cigarra e a formiga", "O leão doente e a raposa", "A corte e o leão", "Os funerais da leoa", "A leiteira e o pote de leite".

O brasileiro Monteiro Lobato dedica um volume de sua produção literária para crianças às fábulas, muitas delas adaptadas de Fontaine. Dessa coletânea, destacam-se os seguintes textos: "A cigarra e a formiga", "A coruja e a águia", "O lobo e o cordeiro", "A galinha dos ovos de ouro" e "A raposa e as uvas".

Normalmente, as fábulas terminam com uma **LIÇÃO DE MORAL**. Sua função social é preservar a **MORAL** dos povos. É uma composição literária em que os personagens são geralmente animais, que apresentam características humanas, tais como a fala, os costumes, etc. Estas histórias são geralmente feitas para crianças e terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo.

03

Após a leitura do texto responda:

1. Em sua opinião, as fábulas retratam a ficção ou a realidade? Sobre o que elas falam?

2. Nos dias atuais podem-se produzir fábulas? Para quem elas são escritas?

3. Como seriam hoje escritas as fábulas?

4. Normalmente as Fábulas terminam com uma lição de moral. Qual é o objetivo dessa lição de moral?

Caros alunos (as),
Como vimos, os autores das fábulas, são chamados fabulistas. Que tal conhecermos um pouco mais sobre os fabulistas?

ATIVIDADE 03

Apresentando os principais fabulistas



Professor, após despertar a curiosidade dos alunos acerca dos fabulistas, faz-se necessário propor leitura mais aprofundada sobre os mesmos, para em seguida preencher quadro informativo.

01

Agora que vocês já sabem o que é uma fábula, que tal conhecer quem as escreve? Para isso leiam com atenção as seguintes citações:



Esopo foi um personagem grego que deu origem a fábula como gênero literário. Ele foi um escravo libertado pelo seu dono (Xanto) que ficou encantado com suas fábulas. Esopo possuía o dom da palavra e a habilidade de contar histórias de caráter moral e alegórico onde os personagens eram animais. No século V a.C., as suas fábulas eram editadas e citadas por vários autores. La Fontaine reescreveu suas fábulas. A Raposa e as Uvas é um exemplo dos mais conhecidos entre as centenas de fábulas que produziu (ESOPO,1999).

Disponível em: <https://www.golfinho.com.br/livro/fabulas-de-esopo.htm-0/> Acesso em 10 de nov. 2020



Jean de La Fontaine (1621-1695) nasceu em Château-Thierry, na França, no dia 8 de julho de 1621. Em 1641 ingressou no Oratório de Reins, mas logo saiu do convento e entrou no curso de Direito, porém, o estudo das leis, não lhe agradou. Então, só se tornou conhecido em 1664, com os contos e com suas primeiras fábulas, dedicadas ao filho de Luís XIV. Em 1668, foram publicadas as "Fábulas Escolhidas", uma coletânea de fábulas de fundo moral, divididas em 6 partes. A obra era composta por histórias, cujos personagens principais eram animais. Fez grande sucesso na França. Suas fábulas mais conhecidas são "A Lebre e a Tartaruga", "O Leão e o Rato", e recontou a fábula "A Cigarra e a Formiga", atribuída a Esopo.

Disponível em: https://www.pensador.com/autor/jean_de_la_fontaine/biografia/ Acesso em 10 de nov. 2020



Monteiro Lobato (1882-1948) além de recontar as fábulas de Esopo e de La Fontaine, criou suas próprias como a turma do Sítio do Pica-pau Amarelo. Foi o criador da literatura infantil brasileira e no romance «Ideias de Jeca Tatu», em 1919, criou uma figura do homem rural desamparado e pobre. A sua obra mais importante, é a série de histórias que escreveu para crianças, iniciada com a publicação de «Reinações de Narizinho», em 1921. Foi o primeiro escritor brasileiro a tratar a literatura infanto-juvenil com seriedade. Escreveu variada literatura também para adultos, mas os seus escritos para crianças, atualmente, estão reunidos em 21 volumes, entre os quais se destacam: Fábulas, Emília no País da Gramática, Geografia de Dona Benta, O Pica-pau Amarelo, entre outros.

Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/biografias/monteirolobato/> Acesso em 10 de nov. 2020

02

Para melhor apreciação dos fabulistas será oportuno que o professor após roda de conversa com os alunos faça questionamentos sobre o que eles já conhecem ou não sobre cada um, leve quadro e tarjetas contendo informações sobre os fabulistas e proceda da seguinte forma:

Afixar quadro em lugar visível da sala;

Expor as tarjetas no centro da sala;

Pedir para que ao seu comando o aluno pegue a tarjeta e coloque-a onde ele acha que completará a informação correta sobre o autor;

Após colocação de todas as tarjetas o professor deverá realizar a leitura e fazer as correções necessárias, caso algum aluno tenha afixado informações em locais trocados.

Veja o modelo a seguir:

AUTOR	DADOS BIBLIOGRÁFICOS	OBRAS QUE REALIZOU
ESOPO		
LA FONTAINE		
MONTEIRO LOBATO		



Professor, concluído esse momento de construção coletiva, é importante apresentar para os alunos um livro de fábulas, pois de acordo com COSSON 2018, p.60 a apresentação da obra física é o momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos paratextuais que introduzem uma obra.

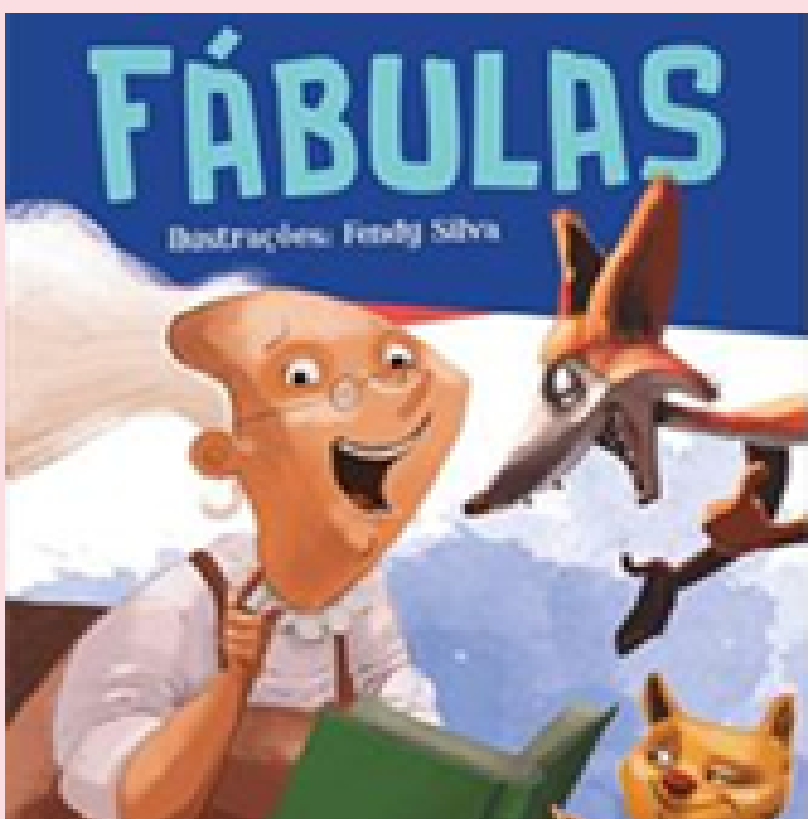
03

Sugerimos algumas obras para apresentação aos alunos:



Este livro, originalmente publicado como Fábulas de Narizinho, logo foi ampliado, devido ao enorme sucesso na época. De valor literário acima do puro didatismo, Fábulas ainda hoje é um dos maiores sucessos de seu autor e prova que boas histórias não envelhecem e ainda rendem muitas horas de diversão.

Disponível em: <https://www.amazon.com.br/F%C3%A1bulas-Monteiro-Lobato/dp/8525063894>



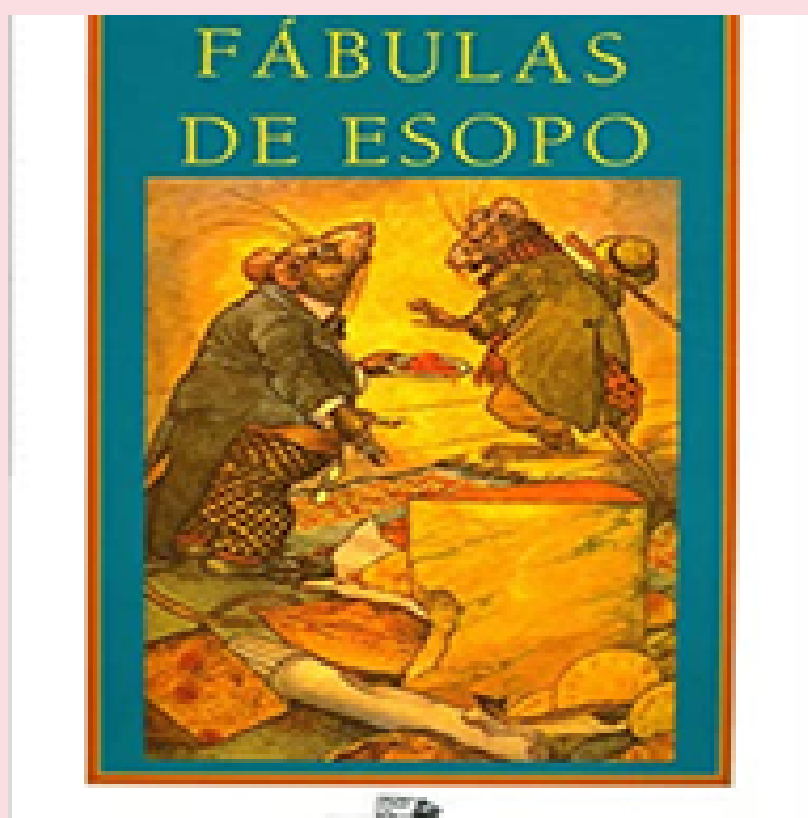
Se tem algo que a turma do Sítio do Picapau Amarelo adora, são histórias. Histórias de princesas, príncipes, reis e rainhas; histórias de folclore, lendas e mitos; ou ainda fábulas que ensinam grandes lições de vida. Dona Benta lê para a turma os maiores clássicos de Esopo, além de outras histórias incríveis que vão despertar a curiosidade, o encantamento e até a ira dos personagens do Sítio, que trazem nova vida àquelas histórias de sempre.

Disponível em: <https://www.travessa.com.br/fabulas-1-ed-2019/artigo/26d41290-36aa-437f-87b9-14e69e7313d>



Quem não gosta de uma boa história? Não é à toa que o costume de sentar juntinho e se deixar levar pela voz de um contador faz parte da cultura de todos os povos. Assim são os "recontos" que Ruth Rocha apresenta nesta série: um verdadeiro tesouro da tradição popular de várias partes do mundo. São histórias saborosas e bem contadas, que divertem, ensinam e fazem a imaginação voar. As fábulas mais antigas contadas em uma linguagem atualizada, que encanta e surpreende as crianças de todas as idades.

Disponível em: <https://www.livrariadavila.com.br/fabulas-de-esopo-123857>



Valorizando o caráter universal e intemporal dessas pequenas jóias da literatura mundial, as histórias e os desenhos desta coletânea foram selecionados dentre as várias centenas de edições das Fábulas de Esopo, publicadas sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, e seu conjunto exemplifica não só o apelo internacional desta obra como a diversidade visual que a acompanhou através dos tempos. Um clássico que fazia falta às crianças do Brasil. Título Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ 1994, categoria tradução/criança.

Disponível em: https://www.amazon.com.br/F%C3%A1bulas-Esopo-Russell-Ash/dp/8585466294/ref=pd_lpo_14_img



Este livro consta de 12 fábulas de La Fontaine consideradas obras-primas da literatura francesa. Com adaptação primorosa de Fernanda Lopes de Almeida, a escritora que renovou a literatura infantil brasileira da década de 1970, esta obra fará os adultos sorrir, ao perceber a ironia das histórias, e divertirá os leitores mais jovens com seus protagonistas, homens e animais inteligentes ou bobos, orgulhosos ou humildes, verdadeiros ou mentirosos, mas sempre hilariantes.

Disponível em: https://www.amazon.com.br/F%C3%A1bulas-Fontaine-Fernanda-Lopes-Almeida-ebook/dp/B06XYVBNYW/ref=asc_df



Escrita em versos, com uma linguagem simples e atraente que conquista imediatamente seus leitores, inclui histórias mundialmente conhecidas, como A cigarra e a formiga, O corvo e a raposa e A lebre e a tartaruga. La Fontaine trata de temas universais, como a vaidade, a estupidez e o vício humanos, retratados por meio dos animais. Segundo ele, sua obra "é uma pintura em que podemos encontrar nosso próprio retrato". Esta edição é uma antologia de suas mais importantes composições, traduzidas por célebres escritores brasileiros e portugueses, com ilustrações de Grandville.

Disponível em: <https://www.amazon.com.br/F%C3%A1bulas-Fontaine/dp/8572328637>

3ª PARTE LEITURA



Professor, esta é uma das etapas mais importantes a ser realizada na escola. O momento da leitura deve ser especial para professor e alunos, pois quando bem trabalhada despertará anseios de leituras com mais prazer. Cosson (2018, p.62), afirma que “a leitura escolar precisa de acompanhamento, porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista.

Para esta atividade sugerimos que divida a sala em grupos de 4 ou 5 alunos cada para realizar a atividade proposta. Para facilitar, sugerimos trazer de casa já fotocopiadas e recortadas as fábulas de casa para entregar aos grupos

01

Após a formação dos grupos o professor deverá:

Entregar a cada grupo uma fábula, sendo que recortada em partes para que os alunos façam a leitura e a estruturarem na ordem correta, a fim de dar sentido ao texto, compreender a sequência narrativa;

Deixar um tempo livre para que os alunos interajam e socializem as partes da fábula que receberam para descobrirem como ficará organizada corretamente;

Nesse tempo de interação, o professor deverá circular entre os grupos dando apoio, orientando, dando suporte, vendo o interesse dos alunos e instigando-os a fazerem a leitura da fábula.

02

Após cada grupo ir concluindo a atividade, o professor deverá ver com eles a leitura da fábula completa para certificar-se de estar correta.

Quando todos os grupos tiverem concluído a atividade, promover em sala o momento da socialização através de apresentação das fábulas, podendo ser realizada através de:

Leitura oral para que a turma conheça a fábula de cada grupo;

Leitura dramatizada (cada integrante poderá ficar com a fala de uma das personagens).

03

Esse momento de leitura é fundamental para que os alunos, tomem contato com o gênero, desenvolvam as habilidades de leitura de forma prazerosa e despertem o gosto pela leitura. Realizadas as apresentações das fábulas, o professor deverá abrir roda de conversas sobre cada fábula apresentada direcionando questionamentos como:

Que temática traz cada fábula lida?

Deixar que cada grupo fale sobre a sua fábula livremente, caso haja resistência o professor poderá ir dando pistas para a equipe, fazendo outras perguntas que levem os alunos a ir dando a sua opinião

Qual fábula apresentada você mais gostou? Por quê?

Discutir livremente sobre cada fábula, abrindo o espaço para que o aluno sintá-se á vontade para expressar sua opinião.

Você mudaria o final de alguma dessas fábulas?

Caso algum grupo apresente um outro final, aproveitar para discutir com o grupo e com a turma a versão apresentada.

Fábulas sugeridas

ESOPO:

O Leão apaixonado.
A Raposa e as Uvas.
A Raposa e a Cegonha.

Fábulas anexadas no final do caderno



Fábulas sugeridas

LA FONTAINE

A Lebre e a Tartaruga.
O Lobo e o Cordeiro.
O Corvo e a Raposa.

Fábulas anexadas no final do caderno



Fábulas sugeridas

MONTEIRO LOBATO

A Galinha dos Ovos de Ouro.
A Coruja e a Águia.
A Assembleia dos Ratos.

Fábulas anexadas no final do caderno



4ª PARTE INTERPRETAÇÃO



Rildo Cosson (2018) propõe que, em um cenário de letramento literário, devemos pensar a interpretação em dois momentos: interior e exterior. O primeiro é individual, é aquele que acompanha a obra palavra por palavra, que decifra capítulo por capítulo, até chegar à apreensão global da obra, que se realiza logo após o término da leitura. O momento externo é a concretização do ato de construção de sentido em uma determinada comunidade de leitores.

Professor, nesta parte os alunos deverão vivenciar em sala de aula, de forma mais efetiva, o que aprenderam em cada sequência apresentada, bem como ao final das sequências didáticas vistas durante o processo. Cabe aqui compartilhar com as demais turmas da escola através de apresentação de trabalhos da escola, exposição do material produzido, dramatizações, ou seja, socializarem o que aprenderam com toda a comunidade escolar.

Lance mão das seguintes atividades:

Dramatização das fábulas;

Ilustração das fábulas lidas;

Varal das fábulas;

Exposição de cartazes com biografia dos fabulistas;

Teatrinho de fantoches.

Professor, o material produzido em sala, deverá ser exposto depois para as outras turmas ao final das oficinas.



Versões de uma Fábula

Público-alvo: Anos iniciais do Ensino Fundamental (5º ano)

Tempo estimado: 6h/a de 50min



Objetivos



Promover um trabalho com o conhecimento de mundo envolvido na interação autor-leitor-texto (fábulas), considerando o conteúdo temático explorado pelas fábulas e a conhecimento prévio trazido pelo leitor na produção de sentidos no texto;

Oportunizar aos alunos o acesso a diversos tipos de fábulas na escola, buscando efetivá-las como meios relevante para o trabalho com a leitura em sala de aula.

Proporcionar aos alunos a apreciação e discussão com o gênero fábula através dos textos: A cigarra e a formiga nas suas diferentes versões: Esopo, La Fontaine e Monteiro Lobato;

Identificar a estrutura da fábula (característica própria de um texto narrativo).

1ª PARTE MOTIVAÇÃO



Agora que o aluno já reconhece o gênero fábula, passaremos à análise de uma fábula muito conhecida em versões diferentes.

01

O professor iniciará o trabalho, apresentando uma figura em que aparecem os dois personagens da narrativa. Na sequência, fazer alguns questionamentos para ativar o conhecimento prévio dos alunos e promover o levantamento de hipóteses.



Disponível em: <https://www.kitaplay.com.br/imagens/animacoes/2010/07/11/animacao-cigarra-e-formiga-para-animar-10-de-10-2010>

Veja as **questões norteadoras** para a conversa:

O que podemos observar nesta figura?

Vocês conhecem estes personagens?

Quem são os personagens que aparecem?

Qual o significado da expressão fisionômica da formiga? E da cigarra?

O que a formiga está fazendo?

A figura nos remete a qual estação do ano?

Quais as características da formiga? E da cigarra?

Podemos identificar diferenças entre a formiga e a cigarra?

02

Após explorar a figura, o professor instigará a curiosidade dos alunos dizendo que esta fábula foi escrita em várias versões.

2ª PARTE INTRODUÇÃO



A fábula não é uma narrativa qualquer. Ela tem um jeito bem próprio de ser escrita. Antes de passar para a leitura das versões da fábula, aproveitar este momento para apresentar mais sobre a estrutura da fábula.

A moral de uma fábula pode vir mesclada no corpo do texto, no início ou no final da história.

Após apresentar a estrutura da fábula, convidar os alunos para identificar esses elementos na leitura das versões da fábula A cigarra e a formiga, bem como fazer análise de cada uma delas.

01

Elementos de uma narrativa:

QUEM?	É quem participa dos acontecimentos. São as personagens.
Quando?	É o tempo em que os fatos acontecem.
Onde?	É o lugar onde os fatos acontecem.
Conflito Gerador	É o elemento a partir do qual se desenvolve a história.

Estrutura das Fábulas

Através das fábulas podemos fazer duas leituras independentes:

a) A **Narrativa** propriamente dita cuja estrutura sempre se repete:

Situação

inicial

Obstáculo

Tentativa de resolução

Resultado final

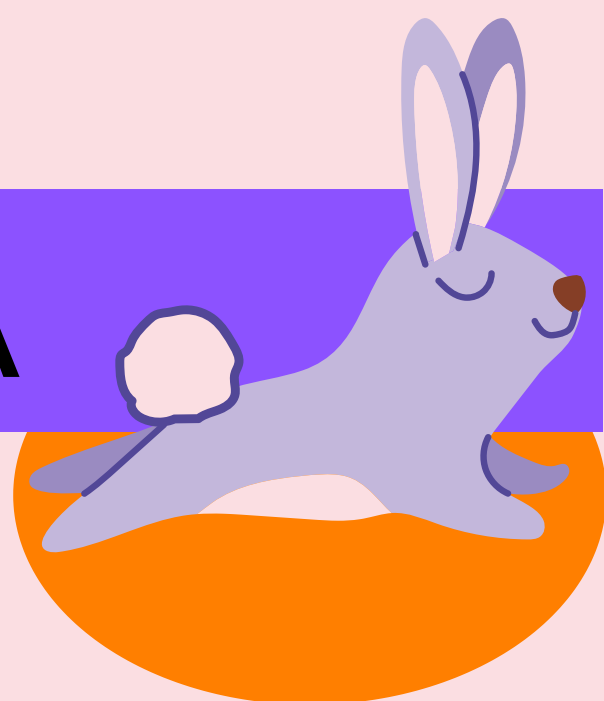
Moral

b) **Moral** - ensinamento. Ela pode ser usada e analisada independentemente da fábula. A fábula nos leva a dois mundos:

O imaginário, o narrativo, fantástico;

O real, o dissertativo, temático.

3ª PARTE LEITURA



Caros alunos (as), não esqueçam que uma mesma fábula pode apresentar versões diferentes. Elas vêm sendo contadas e recontadas ao longo dos séculos. Fiquem atentos às semelhanças e diferenças entre as versões. Vamos à leitura!

01

Para este momento, o professor deverá formar grupos e distribuir cópias das versões da fábula para leitura, sempre com acompanhamento do professor.

Realizar rodas de leitura, discussões coletivas, acerca dos textos, motivando os alunos a interpretar as fábulas, construir sentido, fazer comparações com a realidade. Em seguida, sugerir uma pesquisa sobre o contexto histórico das fábulas em diferentes épocas

A CIGARRA E A FORMIGA - ESOPO

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvarada, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente aparece uma cigarra:

– Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer.

As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram:

– Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se lembrou de guardar comida para o inverno?

– Para falar a verdade, não tive tempo – respondeu a cigarra. – Passei o verão cantando!

– Bom, se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? – disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

Moral: Os preguiçosos colhem o que merecem.

A CIGARRA E A FORMIGA BOA - MONTEIRO LOBATO

Houve uma jovem cigarra que tinha o costume de chiar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e seu divertimento então era observar as formigas na eterna faina de abastecer as tulhas. Mas o bom tempo afinal passou e vieram as chuvas. Os animais todos, arrepiados, passavam o dia cochilando nas tocas. A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho seco e metida em grandes apuros, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com uma asa a arrastar, lá se dirigiu para o formigueiro. Bateu – tique, tique, tique...

Aparece uma formiga, friorenta, embrulhada num xalinho de paina.

- Que quer? – perguntou, examinando a triste mendiga suja de lama e a tossir.

- Venho em busca de um agasalho. O mau tempo não cessa e eu...

A formiga olhou-a de alto a baixo.

- E o que fez durante o bom tempo, que não construiu sua casa?

A pobre cigarra, toda tremendo, respondeu depois de um acesso de tosse:

- Eu cantava, bem sabe...

- Ah! ... exclamou a formiga recordando-se.

Era você então quem cantava nessa árvore enquanto nós labutávamos para encher as tulhas?

- Isso mesmo, era eu...

- Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquele chiado nos distraía e sempre: que felicidade ter como vizinha tão gentil cantora! Entre, amiga, que aqui terá cama e mesa durante todo o mau tempo.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantora dos dias de sol.

Disponível em: <http://contobrasileiro.com.br/?p=1177#more-1177> Acesso em 8 de nov. 2020

A CIGARRA E A FORMIGA - LA FONTAINE

A cigarra, tendo cantado

O verão inteiro

Viu-se privada de tudo

Quando o inverno chegou:

Nem um único pedacinho

De mosca ou de minhoca.

Foi chorar faminta

Em casa da Formiga sua vizinha,

Pedindo-lhe que lhe emprestasse

Alguns grãos para sobreviver

“Até a primavera

Eu lhe pagarei”, disse ela,

“Antes da colheita, palavra de animal,

Juro e capital.”

A formiga não é generosa:

Este é seu menor defeito.

“Que fazia você no tempo quente?”,

Perguntou ela à necessitada.

“Noite e dia, para todo o mundo,

Eu cantava, não leve a mal.”

“Você cantava? Fico contente com isso.

Pois bem! Dance agora.”

Disponível em: DEZOTTI, Maria Celeste Cossolin. A Tradição da Fábula. p. 168

01

Após os grupos realizarem a leitura, realizar a discussão das fábulas, atentando para as semelhanças e diferenças encontradas. É importante destacar também, neste momento, a forma como foram escritas, já que temos fábulas em prosa e em versos. Seria interessante pedir para que os alunos pesquisem outras fábulas em versos e apresentem posteriormente, podendo até mesmo em sala fazer recital de fábulas em versos.



A fábula A Cigarra e a Formiga, tão conhecida no mundo todo, nasceu das mãos de Esopo, na Grécia Antiga, com a lição de moral concentrada em valorizar aqueles que trabalham arduamente e que planeiam o futuro. Esta fábula pode ser entendida como apologia do trabalho recompensado, e como advertência sobre os riscos de não nos precavermos para o futuro. Porém, a partir de uma leitura mais contemporânea, pode-se afirmar que a fábula faz um contraste entre duas classes sociais, bem como uma caracterização simplista delas: por um lado, a classe operária, representada pela Formiga, focada no trabalho e na sobrevivência material, sem imaginação nem aspirações espirituais; pelo outro, a classe dos artistas e intelectuais, ociosos e improdutivos, dado não aportarem nada ao funcionamento prático da sociedade, e que acabam por se tornarem num lastro que as "formigas" deste mundo devem escolher entre socorrer ou deixar afundar.(PEREIRA, 2017, p.63)

02

Como discussão em relação às fábulas, podemos abrir roda de conversa com os seguintes questionamentos:

A fábula a cigarra e a formiga, apresentada por três autores diferentes, são iguais? Quais são as semelhanças e diferenças? (debater as questões abordadas em cada texto de acordo com a época em que foi escrito. Ver a visão de trabalho dentro da fábula. No texto de Esopo a questão da punição; em La Fontaine, além da punição ao final, aparece um novo elemento: a questão do capital: "pagarei com juros"; já em Lobato, tempos modernos, há uma certa valorização da arte.

Quais conflitos existentes nos textos lidos? E como você resolveria tais conflitos?

Você daria outro final para a fábula?

Você concorda com a atitude da formiga? Se você fosse a formiga que atitude tomaria em relação ao pedido de ajuda da cigarra?

Em nosso país, será que as pessoas agem mais como cigarra ou como formiga?

É possível dividir o tempo entre trabalho e diversão?

A partir da leitura das fábulas, nos dias de hoje qual seria a profissão da cigarra e da formiga? (formiga- classe operária, cigarra-representa músicos, a arte).

Por que as pessoas trabalham tanto?

Observar o conceito de trabalho nas diferentes versões.

03

Para apresentação:

Após a discussão, propor aos grupos que preencham a tabela abaixo de acordo com a estrutura da fábula discutida.

SITUAÇÃO INICIAL	
CONFLITO GERADOR	
CLÍMAX	
DESFECHO	
MORAL	

Cada grupo poderá fazer o quadro acima em cartolina branca e expor durante a aula.

4ª PARTE INTERPRETAÇÃO



Para encerramento desta sequência podemos realizar:

Recital de fábulas em versos, a partir de pesquisa feita pelos alunos;

Dramatização da fábula A cigarra e a formiga.

Gêneros Análogos

Público-alvo: Anos iniciais do Ensino Fundamental (5º ano)
Tempo estimado: 6h/a de 50min



Objetivos

Explorar características dos gêneros apólogo e parábola;

Compreender as semelhanças e diferenças entre fábula, parábola e apólogo;

Realizar leituras diversas de parábolas, fábulas e apólogos;

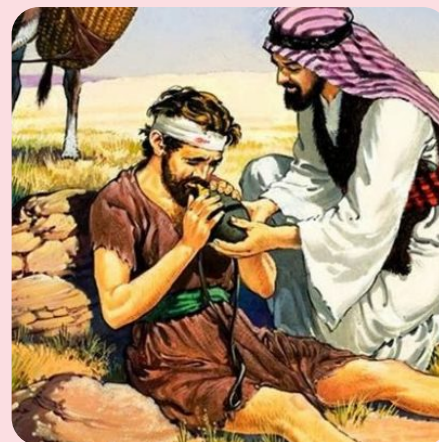
Identificar a finalidade dos gêneros textuais parábola e apólogo;

Ampliar o repertório de leitura dos alunos.

01

Como motivação para esta sequência o professor deverá trazer as imagens de fábulas, apólogos e parábolas em cartaz e afixá-las em local visível para discussão. Sugerimos as imagens a seguir, mas o professor poderá escolher outras ao seu critério. Após apresentar as imagens questionar:

O Bom Samaritano



O Leão e o Ratinho



A Máscara



O Lápis e a Borracha



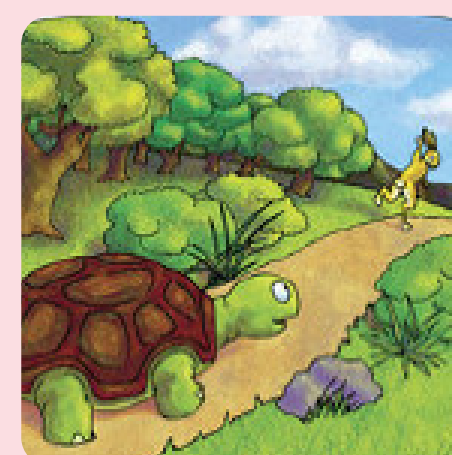
O Semeador



A Agulha e a Linha



O Tartaruga e a Lebre



1ª PARTE MOTIVAÇÃO



Os gêneros fábula, apólogo e parábola têm características parecidas e chegam a causar confusão quando precisamos identificá-los ou diferenciá-los, porém, um trabalho mais minucioso poderá ajudar a compreender melhor cada um desses gêneros.

02

Após apresentar as imagens questionar:

Qual dessas imagens vocês acham que se referem às fábulas? Por quê?

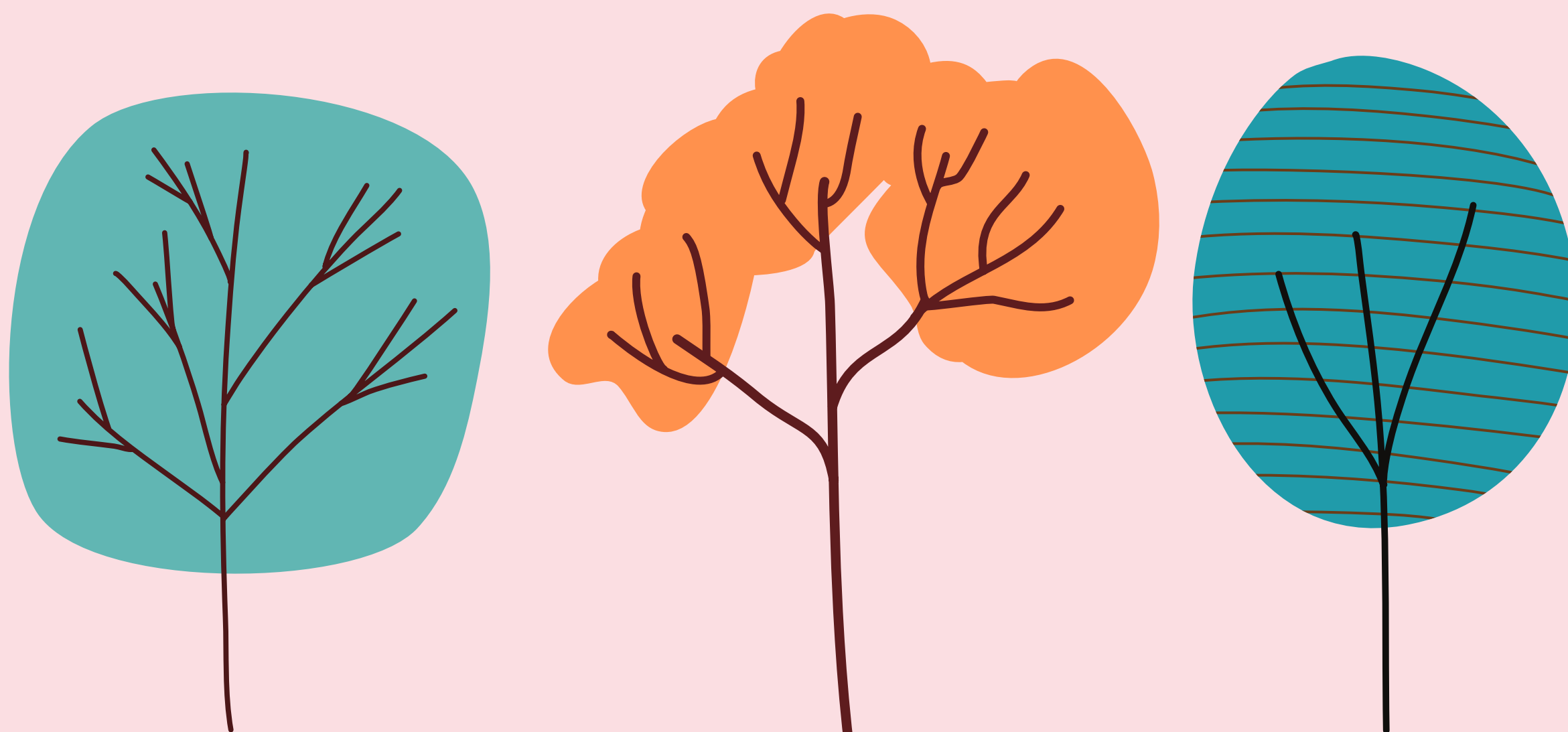
Vocês conhecem histórias em que as personagens são objetos? Quais?

Vocês já ouviram falar em apólogos? E parábolas?

Ouvir com atenção as respostas dos alunos, sempre procurando diagnosticar o conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto.

03

Após instigar os alunos, explicar para eles que há outros gêneros muito parecidos com a fábula, pois também transmitem ensinamentos e que, por isso, as pessoas, muitas vezes, confundem o gênero fábula com eles: são os apólogos e as parábolas, porém, estes gêneros se diferenciam em alguns aspectos. Que tal conhecer um pouco deles?



2ª PARTE INTRODUÇÃO



Como o aluno já tem conhecimento do gênero fábula, trabalhar nesta parte um pouco mais sobre parábola e apólogos para que as crianças compreendam melhor.

01

Fazer cópias do texto abaixo para os alunos. O professor deverá apresentar o assunto, fazendo explicações pertinentes a cada gênero para melhor entendimento. Poderá também, preparar slides para apresentação em data show com tópicos sobre o assunto.

Fábula, Parábola e Apólogo

Esses três tipos de texto são frequentemente confundidos devido às grandes semelhanças que possuem, mas podemos diferenciá-los também através de algumas características. Vejamos alguns conceitos:

FÁBULA: texto literário muito comum na literatura infantil. Fabular = criar, inventar, mentir. A linguagem utilizada é simples e tem como diferencial o uso de personagens animais com características humanas. Durante a fábula é feita uma analogia entre a realidade humana e a situação vivida pelas personagens, com o objetivo de ensinar algo ou provar alguma verdade estabelecida (lição moral). Utiliza personagens animais com características, personalidade e comportamento semelhantes aos dos seres humanos.

PARÁBOLA: deriva do grego *parabole* (narrativa curta). É uma narração alegórica que se utiliza de situações e pessoas para comparar a ficção com a realidade e através dessa comparação transmitir uma lição de sabedoria (a moral da história). A parábola transmite uma lição ética através de uma prosa metafórica, de uma linguagem simbólica. Diferencia-se da fábula e do Apólogo por ser protagonizada por seres humanos. Gênero muito comum na Bíblia: As parábolas de Jesus.

APÓLOGO: Gênero alegórico que ilustra um ensinamento de vida através de situações semelhantes às reais, envolvendo pessoas, objetos ou animais, seres animados ou inanimados. Os apólogos têm o objetivo de atingir os conceitos humanos de forma que os modifique e reforme, levando-os a agir de maneira diferente. Os exemplos são utilizados para ajudar a modificar conceitos e comportamentos humanos, de ordem moral e social. Diferencia-se da fábula por se concentrar mais em situações reais, enquanto a fábula dá preferência a situações fantásticas, e também pelo fato da fábula se utilizar de animais como personagens. Diferencia-se da parábola pois esta trata de questões religiosas e lições éticas, enquanto o apólogo fala de qualquer tipo de lição de vida, mesmo que esta não seja a que é adotada pela maioria como a maneira correta de agir.

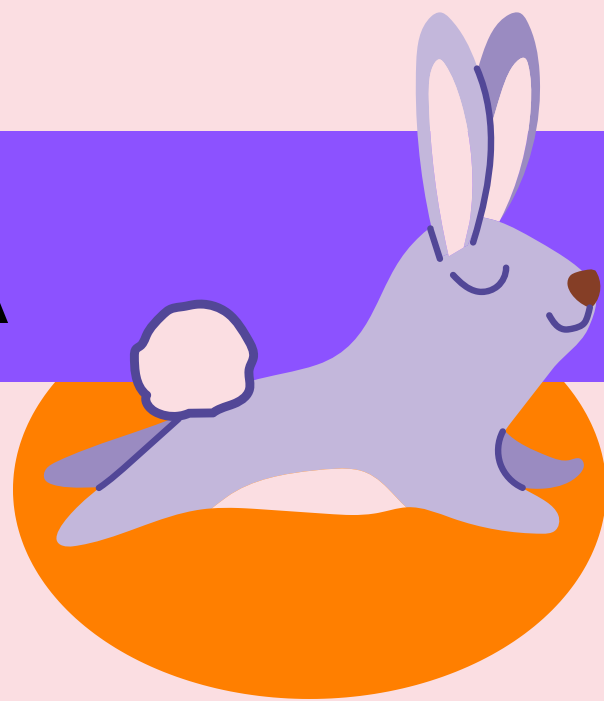
02

Após discussão do texto, propor para a turma o preenchimento do quadro abaixo **CARACTERÍSTICAS DOS GÊNEROS**. Antes disso, sugira aos alunos a pesquisa sobre os gêneros para preencher o quadro.

Fazer o gráfico em papel 40 para afixar na sala.

FÁBULAS	APÓLOGOS	PARÁBOLAS

3ª PARTE LEITURA



01

Agora que você já sabe o que é parábola e apólogo, que tal realizar a leitura deles?

APÓLOGO DA MÁSCARA

No pequeno hospital municipal da cidade de Fortaleza, existia uma máscara muito vaidosa e muito arrogante. Em uma certa manhã, um algodão lhe disse:

- Você sabe o que todo mundo está comentando?
- Do que você está falando?
- Da doença que começou a se espalhar pelo país!
- Que doença?
- Não sei ao certo, mas acho que é a gripe suína.
- Uma gripe de porco? Eu odeio animais. Espero que este hospital não atenda casos desse tipo.

Eu sou uma máscara, sou usada para cirurgias, nunca terei contato com casos desse tipo de periferia.

- Calma.
- Lugar de porco é no chiqueiro e quem estiver com essa tal gripe que vá procurar outro lugar.

Uma enfermeira entra na sala, pega a máscara e a leva para a recepção. A coitada da máscara começou a gritar, desesperadamente, quando ficou sabendo para o que seria usada. A máscara teria a importante função de proteger os seres humanos do vírus da gripe suína. O algodão, vendo o sofrimento da máscara, disse:

- Não devemos criticar algo que não conhecemos, pode ser que o destino nos aproxime de algo que hoje nós rejeitamos.

APÓLOGO DO LÁPIS E A BORRACHA

Na mesa de uma biblioteca, dentre outros instrumentos de estudo, havia um lápis e uma borracha que disputavam muito entre si, para saber quem era o mais eficiente. O lápis se gabava para a borracha: "Eu sou o melhor, faço desenhos perfeitos, redações impecáveis, tudo graças ao meu talento." "É, mas sou eu quem apaga seus erros e borrões, que aliás, não são poucos. Se não fosse por mim, o seu trabalho não teria sucesso algum. "Cara colega borracha, a sua função é secundária e portanto poderá ser dispensada facilmente. "Então acha que não tenho importância? Veremos isso em um momento de necessidade."

O lápis ficou pensativo imaginando se a borracha se negaria a corrigir suas falhas dali em diante; mas o que aconteceu foi algo diferente. Uma noite o dono da biblioteca precisou escrever um carta, o lápis ia fazendo o seu trabalho, dando forma a cada palavra, até que houve o primeiro erro e a borracha foi usada. Antes mesmo de ser conduzida ao local do erro, propositadamente apagou duas linhas inteiras.

O lápis percebendo a artimanha da colega começou a espalhar falhas por todo o texto, fazendo com que a borracha trabalhasse mais.

E assim seguiram por toda a noite até que o lápis de tanto ser apontado ficou minúsculo e a borracha de tão gasta, já não servia para apagar. O autor da carta não pensou duas vezes, e jogou aqueles dois objetos inúteis no lixo. Na tentativa de se autoafirmar o lápis e a borracha destruíram um ao outro, bem como seu orgulho e arrogância foram parar onde tinham de estar: na lata do lixo.

Disponível em: <http://jholandainglesportugues.blogspot.com/2013/05/apologo-do-lapis-e-borracha.html/> Acesso em 01 nov. 2020.

Disponível em: <http://jholandainglesportugues.blogspot.com/2013/05/apologo-do-lapis-e-borracha.html/> Acesso em 01 nov. 2020.

PARÁBOLA DO SEMEADOR (LUCAS:08)

Jesus andava de cidade em cidade, e de aldeia em aldeia, pregando e anunciando o evangelho do reino de Deus; e os doze discípulos iam com ele, Algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades também o acompanhavam. Juntando-se uma grande multidão, e vindo de todas as cidades ter com ele, contou a seguinte parábola (dependendo da faixa etária, explique o que é uma parábola. Parábola é uma história contada para explicar uma verdade, para as pessoas entenderem o que ele queria ensinar).

“Um semeador saiu a semear a sua semente e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho, e foi pisada, e as aves do céu a comeram; a plantinha nem cresceu!!!

Outra caiu sobre pedra e, nascida, secou-se, pois que não tinha umidade; (interaja com as crianças, pergunte se elas possuem plantas em casa e do que plantas precisam para viver - água).

Outra semente caiu entre espinhos, ela crescia, mas os espinhos também! E acabaram sufocando a semente e ela não conseguia produzir frutos.

A outra caiu em boa terra, e, assim quando cresceu produziu bons frutos.”

Mas os discípulos não entenderam o que Jesus estava dizendo. Vocês entenderam crianças? É um pouco difícil de entender assim né? Jesus então explicou para eles que a semente significa a palavra de Deus. a primeira semente (vocês lembram o que aconteceu com ela?) que caiu no caminho, são as pessoas que ouvem a palavra, ouvem as pregações e o que os pastores ensina, mas depois o diabo tira do coração as palavras para que deixem de acreditar naquilo. A segunda semente (quem lembra?) que cresceu com as pedras, é como se fosse as pessoas que ouvem a palavra de Deus, ficam alegres, mas logo depois isso passa. Ouvem só naquele momento e depois quando acontece algo, até se desviam. Que triste não é mesmo?!

A terceira semente, foi a que cresceu com espinhos, é semelhante as pessoas que ouvem e aprendem a palavra de Deus, mas são sufocados com as coisas do mundo. (dê exemplos do cotidiano das crianças, artistas de tv, dinheiro, etc.) A quarta e ultima semente da parábola era a semente que caiu em boa terra, essa semente, são aquelas pessoas que ouvem a palavra de Deus e guardam em seu coração. Um coração bom e honesto. O que aconteceu com essa semente? Ela deu frutos. E essas pessoas também dão frutos, frutos bons!

Disponível em; <http://mundobiblicoinfantil.blogspot.com/2018/01/hora-da-historinha-parabola-do-semeador.html/> Acesso em 01 nov. 2020.

O BOM SAMARITANO

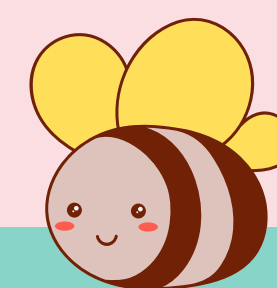
Dentre a multidão que ouvia Jesus havia um homem, um profundo conhecedor da lei. Na tentativa de ver Jesus contrariar a Lei de Moisés, ele perguntou o que deveria fazer para conseguir a vida eterna. Jesus respondeu com outra pergunta: O que estava escrito na Lei? “Ame o Senhor, seu Deus, com todo o coração. Com toda a alma, com toas as forças e com toda a mente. Ame o seu próximo como você ama a você mesmo”

Jesus lhe disse que sua resposta estava certa, que fizesse isso e viveria. Então, a fim de testá-lo, o homem perguntou: Mas quem é o meu próximo? Jesus então respondeu com uma parábola, ou seja, contou uma história: “Um homem estava descendo de Jerusalém para Jericó. No caminho alguns ladrões o assaltaram, tiraram a sua roupa, batera nele e o deixaram quase morto.

Acontece que um sacerdote estava descendo por aquele mesmo caminho e quando viu o homem quis passar pelo outro lado. Um levita (explique o que é levita) também passou por ali e desviou o caminho. Mas, um samaritano que estava viajando por aquele caminho chegou perto dele, limpou os seus ferimentos e cuidou dele. Depois levou ele para a casa onde ele estava. O samaritano deixou um dinheiro ao dono da pensão e disse que era pra cuidar do moço, na volta ele pagaria tudo o que fosse preciso.

Voltando-se para aquele homem, Jesus lhe perguntou qual daqueles três era o mais próximo do ferido. E responderam “aquele que o socorreu”. Então Jesus disse “ vá e faça a mesma coisa”.

Disponível em; <http://mundobiblicoinfantil.blogspot.com/2018/01/hora-da-historinha-parabola-do-semeador.html/> adaptado. Acesso em 01 nov. 2020.



Aqui, sugerimos que a classe seja dividida em quatro equipes. Entregue a cada uma delas a cópia de um texto para leitura (é importante realizar atendimento a cada um dos grupos, na medida do possível.)

01

Terminada a leitura em grupo, proponha que cada grupo leia para os demais o texto que foi determinado para a equipe. Após a leitura, o professor promoverá a discussão dos textos; Poderá perguntar:

Vocês gostaram dos textos apresentados?

Que tipo de texto cada equipe pegou? (Espera-se que cada equipe identifique se leu um apólogo ou uma parábola).

Qual dos textos apresentados hoje, vocês mais gostaram? Por quê? (Esse momento é importante, pois se percebe através dele se os alunos ouviram e entenderam o sentido de cada texto).

Que tipo de reflexão podemos fazer a partir desses textos? (nesse momento o professor poderá ver a temática de cada um dos textos, e abrir uma “Roda de Conversa”, para discutir de forma reflexiva o sentido do texto, explorando cada um deles de forma aprofundada, e oportunizando aos alunos expressar sua opinião sobre o que cada um retrata.

Certifique-se de que os alunos compreenderam plenamente os aspectos factuais da história e passe para a interpretação de informações implícitas no texto. Para compreender plenamente do que trata a história, não basta identificar os seus personagens e suas ações, é preciso inferir outras informações.

Em relação aos apólogos apresentados, os textos "Apólogo da Máscara" e "Apólogo do lápis e da borracha", provavelmente oportunizarão o desenvolvimento de uma discussão em sala de aula, sempre orientada pelo professor, já que ambos apresentam personagens bem conhecidos pelas crianças (lápis, borracha, máscara). A discussão é importante para o aprimoramento das ideias.

O texto, “O apólogo da máscara”, fala de uma doença e a máscara terá a importante função de proteger os seres humanos do vírus. O professor poderá fazer a analogia com o momento que vivenciamos atualmente (pandemia), permitindo às crianças ter maior liberdade para falar, pois é algo comum a todos, e assim, instigando a reflexão dos ensinamentos contidos no apólogo.

Quanto às parábolas, pergunte se os alunos já ouviram a palavra parábola em outro contexto. Pode ser que eles conheçam parábolas religiosas, já que esse é um gênero presente na Bíblia.

Explique para os alunos que a parábola é um tipo de narrativa em que se busca ensinar alguma coisa (uma verdade), mas que, para fazer isso, conta-se uma história, coloca-se uma veste bonita nela). Pergunte o que entenderam da história.

Ambas as histórias, parábolas e apólogos, apresentaram ensinamentos. No entanto, o professor poderá trabalhar os aspectos eles se diferenciam, através dos questionamentos:

a)Qual das histórias apresentam personagens inanimados?

b)Qual das histórias apresentam situações vividas por seres humanos/

c)Qual das histórias apresentam ensinamentos pautados em aspectos religiosos?

Ao final dos questionamentos sugerimos deixar claro aos alunos que:

As parábolas, transmitem ensinamentos pautados em aspectos que remetem ao religioso ou ao espiritual, em situações vividas sempre por seres humanos.

As fábulas, geralmente transferem para os animais ou seres inanimados as qualidades e sentimentos do homem, utilizando-se da alegoria.

Apólogos se concentram em situações reais e transmitem ensinamentos através apenas dos seres inanimados, ou melhor, sem vida animal ou humana.

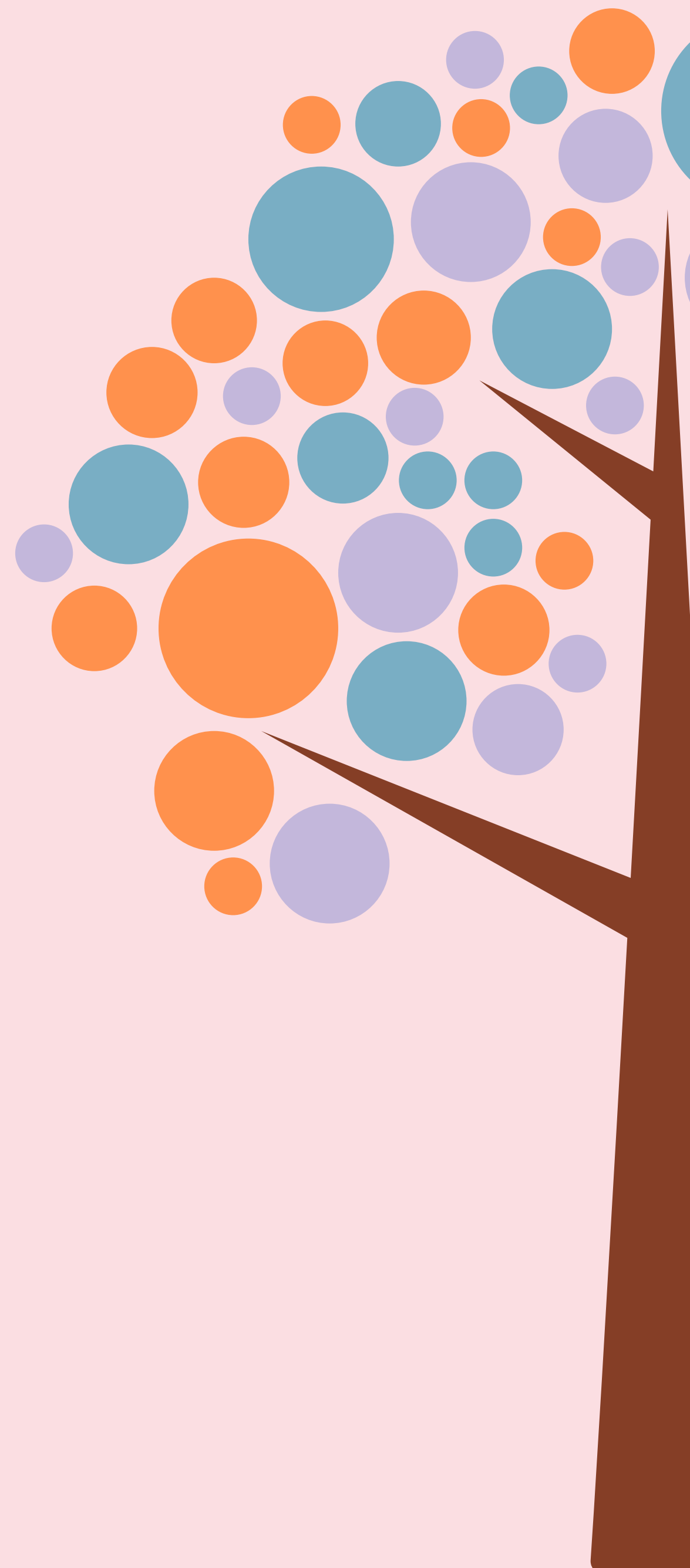
4ª PARTE INTERPRETAÇÃO



Propor para turma:

Ilustração das parábolas lidas para apresentação de cada uma, a partir das gravuras;

Apresentação dos apólogos com fantoches confeccionados pela turma



ANEXOS



Fábulas sugeridas para leitura na sequência "Conhecendo o gênero".

O Corvo e a Raposa

Um corvo pousou em uma árvore, com um gostoso pedaço de queijo no bico.

Atraída pelo cheiro do queijo, uma raposa aproximou-se da árvore. Com muita vontade de comer aquele “pedaço” de queijo, porém sem condições de subir na árvore, a raposa resolveu usar sua malandragem em benefício próprio:

- Bom dia, amigo Corvo! Saudou a raposa.

O corvo saudou-lhe, balançando com a cabeça.

- Ouvi dizer que o rouxinol tem o canto mais bonito de toda a floresta.

Mas eu aposto que se você, meu amigo, pudesse cantar, ah!, cantaria melhor do que qualquer outro pássaro

Todo cheio de si, confiante, querendo mostrar sua habilidade de cantor, o corvo abriu o bico para cantar. Foi quando o queijo caiu-lhe da boca direto no chão.

Rapidamente a raposa apanhou o pedaço e agradeceu ao corvo:

- Da próxima vez, amigo, desconfie das bajulações.

La Fontaine

MORAL DA HISTÓRIA: desconfie dos bajuladores e dos elogios não-sinceros, assim como desconfie de estranhos, pois sempre alguém pode se aproveitar de uma situação para tirar vantagem sobre você.

Disponível em:

<http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/pdf/00900.pdf>,
acesso em 10 out. 2020

O Lobo e o Cordeiro

Na água limpa de um regato, matava a sede um Cordeiro, quando, saindo do mato, veio um Lobo carniceiro.

Tinha a barriga vazia, não comera o dia inteiro.

-- Como tu ousas sujar

a água que estou bebendo?

-- rosou o Lobo, a antegozar o almoço. – Fica sabendo que caro vais me pagar!

-- Senhor – falou o Cordeiro – encareço à Vossa Alteza que me desculpeis, mas acho que vos enganais: bebendo, quase dez braças abaixo de vós, nesta correnteza, não posso sujar-vos a água.

-- Não importa. Guardo mágoa de ti, que ano passado, me destrataste, fingindo!

-- Mas eu nem tinha nascido.

-- Pois então foi teu irmão.

-- Não tenho irmão, Excelência.

-- Chega de argumentação.

Estou perdendo a paciência!

-- Não vos zangueis, desculpai!

-- Não foi teu irmão? Foi teu pai ou senão foi teu avô –

disse o Lobo carniceiro.

E ao Cordeiro devorou.

Moral da história: Onde a lei não existe, ao que parece, a razão do mais forte prevalece.

La Fontaine. Fábulas. Trad. por Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2019/08/fabula-o-lobo-e-o-cordeiro-la-fontaine.html>, acesso em 24/10/2020

A Lebre e a Tartaruga

Era uma vez uma lebre e uma tartaruga.

A lebre vivia caçoando da lerdeza da tartaruga.

Certa vez, a tartaruga já muito cansada por ser alvo de gozações, desafiou a lebre para uma corrida.

A lebre muito segura de si, aceitou prontamente.

Não perdendo tempo, a tartaruga pois-se a caminhar, com seus passinhos lentos, porém, firmes.

Logo a lebre ultrapassou a adversária, e vendo que ganharia fácil, parou e resolveu cochilar.

Quando acordou, não viu a tartaruga e começou a correr.

Já na reta final, viu finalmente a sua adversária cruzando a linha de chegada, toda sorridente.

Moral da história: Devagar se vai ao longe.

Jean de La Fontaine

<https://www.pensador.com/frase/Mjg3NTgxMA/> acesso em 24/03/2021

O Leão apaixonado

Certa vez um leão se apaixonou pela filha de um lenhador e foi pedir a mão dela em casamento. O lenhador não ficou muito animado com a idéia de ver a filha com um marido perigoso daquele e disse ao leão que era uma honra, mas muito obrigado, não queria. O leão se irritou; sentindo o perigo, o homem foi esperto e fingiu concordava:

- É uma honra, meu senhor. Mas que dentes o senhor tem! Que garras compridas! Qualquer moça ia ficar com medo. Se o senhor quer casar com minha filha, vai ter que arrancar os dentes e cortar as garras.

O leão apaixonado foi correndo fazer o que o outro tinha mandado; depois voltou à casa do pai da moça e repetiu seu pedido de casamento. Mas o lenhador, que já não sentia medo daquele leão manso e desarmado, pegou um pau e tocou o leão para fora de casa.

Esopo

Moral da história:

Quem perde a cabeça por amor, sempre acaba mal.

Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/Njg1OTI/>, acesso em 15/11/2020

A Raposa e as uvas

Uma raposa estava com muita fome. Foi quando viu uma parreira cheia de lindos cachos de uva.

Imediatamente começou a dar pulos para ver se pegava as uvas.

Mas a latada era muito alta e, por mais que pulasse, a raposa não as alcançava.

- Estão verdes - disse, com ar de desprezo.

E já ia seguindo o seu caminho, quando ouviu um pequeno ruído.

Pensando que era uma uva caindo, deu um pulo para abocanhá-la. Era apenas uma folha e a raposa foi-se embora, olhando disfarçadamente para os lados. Precisava ter certeza de que ninguém percebera que queria as uvas.

Também é assim com as pessoas: quando não podem ter o que desejam, fingem que não o desejam.

Esopo

Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=jG1e2-17cd0>>, acesso 07/01/2021.

A Raposa e a Cegonha

Um dia a raposa convidou a cegonha para jantar. Querendo pregar uma peça na outra, serviu sopa num prato raso. Claro que a raposa tomou toda a sua sopa sem o menor problema, mas a pobre cegonha com seu bico comprido mal pôde tomar uma gota.

O resultado foi que a cegonha voltou para casa morrendo de fome.

A raposa fingiu que estava preocupada, perguntou se a sopa não estava do gosto da cegonha, mas a cegonha não disse nada. Quando foi embora, agradeceu muito a gentileza da raposa e disse que fazia questão de retribuir o jantar no dia seguinte.

Assim que chegou, a raposa se sentou lambendo os beiços de fome, curiosa para ver as delícias que a outra ia servir. O jantar veio para a mesa numa jarra alta, de gargalo estreito, onde a cegonha podia beber sem o menor problema. A raposa, amoladíssima, só teve uma saída: lambe as gotinhas de sopa que escorriam pelo lado de fora da jarra. Ela aprendeu muito bem a lição.

Enquanto ia andando para casa, faminta, pensava: “Não posso reclamar da cegonha. Ela me tratou mal, mas fui grosseira com ela primeiro.”

Moral: Trate os outros tal como deseja ser tratado.

Esopo

Fábulas de Esopo. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2005.
Disponível em: <http://planetamais.com.br/view/home/>,
acesso em 08/02/2021

A assembleia dos ratos

Um gato de nome Faro-Fino deu de fazer tal destroço na rataria numa casa velha que os sobreviventes, sem ânimo de sair das tocas, estavam a ponto de morrer de fome.

Tornando-se muito sério o caso, resolveram reunir-se em assembleia para o estudo da questão. Aguardaram para isso certa noite em que Faro-Fino andava aos mios pelo telhado, fazendo sonetos à lua.

- Acho – disse um deles – que o meio de nos defendermos de Faro-Fino é lhe atarmos um guizo ao pescoço. Assim que ele se aproxime, o guizo o denuncia e poma-nos ao fresco a tempo.

Palmas e bravos saudaram a luminosa idéia. O projeto foi aprovado com delírio. Só votou contra, um rato casmurro, que pediu a palavra e disse – Está tudo muito direito. Mas quem vai amarrar o guizo no pescoço de Faro-Fino?

Silêncio geral. Um desculpou-se por não saber dar nó. Outro, porque não era tolo. Todos, porque não tinham coragem. E a assembleia dissolveu-se no meio de geral consternação.

Monteiro Lobato

Dizer é fácil; fazer é que são elas!
<https://contobrasileiro.com.br/a-assembleia-dos-ratos-fabula-de-monteiro-lobato/> acesso em 24/01/2021

A Galinha dos ovos de ouro

João Impaciente descobriu no quintal uma galinha que punha ovos de ouro. Mais um por semana, apenas. Louco de alegria, disse à mulher:

- Estamos ricos! Esta galinha traz um tesouro no ovário. Mato-a e fico o mandão aqui das redondezas.

- Por que matá-la, se conservando-a você obtém um ovo de ouro de sete em sete dias?

- Não fosse eu João Impaciente! Quer que me satisfaça com um ovo por semana quando posso conseguir a ninhada inteira num momento?

Dentro dela só havia tripas, como nas galinhas comuns, e João Impaciente, logrado, continuou a marcar passo a vida inteira, morrendo sem vintém.

Moral: Quem não sabe esperar, pobre há de acabar.

Monteiro Lobato, Fábulas
<http://textosmudo.blogspot.com/2009/10/galinha-dos-ovos-de-ouro.html>, acesso em 23/01/2021.

A Coruja e a Águia

Coruja e águia, depois de muita briga resolveram fazer as pazes.

– Basta de guerra – disse a coruja.

– O mundo é grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

– Perfeitamente – respondeu a águia.

– Também eu não quero outra coisa.

– Nesse caso combinemos isso: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

– Muito bem. Mas como posso distinguir os teus filhotes?

– Coisa fácil. Sempre que encontrares uns borrachos lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheios de uma graça especial, que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

– Está feito! – concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrenghos dentro, que piavam de bico muito aberto.

– Horríveis bichos! – disse ela. – Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi ajustar contas com a rainha das aves.

– Quê? – disse esta admirada. – Eram teus filhos aqueles monstrenghinhos? Pois, olha não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Moral da história: Para retrato de filho ninguém acredite em pintor pai. Já diz o ditado: quem ama o feio, bonito lhe parece.

Monteiro Lobato

Disponível em: <https://contobrasileiro.com.br/a-coruja-e-a-aguia-fabula-de-monteiro-lobato/>, acesso em 24/01/2021

AUTORA E ORIENTADOR

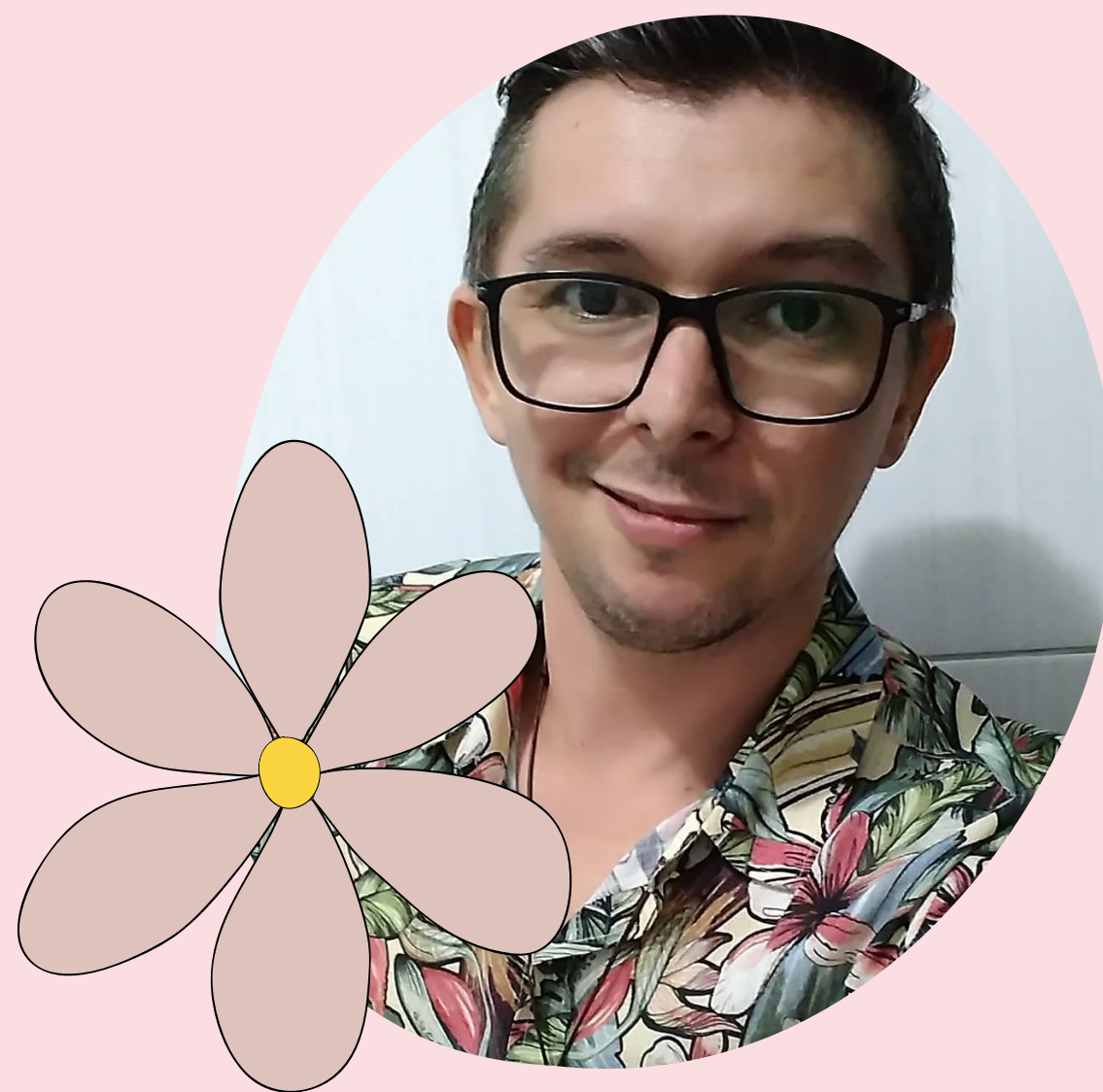


LUCIANA DA SILVA

Mestranda em Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG/CFP) Campus de Cajazeiras-PB (2021). Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (1994). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) (2005). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Patos (FIP) (2003). Especialista em Gestão Escolar pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) (2010). Atualmente exerce a função de professora da E.M.E.I.E.F Costa e Silva - Cajazeiras - PB.

Prof Dr. Marcílio Garcia de Queiroga

Possui Mestrado em Literatura e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (2005) e Doutorado em Estudos da Tradução pela Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET), da Universidade Federal de Santa Catarina. Seu interesse reside nas seguintes áreas de pesquisa: ensino e aprendizagem de língua inglesa, tradução de literatura infantojuvenil, voz do tradutor, estudos com base em corpora e tradução e ensino.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa investigamos a relevância da literatura infantil nas séries iniciais do ensino fundamental com vistas à formação de leitores literários proficientes. O interesse em abordar esta temática surgiu da nossa experiência ao longo dos anos em sala de aula, convivendo com esta realidade que afeta os nossos educandos no processo educacional: a dificuldade de compreender o que leem, ou seja, os alunos não apreendem o sentido do texto, fator que desemboca numa série de problemas, frustrações e impedem resultados positivos quando da realização de exames que exijam tal competência.

A maior parte dos educandos apresenta dificuldade de entender a mensagem que o texto traz, atendo-se à superficial decodificação das letras, sem praticar a leitura ativa, reflexiva e com autonomia. Esta dificuldade de compreensão da leitura, já é percebida nas séries iniciais e se agrava, à medida que, a complexidade da leitura vai aumentando de acordo com cada nível de ensino. Dessa forma, muitos alunos acabam criando rejeição ao ato de ler e terminam afastando-se do mundo da leitura, comprometendo a sua formação leitora.

Face ao exposto, nos inquietamos com esta problemática e nos questionamos como podíamos colaborar para despertar em nossos alunos o gosto pela leitura, como ajudá-los a desenvolver uma prática leitora efetiva, autônoma e torná-los leitores proficientes, capazes de atuar de forma significativa em uma sociedade eminentemente letrada. Além disso, observamos por outro lado que, quando a leitura é apresentada desde cedo à criança de forma prazerosa e motivadora, ela tende a despertar o encantamento pelas histórias e conseqüentemente a criança passará a querer ler cada vez mais, fato que poderá levá-la a ser um leitor ativo. Daí a importância de já nas séries iniciais a questão da leitura ser valorizada, dinamizada pela escola, e neste contexto, apresentar aos pequenos o vasto universo da literatura infantil.

Dessa forma, observamos que um dos gêneros que tem mais aceitabilidade para as crianças nas séries iniciais é a fábula, visto apresentarem narrativas breves, caráter lúdico, fantástico e apresentar temas sempre atuais relativos à natureza humana. Desta forma, vislumbramos através da proposta apresentada trabalhar o texto literário em sala de aula, de forma a despertar o gosto pela leitura literária, pois

este gênero oferece-nos um leque de possibilidades para desenvolver um trabalho profícuo em sala de aula das séries iniciais.

Partindo desse desejo de desenvolver uma pesquisa que subsidiasse os professores em relação à formação leitora dos alunos, elaboramos um caderno pedagógico baseado no letramento literário com sequências básicas diversificadas e que buscam aproximar através das fábulas as crianças à leitura literária.

Ressaltamos que, o programa PROFLETRAS nos permitiu de forma significativa um novo olhar em relação à prática profissional e nos possibilitou o amadurecimento de ideias e concepções. Foi um rico aprendizado através das teorias, seminários, discussões, reflexões em sala de aula, que muito contribuíram para uma formação mais consistente. Destacamos a importância de conhecer as diferentes teorias que embasam nosso trabalho pedagógico, permitindo-nos, assim, trabalhar de forma indissociável teoria e prática. Quanto à elaboração do material proposto, esperamos que seja útil aos profissionais que irão trabalhar com nossas sugestões de atividades, que os motive a aplicá-las e que realmente ajude-os nessa missão de formar leitores.

Por fim, esperamos que a proposta ofertada vá ao encontro da melhoria esperada da formação do leitor literário, uma vez que a metodologia utilizada está de acordo com uma prática pedagógica que conduz o discente ao entendimento do texto, visando a ampliação da proficiência leitora, transformando o aluno em um sujeito capaz, crítico e autônomo na sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **Leitura literária e escola**. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et alli (Org). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil*. 2ª ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. pp. 235-56.
- ALVES, Luiza Maria Leite Machado. **Leitura de fábulas e escrita: percurso de subjetivação ética do aluno-professor**. Taubaté: UNITAU, 2007.
- ANDRADE, Leyliane da Costa;PINTO, Alexandra Tereza Cava. **Literatura: leitura e análise das fábulas de Monteiro Lobato**. 2017, 53pp (Monografia). Centro Universitário Católico salesiano *Auxilium* – UniSALESIANO, Lins-SP,2017.
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental I. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola: o que é e como se faz**. 23 ed. São Paulo: Loyola, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 31 de agosto de 2020.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Língua Portuguesa. Ensino Fundamental. Terceiro e quart ciclos. Brasília: MEC/SEF, 1988.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 8.ed, Petrópolis, RJ:vozes, 2012.
- CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo, S.P.: Editora Brasiliense S.A., 1986.
- CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo, S.P.: Editora Brasiliense S.A., 1987.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. 1ª ed. São Paulo: Moderna 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 4 ed.rev. São Paulo: Ática, 1991.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

COSTA, Marta Morais da. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Intersaberes, 2013

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Como ensinar literatura infantil**: para os colégios normais. Belo Horizonte: Bernardo Álvares. 1968.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil**: Teoria & Prática. São Paulo, SP: Ática, 1991.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin. A fábula. In: DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (org.). **A tradição da Fábula**: de Esopo a La Fontaine. Brasília: Editora da UNB: São Paulo: Imprensa Oficial, 2003.

DEZOTTI, Maria Celeste Consolin (organizadora). **A tradição da Fábula**: de Esopo a La Fontaine. – Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2018.

FERNANDES, Mônica Teresinha Ottoboni Sucar. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: narrar: fábula. São Paulo: FTD, 2001.

FERNANDES, Ana Malfada de Almeida. **Da fábula ao imaginário infantil: recepção interpretativa pelas crianças de uma história tradicional**. UdeMIEP. 2008. Disponível em < www.knoow.net/monografia/.../dafabulaoimagininfantil.htm >. Acesso em: 22 jun. 2012.

FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5ª ed. São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf. Acesso em 15/10/2020.

KLEIMAN, A. **Texto e Leitor: Aspectos cognitivos da Leitura**. Campinas: Pontes, 1989.

LA FONTAINE, J. **Fábulas de La Fontaine**. Tradução de Milton Amado e Eugênio Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989. 2 v.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1991.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1999.

LIMA, Renan de Moura Rodrigues e ROSA, Lúcia Regina Lucas da. **O uso das fábulas no Ensino Fundamental para o Desenvolvimento da linguagem oral e escrita**. Revista Cippus. Vol. 1. Maio 2012.

LOBATO, Monteiro. **Conferências, artigos e crônicas**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

MACHADO, Irene de Araújo. **Literatura e redação: os gêneros literários e a tradição oral**, 4 ed. São Paulo: Scipione, 1994.

MARMORALE, Enzo V. **História da literatura latina**. 2 v. Lisboa: Estudios cor, 1974.

MATOS, Gislayne Avelar; SORSY, Inno. **O ofício do contador de histórias; perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martin Fontes. 2009.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MENEGASSI, Renilson José. **Leitura e ensino**. Curso de formação de professores EAD n. 19. Maringá: UEM, 2005.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1999.

NASCIMENTO, F. S.; SCARELI, G. **As fábulas na contemporaneidade: um estudo sobre “O lobo e o cão” de Esopo**. In: V Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”, São Cristóvão – SE. Anais... São Cristóvão: V Colóquio Internacional, 2011.

OLIVEIRA, Maria Angélica de. **Caminhos da fábula: literatura e poder**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. **História do ensino de literatura na formação de professores do estado de São Paulo (1947 – 2003)** [recurso eletrônico], 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PORTELLA, O.de O. **A fábula**. Revista Letras, Curitiba, PR. 1983.

PEREIRA, Silvana Cristina Bergamo. **Fábula**. Secretaria de Estado da Educação – SEED. Superintendência da Educação – SUED. Diretoria de Políticas e Programas Educacionais – DPPE. Programa de Desenvolvimento Educacional – PDE. 2008.

PRADANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo. Freevale, 2013.

ROBLES, Frederico. **Ensayo de um dicionário de la literatura**. 2 ed. Madrid: Aguilar, S.A. Ediciones, 1954.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos: escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. 2 ed., São Paulo: Mestre Jou, 1970

SALEM, Nazira. **História da literatura infantil**. 2 ed., São Paulo: Mestre Jou, 1984.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVAGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Organizadoras). **Escolarização da leitura literária**. 2 ed., 3ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (pp. 17 - 48).

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

SOUSA, Manuel Aveleza. **Interpretando algumas fábulas de Esopo**. Rio de Janeiro: Thex Editora, 2003.

ZILBERMAN, R., LAJOLO, M. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira, história, autores e textos**. São Paulo: Global. 1991.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2005.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. **Multiplicidade dos signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil**. 2ª ed. Caxias do Sul, RS, Educs: 2010.

WEBSITES CITADOS

ARAUJO, Ana Paula de. **Fábula, Parábola e Apólogo**. Info Escola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/redacao/fabula-parabola-e-apologo/>> Acesso em 04, nov. 2020.

Biografia de Jean de La Fontaine. Pensador. Disponível em: < https://www.pensador.com/autor/jean_de_la_fontaine/biografia>. Acesso em 10 de nov. 2020.

ESOPO. **A cigarra e a formiga**. Cultura genial. Disponível em< <https://www.culturagenial.com/a-cigarra-e-a-formiga/>>. Acesso em 8 nov. 2020.

ESOPO. **A formiga e a pomba**. Mundo das mensagens. Disponível em <https://www.mundodasmensagens.com/pesquisa.php?q=a+formiga+e+apomba>>. Acesso em 29 nov. 2020.

ESOPO. **O leão apaixonado**. Pensador. Disponível em < <https://www.pensador.com/frase/Njg1OTI>> Acesso em: 15 nov. 2020.

FONTAINE, Jean de La. **A lebre e a tartaruga**. Pensador. Disponível em <https://www.pensador.com/frase/Mjg3NTgxMA/> >. Acesso em 24 mar. 2021.

Hora da historinha: **Parábola do semeador**. Mundo Bíblico Infantil. Disponível em:< <http://mundobiblicoinfantil.blogspot.com/search?q=o+seeador>>. Acesso em 01 nov. 2020.

Hora da historinha: **O bom samaritano**. Mundo Bíblico Infantil. Disponível em: <http://mundobiblicoinfantil.blogspot.com/search?q=o+bom+samaritano> >. Acesso em 01 nov. 2020.

IAN, Freitas de. **O Lápis e a Borracha**. Recanto das Letras. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/redacoes/1785412> >. Acesso em 01 nov. 2020.

Imagens usadas. Unsplash. Disponível em: < <https://unsplash.com/> >. Acesso em 29 nov. 2020.

Imagens usadas. Canva. Disponível em: < https://www.canva.com/pt_br/q/pro/> Acesso em 29 nov. 2020.

LOBATO, Monteiro. **A assembleia dos ratos**. Conto Brasileiro. Disponível em: < <https://contobrasileiro.com.br/?s=a+assembleia+dos+ratos>> Acesso em 24 jan. 2021.

LOBATO, Monteiro. **A galinha dos ovos de ouro**. Textos mudo. Disponível em: < <https://textosmudo.blogspot.com/search?q=a+galinha+dos+ovos+de+ouro>> Acesso em 23 jan. 2021.

LOBATO, Monteiro. **A coruja e a águia**. Disponível em: < <https://contobrasileiro.com.br/?s=a+coruja+e+a+%C3%A1guia>> Acesso em 24 jan. 2021.

LOBO, Maria de Fátima. **O que são fábulas**. Contando historinhas. Disponível em:< <http://contando-historinhas.blogspot.com/>>. Acesso em 10 nov. 2020.

SOUZA, Elaine Barbosa de. **Monteiro Lobato**. Sua Pesquisa.com. Disponível em: <
<https://www.suapesquisa.com/biografias/monteirolobato/>>. Acesso em 10 nov. 2020.

VIANA, Jonas. **Apólogo da máscara**. Disponível em: <
<https://www.recantodasletras.com.br/infantil/2469396>> Acesso em 01 nov. 2020.